ISSN - 2184-7045

REVISTA *da Casa de Goa*

II Série - Número 7 - Nov/Dez 2020

II Series - Issue 7 - Nov/Dec 2020

Molém sob ameaça | *Mollem under threat*

Ficha Técnica

II Série, Número 7, Novembro-Dezembro 2020

Diretor
Vasco Soares da Veiga

Conselho Editorial
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Colaboradores Residentes
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Colaboram neste número
António Gomes (EUA)
Brian de Souza (Goa)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Damodar Mauzó (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Ivo Álvares Furtado (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
José Filipe Monteiro (Portugal)
José Manuel M. Fernandes (Portugal)
José Maria Miranda (Goa)
José Salvador Rodrigues (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Publicação bimestral (seis números por ano), versão em PDF, disponível online

Design/Diagramação
Juliano Martins Mariano

Assistente Editorial
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisboa.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa.
ISSN 2184-7045

Sucede aos números anteriores de (ordem alfabética) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter e Revista da Casa de Goa, publicados entre 1989 e 2019.

Publicidade comercial - contacto: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Capa: Santuário de Vida Selvagem de Molém, atualmente sob séria ameaça (cortesia: Rajtilak Naik)

Technical Datasheet

II Series, Issue 7, November-December 2020

Director
Vasco Soares da Veiga

Editorial Board
José Filipe Monteiro (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Resident Contributors
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
Mário Viegas (Portugal)

Contributors to this issue
António Gomes (USA)
Brian de Souza (Goa)
Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)
Damodar Mauzó (Goa)
Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)
Ivo Álvares Furtado (Portugal)
Joe D'Souza (Goa)
José Filipe Monteiro (Portugal)
José Manuel M. Fernandes (Portugal)
José Maria Miranda (Goa)
José Salvador Rodrigues (Portugal)
Luis Pereira da Silva (Portugal)
Mário Viegas (Portugal)
Óscar de Noronha (Goa)
Valentino Viegas (Portugal)

Bimonthly publication (six issues per year), PDF version, available online

Design/Layout
Juliano Martins Mariano

Editorial Assistant
Juliano Martins Mariano
Calçada do Livramento, 17, 1350-188 Lisbon.
Tel. 21 393 00 78 / 915 057 477
E-mail: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt
www.casadegoa.org

@ Casa de Goa
ISSN 2184-7045

This publication follows previous issues of (alphabetic order) Boletim da Casa de Goa, Boletim Informativo, DEKH, Goa, Newsletter, and Revista da Casa de Goa, published between 1989 and 2019.

Commercial advertising - contact to: casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Cover: Mollem Wildlife Sanctuary, currently under serious threat (courtesy: Rajtilak Naik)

NORMAS EDITORIAIS

A Revista da Casa de Goa é o órgão oficial da Casa de Goa.

Contém secções regulares abaixo indicadas, nas quais os artigos podem ter limite máximo de palavras e figuras.

1.Capa

2.Conteúdo

2.1.Editorial

2.2.Secções

2.2.1. Artigo Original (limite de 4000 palavras e 8 figuras)

2.2.2. Goeses ilustres (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.3. Personalidade (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.4. Opinião ou Crónica (limite de 1500 palavras)

2.2.5. Conto (limite de 1500 palavras e 1 figura)

2.2.6. Ecologia e Ambiente (limite de 2000 palavras e 4 figuras)

2.2.7. Cantinho do Concani (limite de 2000 palavras)

2.2.8. Entrevista (limite de 2500 palavras e 4 figuras)

2.2.9. Carta ao Diretor (limite de 400 palavras e 1 figura)

2.2.10. Noticiário (limite de 250 palavras e 1 figura por notícia)

Normas de publicação

Os artigos submetidos devem versar temas relacionados com investigação, preservação e divulgação da identidade cultural de Goa, Damão e Diu.

Os artigos são submetidos à aprovação do Diretor, enviados por correio eletrónico para casadegoa@sapo.pt / geral@casadegoa.pt

Língua de publicação: a revista é bilingue – são aceites artigos em português (novo acordo ortográfico é opcional) e inglês; o Conselho Editorial reserva-se o direito de rever aspetos formais, nomeadamente o português e o inglês. Exceção é feita ao Espaço do Concani, para artigos publicados em concani romano com a tradução para português.

Se algum artigo original exceder o limite de palavras, este poderá ser publicado em partes, em números consecutivos da Revista. Em casos excecionais e por decisão editorial, o limite de palavras figuradas pode exceder o acima referido.

Pontualmente poderão ser adicionadas outras secções, de acordo com o tipo específico dos artigos (depoimento, poema, etc).

Os artigos devem conter um Resumo (português) e Abstract (inglês) com limite de 150 palavras, respetivamente, não sendo obrigatório para artigos com menos de 1500 palavras. Se o autor não estiver à vontade para escrever em ambos idiomas, a Revista compromete-se a traduzir no idioma diferente ao da versão integral do artigo.

Todos os artigos submetidos são sujeitos à apreciação pelo Conselho Editorial, podendo ser aceites sem alterações, sujeitos a alterações sugeridas, ou não aceites.

A publicidade comercial é paga

Distribuição e divulgação: distribuída por correio eletrónico aos sócios da Casa de Goa, associações de goeses da diáspora e jornais em Goa. A revista é de livre acesso e de divulgação livre.

NEWSLETTER

Publicada sem periodicidade regular, intercalar aos números regulares, de acordo com a oportunidade e necessidade de divulgação mais urgente de conteúdos, quer pela Casa de Goa, quer por instituições afins.

EDITORIAL INSTRUCTIONS

The Revista da Casa de Goa is the official magazine of Casa de Goa.

It contains regular sections as given below, in which articles may have a limit of words and illustrations.

1.Cover

2.Content

2.1.Editorial

2.2.Sections

2.2.1. Original Article (word limit 4000, maximum six ilustrations)

2.2.2. Outstanding Goans (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.3. Personality (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.4. Opinion or Feature (word limit 1500)

2.2.5. Short Story (word limit 1500, maximum one illustration)

2.2.6. Ecology and Environment (word limit 2000, maximum four illustrations)

2.2.7. Konkani Corner (word limit 2000)

2.2.8. Interview (word limit 2500, maximum four illustrations)

2.2.9. Letter to the Director (word limit 400, maximum one illustration)

2.2.10. News (word limit 250, maximum one illustration per new)

Publication Norms

Articles submitted for publication should address topics related to research, preservation and dissemination of the cultural identity of Goa, Damão and Diu.

Articles are to be emailed to the Director at casadegoa@sapo.pt for approval.

Language of publication: The magazine is bilingual - articles are accepted in Portuguese (new spelling agreement is optional) and English; The Editorial Board reserves the right to review formal aspects, namely Portuguese and English. An exception is made for the Konkani Corner, dedicated to articles published in Konkani language in Roman script, with translation into Portuguese.

If an original article exceeds the word limit, it may be published in parts, in consecutive issues of the Revista da Casa de Goa. In exceptional cases and according to the editorial decision, the limit of words and illustrations may exceed the aforementioned.

Other sections may be added occasionally, according to the specific type of articles (testimony, poem, etc.).

Articles must contain Resumo (Portuguese) and Abstract (English) in up to 150 words, respectively, not mandatory for articles with less than 1500 words. If the author is not skilled in writing in both languages, the Revista da Casa de Goa undertakes to translate to the other language based on the full version of the article.

Articles submitted for publication are subject to review by the Editorial Board and may be accepted without changes, or subject to suggested changes, or not accepted at all.

Advertising of commercial nature is payable.

Distribution and dissemination: distributed by e-mail to members of Casa de Goa, Goa Diaspora associations and newspapers in Goa. This is an open access magazine, free to share.

NEWSLETTER

It will be published without regular periodicity, in between the regular issues, according to the opportunity and need for more urgent information, either by Casa de Goa or by related institutions.

ÍNDICE | TABLE OF CONTENTS

Página
Page

EDITORIAL

A Revista da Casa de Goa vai de vento em popa | The Revista da Casa de Goa moves ahead full sail – *José Salvador Rodrigues* **6-7**

Um reconhecido agradecimento aos Autores | Heartfelt thanks to our Writers – *Luís Pereira da Silva* **8-9**

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

The lesser known feasts of Goa: the Handi at Maina – Curtorim | As festas menos conhecidas de Goa: a Handi de Maina – Curtorim - *Celina de Vieira Velho e Almeida* **10-14**

Serviços de abastecimento de água em Goa | Water Supply Services in Goa - *Francisco da Purificação Monteiro* **15-17**

A Escola Médico-Cirúrgica de Goa e a sua importância para a história da medicina portuguesa | The Goa Medical School and its importance for the history of Portuguese medicine – *José Filipe Monteiro* **18-30**

DEPOIMENTO | TESTIMONY

A Escola Médico-Cirúrgica de Goa no meu Álbum de Família | The Escola Médico-Cirúrgica de Goa in my Family Álbum - *Ivo Álvares Furtado* **31-40**

GOESES ILUSTRES | OUTSTANDING GOANS

Acharya Dharmananda Damodar Kosambi - *Francisco da Purificação Monteiro* **41-43**

PERSONALIDADE | PERSONALITY

Rosário António de Figueiredo: um valor da nossa comunidade | Rosário António de Figueiredo: a man of worth of our community – *Mário Viegas* **44-46**

CRÓNICA | FEATURE

Demography will change the Goa of the 21st century | A demografia irá mudar a Goa do século XXI - *Brian de Souza* **47-48**

Pausas de leitura | Reading breaks - *José Manuel M. Fernandes* **49-50**

CONTO | SHORT STORY

De Goa a Bombaim: uma viagem de equívocos | A journey from Goa to Bombay gone awry – *António Gomes* **51-56**

Vou fazer anos | I'll celebrate my birthday – *Valentino Viegas* **57-59**

ECOLOGIA E AMBIENTE | ECOLOGY AND ENVIRONMENT

Goa está a ser desfigurada a olhos vistos | Goa is being systematically destroyed – *José Maria Miranda* **60-63**

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Moronn iena mhunn... | Porque não vem a morte... - *Damodar Mauzó* **64-70**

ENTREVISTA | INTERVIEW

Interview with Sónia Shirsat | Entrevista a Sónia Shirsat – *Óscar de Noronha* **71-74**

PRÓXIMOS NÚMEROS | UPCOMING ISSUES

ARTIGOS ORIGINAIS | ORIGINAL ARTICLES

Corpo de S. Francisco Xavier: observação médica e sua evolução ao longo dos tempos (1556-1974) | Body of S. Francis Xavier: medical observation and its evolution over time (1556-1974) - *José Filipe Monteiro*

The Epiphany celebrations in Goa: Part I - Cuelim | As celebrações de Epifania em Goa: Parte I - Cuelim - *Celina de Vieira Velho e Almeida*

Lisboa – Goa: A primeira travessia aérea em Novembro de 1930 | Lisbon - Goa: The first air crossing in November 1930 - *Francisco da Purificação Monteiro*

GOESES ILUSTRES | OUTSTANDING GOANS

Bernardo Peres da Silva: Primeiro e único Governador Goês do Estado da Índia | Bernardo Peres da Silva: The first and only Goan Governor of Portuguese India - *Francisco da Purificação Monteiro*

ECOLOGIA | ECOLOGY

Unhealthy, unsustainable development killing GOA and Goans | Desenvolvimento insustentável e nocivo matando Goa e os goeses - *Joe D'Souza*

CANTINHO DO CONCANI | KONKANI CORNER

Nillu - *Sheela Kolambkar*

CRÍTICA DE LIVRO | BOOK REVIEW

"Era uma vez em Goa" de Paulo Varela Gomes | "Once upon a time in Goa" by Paulo Varela Gomes - *José Filipe Monteiro*

CRÓNICA | FEATURE

Pangim da minha infância | Pangim of my childhood – *Óscar de Noronha*

HOMENAGEM | TRIBUTE

Viver a fé com obras: recordar as vítimas da Gripe Espanhola de 1918 em Raia e Rachol – Goa | Faith without works is dead: remembering victims of Spanish Flu in 1918 in Goa – *Margarida Távora*

CONTO | SHORT STORY

Monções | Monsoons – *Valentino Viegas*

ENTREVISTA | INTERVIEW

Inteview with Alfredo Lobato de Faria | Entrevista a Alfredo Lobato de Faria – *Óscar de Noronha*

A REVISTA DA CASA DE GOA VAI DE VENTO EM POPA

THE REVISTA DA CASA DE GOA MOVES AHEAD FULL SAIL

José Salvador Rodrigues

Vice-Presidente da Casa de Goa

Vice-Presidente of Casa de Goa

Escrevo como membro da Direção da Casa de Goa.

Em primeiro lugar cabe-me reconhecer a notável transformação da Revista da Casa de Goa desde que o novo Conselho Editorial tomou posse em Novembro de 2019.

Se a Direção da Casa de Goa deu total independência editorial aos membros do Conselho Editorial, estes retribuíram mantendo-se fiéis à defesa da identidade cultural de Goa, Damão e Diu e elevando a qualidade da Revista. O Conselho Editorial adotou uma estratégia arrojada, não só mantendo os fiéis colaboradores em Portugal, mas ainda atraindo prestigiados autores de Goa e da diáspora e passando a revista a ser publicada também em inglês para ser inteligível à maioria dos goeses espalhados pelo mundo. Graças a essa atração de colaboradores, a Revista manteve a regularidade e pontualidade da publicação e diversificou os temas, balanceando entre a pesquisa histórica e assuntos de relevância atual, como as graves ameaças ambientais que Goa enfrenta.

Neste número, convido à leitura de:

- Dois excelentes artigos sobre a história da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Goa, uma apreciação

I write as a member of the Managing Board of Casa de Goa.

At the outset I am happy to note the remarkable transformation of the Revista de Casa de Goa after a new Editorial Board took charge in November 2019.

While the Managing Board of Casa de Goa has accorded complete editorial independence to the members of the Editorial Board, for their part they have reciprocated by faithfully defending the cultural identity of Goa, Damão and Diu and helping raise the standard of the magazine. The Editorial Board adopted a bold strategy, of not only retaining its loyal contributors from Portugal but also attracting well known writers from Goa and the Diaspora, besides, of course, publishing the magazine in English as well, to make it accessible to most Goans from around the world. Thanks to this partnering, the magazine has come out punctually, covering a variety of themes that strike a balance between historical research and subjects of topical interest, such as the serious environmental threats that Goa is confronted with.

In this issue I invite you to read:

- *Two excellent pieces on the history of the former*

crítica de José Filipe Monteiro e um testemunho de Ivo Álvares Furtado;

- De Celina Velho e Almeida, uma pesquisa sobre as festas populares menos conhecidas de Goa;

- De Francisco da Purificação Monteiro, a interessante história dos serviços de abastecimento de água em Goa e um apontamento sobre Acharya Kosambi, proeminente linguista goês e um estudioso do Budismo;

- A memória de Rosário de Figueiredo, um esquecido desportista que brilhou em Moçambique, contada por Mário Viegas;

- Duas crónicas interessantes, de Brian de Souza sobre a mudança demográfica inexorável em Goa e, de José Manuel Fernandes, o convite para, numa pausa de leitura, se saborear o livro de um autor goês;

- Dois contos aprazíveis, com mensagens subjacentes, "De Goa a Bombaim" de António Gomes e "Vou fazer anos" de Valentino Viegas;

- Um aviso de José Maria Miranda, qual alarme sonante, sobre três ameaças bem identificadas em Goa, levadas a cabo por interesses económicos, com a conivência dos atuais políticos;

- A agradável entrevista conduzida por Óscar de Noronha a Sónia Shirsat, a voz do fado em Goa.

- Deixei para o fim o cantinho dedicado à língua mãe de Goa, inaugurado com um conto da autoria de Damodar Mauzó, proeminente contador de histórias em concani, com transliteração para concani romano e tradução para português.

É caso para dizer que Revista da Casa de Goa vai de vento em popa!

Medical-Surgical School of Goa, one being a critical article by José Filipe Monteiro and the other, a first-hand account by Ivo Álvares Furtado;

- *The article by Celina Velho e Almeida, on Goa's lesser-known popular festivals;*

- *The interesting history of public water supply services in Goa, and a note on prominent Goan linguist and scholar of Buddhism, Acharya Kosambi, by Francisco Monteiro;*

- *The evoking of the memory of Rosário de Figueiredo, a forgotten sportsman who shone in Mozambique, by Mário Viegas;*

- *Two interesting features, one by Brian de Souza, on the inexorable demographic change in Goa, and the other by José Manuel Fernandes, who invites you to savour a book by a Goan author;*

- *Two charming short stories, with underlying messages, "From Goa to Bombay" by António Gomes and "I'll celebrate my birthday" by Valentino Viegas;*

- *José Maria Miranda's strong word of warning, which is like a cry of revolt against three well identified environmental threats in Goa, fuelled by economic interests and carried out with the connivance of current politicians;*

- *A pleasant interview by Óscar de Noronha with Sónia Shirsat, the voice of fado in Goa;*

- *Last but not least, a corner dedicated to the mother tongue of Goa and inaugurated with prominent storyteller Damodar Mauzo's short story in Konkani, transliterated into Roman script and translated into Portuguese, exclusively for our magazine.*

So it is only fair to say that the Revista da Casa de Goa is moving ahead full sail!

Um reconhecido agradecimento aos autores

Heartfelt thanks to our writers

Luís Pereira da Silva

Editor Associado

Associate Editor

Tem sido expresso pelos leitores o crescente interesse pela Revista da Casa de Goa, desde que esta foi reformulada, quando se iniciou a II Série, em Novembro-Dezembro de 2019.

Estando a terminar o ano de 2020, a Revista da Casa de Goa expressa o reconhecido agradecimento a todos os Autores que de Portugal, de Goa e da Diáspora, nesta II Série foram decisivos para elevar a qualidade da Revista, com o seu excelente contributo, ao enviarem artigos de pesquisa histórica, crónicas e opiniões, testemunhos, contos, poemas, entrevistas e, mesmo, editoriais.

O Conselho Editorial faz questão de agradecer o incondicional apoio da Direção da Casa de Goa e espera continuar a contar com a confiança e independência editorial conferidas por futuras direções.

Readers have expressed growing interest in Revista da Casa de Goa ever since it was redesigned as Series II, beginning with the issue of November-December 2019.

As the year 2020 comes to a close, the Revista da Casa de Goa, expresses heartfelt thanks to all the Writers from Portugal, Goa and the Diaspora, for their decisive contribution towards raising the journal's standards, with articles of historical research, features stories and opinion pieces, testimonies, short stories, poems, interviews and even editorials.

The Editorial Board wishes to thank the Management of Casa de Goa for their unconditional support and hopes to gain favour and editorial independence with future management boards as well.

Por ordem alfabética | *In alphabetical order*

Adelino Rodrigues da Costa (Portugal)

António Gomes (EUA | USA)

Bicaji Ganecar (Goa)

Brian de Souza (Goa)

Celina de Vieira Velho e Almeida (Goa)

Damodar Mauzó (Goa)

Daniel Gouveia (Portugal)

Dhruv Usgaonkar (Goa)

Francisco da Purificação Monteiro (Portugal)

Grupo Ekvat (Portugal)

Henrique Machado Jorge (Portugal)

Ivo Álvares Furtado (Portugal)

Joe D'Souza (Goa)

José Filipe Monteiro (Portugal)

José Manuel M. Fernandes (Portugal)

José Maria Miranda (Goa)

José Salvador Rodrigues (Portugal)

José Venâncio Machado (Portugal)

Luis Pereira da Silva (Portugal)

Manuel Vieira Pinto (Portugal)

Maria Virgínia Brás Gomes (Portugal)

Mário Viegas (Portugal)

Óscar de Noronha (Goa)

Óscar Gomes da Silva (Portugal)

Ralph de Sousa (Goa)

Rene Barreto (RU | UK)

Rui Cabral Telo (Portugal)

Shastri Rodrigues Rebelo (Goa)

Valentino Viegas (Portugal)

Vasco Monteiro (Portugal)

Vitor Serrão (Portugal)

The lesser known feasts of Goa:
The handi at maina – curtorim

As festas menos conhecidas de Goa:
A handi de maina - curtorim

Celina de Vieira Velho e Almeida

Master in Arts and Education. Goa and Bombay/Mumbai Universities, Goa

Bacharel em Pedagogia e Letras, Mestre em Português e Pedagogia, pelas Universidades de Goa e Bombaim/ Mumbai, Goa

Abstract
The Maina Curtorim Handi Feast dates back from the long past. It is a celebration to preserve water, an essential life-giving gift for the humans, which, today, is becoming rare.

Resumo
A Festa Handi de Maina Curtorim remonta ao passado. É uma celebração para preservar a água, uma dádiva essencial e vital para os humanos, que hoje se está a tornar uma raridade.

Teach us how it was done a thousand years back and continue to do so…

Curtorim: A synopsis

Curtorim or Corêtary, the etymological meaning being corê a terminus and tary, a small canoe used to carry passengers from one margin of the river to another, is the largest village of Salcete Taluka.

Luxuriant vegetation with terraced hills and extensive paddy fields, pristine springs and far-reaching coconut groves have created a harmonious landscape in this village, and it could be rightly christened as the "Emerald Paradise". It was also known as the "Sasticho Khodho "or the "Granary of Salcete".

Nature has gifted Curtorim with natural lakes and man has built in the long past, five large reservoirs (or tollem): The Raitollem, the Angdditollem, the Maitollem, the Kumtollem and the Sonbem Tollem or Mainatollem. Each of them is enveloped in a legend and some are carpeted by red and white lotus.

Handi Fest: The Genesis

To trace the genesis of the Handi Fest in Goa we must travel back in time, 1000 years or perhaps earlier.

In Sahayadri khand[1] it is acknowledged that a mythological figure, Shri Parshuram considered to be the sixth incarnation of Lord Vishnu, moved

Figure 1. Curtorim the granary of Salcete (courtesy of Romualdo Fernandes)

from Trihotrapura (today's Bihar) with a group of 96 families of Pancha Gauda Saraswat Brahmins, crossed the Sahayadris , descended its western slopes. He helped the Brahmins to settle. From the pinnacle of Sahayadris, Parshuram shot a missile which could be an arrow, according to some or an axe according to others, and ordered the Sea God to recede till the point where his arrow or axe landed. So, a patch of land was created from Konkan to Malabar, known as Gomantak or Goa.

There are various versions about the resettlement of Gauda Saraswat Brahmins in Goa. Sixty six villages of Salcete (Saasasthi), were occupied by them and later Tiswadi and Bardez. The legends also say that the Kshatrias travelled by boats from Kathiyadvada and had settled in Goa before the Brahmins. These versions may be part of the legends, but they draw a parallel with the voyage and settlements of Kshatrias and later the Gauda Saraswat Brahmins in coastal Goa.

These early settlers of Goa had knowledge about Nature, transmitted to them, orally, for generations. On reaching Goa, they found that the reclaimed land was flooded and waterlogged. They needed to create land, which would be productive for agriculture, so they took care of the mangroves along the coast and planted more, as the mangroves acted like anti erosive barrier to protect it from the sea, constructed handis or dykes with wooden shutters and lateritic dykes and embankments.

The information that our ancestors had gained, orally, for generations helped them to build the handis by using any material available at hand: chikol or mud, branches of trees, coconut palms, etc.

Perhaps, at this stage of Goa's times gone by, the primal handis were built.

The coastal area was already inhabited by aborigines who were primeval tribal hunters and food gatherers known as Gaudas[2]...It is these early inhabitants who founded the Gaum or the village. As Tensing Rodrigues[3] states that for the aborigines who had moved to Konkan and settled, there were no social classes and no hierarchy. "It is this sort of almost

absolute equality that seems to have laid at the base of Gaunkari". New waves of Brahmins and the Kshatrias continued to descend, settled in the coastal area, and dispossessed the natives from their original land and from their rights to the land.

This new society of Brahmans and Kshatrias and evicted aboriginals from their earliest lands expanded and since there was land in abundance, everyone was allotted parcels of the terrain. The least to the aborigines. The ownership of the land was never with private families. It belonged to the village and each village formed a self-governing body with absolute rights to the possession and the product of the land. The villages had to pay a tax to the rulers who dominated Goa from early times.

Historians like Filipe Nery Xavier in *Bosquejo* Historico das Comunidades das Aldeias dos Concelhos das Ilhas Salcete e Bardez, João de Barros in *Décadas*, Padre Mestre Francisco de Sousa, in *Oriente Conquistado*, A.B. de Bragança Pereira, in *Etnografia da India Portuguesa*, after researching into this system explained that the Gaunkari System was not a Portuguese Inheritance. It was born in the Konkan area where small republics were founded by early settlers based on joint ownership. This society of common ownership of land was known as gaunupsun, and in Konkani gaunvponn. The Portuguese created a new term for the old system They called the Gauncary system as Communidades da Aldeia. They were social and economic units responsible to protect the fields from being inundated by sea water, to plant coconut and areca groves, to sow paddy seeds, to build dikes over river channels like in Flanders, Belgium. All the agricultural products of the land belonged to the Gauncary system. The system not only imposed upon the Gaunkars responsibilities and duties but also fines for the defaulters.

In 1526 the first Foral or a compilation of laws customary in the Gaunkary was published by the Portuguese. In 1880 all the Portuguese laws affecting the Comunidades were compiled into a Code which was an inroad into the working of Gauncary system with the aim of facilitating the Portuguese Government in collecting the revenue of the land This Code stayed alive till 1961[4].

After Liberation and till date, the system has suffered such catastrophes due to the insatiability for wealth and corruption of the modern rulers that Goa and its land is soon disappearing.

It is against this background that Curtorim celebrates the Handi. Curtorim, being an agrarian village, treated its water resources with great respect. The farmers needed water in the months after the Monsoons had abated. In order to safeguard rainwater, the Gaunkars built a Handi or a sluice-gate in September in Maina, near the Mainatollem. Maina is topographically blessed with a sloppy gradient and the outcome of this, is that the water from the upper regions flow towards the Maina lake, built in the sixteenth century.

In pre-Portuguese times, this ceremony of constructing the Handi was preceded by a ritual in conformity with the religious beliefs of those times: a cock was killed and its blood was smeared near the place where the Handi was to be built . With the arrival of Christianity, prayers near a cross, built in the vicinity of the Maina lake, replaced that ritual. The cross exists till date inside a chapel built in the locale.

The Comunidade of Maina had a person responsible for the building of the bundhs, for sowing and harvesting the paddy and for guarding the fields. He was known as Adell. He had 120 gaunkars divided in groups of 40, working with him, and all had to obey his instructions.

The month of September was the busiest for the 120 members. The paddy had to be harvested and the Handi had to be built before the Monsoons receded, as the water had to be conserved in the Maina Lake

Figure 2. The Handi being built (courtesy of Romualdo Fernandes)

Figure 3. The Handi already built and being blessed by the priests (courtesy of Romualdo Fernandes)

for the next crop. After the paddy was harvested it had to be shared by all the 120 gaunkars, the members of the gaunkari. The construction of the Handi, was celebrated in the past on 20th of September. The entire village was vivacious and in a festive spirit. The day started in the Chapel of St Rita at Maina (today, the Church). After the High Mass, the village band played musical instruments enthusiastically under the wand of the local maestro, the Adell. The villagers marched to the tune of the bubbly music, from the Chapel through the bundh to the place where the Handi was going to be built. The 120 members had to carry huge branches, mud and wooden logs as construction materials. Cement and iron were unknown. Then, prayers were said near the Cross, and the Handi was built with the branches thus forming a dense wall that stopped the flow of the water and preserved it for the following cultivation.

It is time to feast. A lavish meal prepared by the 120 members was spread out. Rice just harvested, was the main dish accompanied by a variety of preparations of meat and local vegetables. Feni of course was tossed down the throats of the men to mouthful the delicious lunch. The desserts were the traditional rice puddings with jaggery and seasonal fruits. The whole village shared this meal. The Handi ceremony ended where it began: at the Chapel of St Rita. A Ladainha was sung at the Chapel and the villagers dispersed after having spent a cheerful day.

The 120 members however had a very dutiful mission to fulfil. When people came in the morning of the Handi feast, they approached the Cross with deep faith and asked for Divine favours: a child, a job for the unemployed, a bride for the unmarried son and so on. It was the duty of the 120 members to register the vows of the devotees. But they were illiterate and writing material was not available then. So, each of the members had to fold a rib of the coconut palm and mark the vows made by the devotees. At the end of the day, they counted the folds on the ribs of the palms and prayed the universal prayer of the Christians: The Our Father and Hail Mary as many times as they had folded the palm ribs. In the following 2 years if anyone had obtained divine favours, they had to return near the Handi Cross and fulfil the promises.

The Handi feast was so pure in its observance as the unpolluted waters that they were trying to preserve.

Today, this feast has taken the path of commercialization like most of the goan feasts religious or otherwise, thanks to the decadent tourism.

The Feast changed its date. It is celebrated on 20th August as the Mainatollem is covered with a thick mat of wild weeds which does not allow farming. So, the villagers do not wait for the rains to retreat.

At present it is no longer a rural commemoration. Endless serpentine queues move at snail pace from dawn till late evening to come near the miraculous Handi Cross which has today been set up in a Chapel, in the vicinity, known as the Handi Khuris Chapel.

People from all over Salcete and other parts of Goa come not only to ask for Divine favours but also to fulfil the vows. The flower sellers and the candle suppliers strike it rich on 20th August.

As the number of devotees who participate in this feast keeps on increasing in thousands, the folding of the coconut palm ribs also is greater than before and praying for the vows takes around fifteen days.

The early Goan society celebrated the Handi feast as a symbol of contribution to the preservation of water, a precious element of environment. Post-harvest, as the water level goes down, freshwater fish is harvested from the lake. Its taste is different from the saltwater fish, yet much in demand. Migratory birds from the Arctic region visit the lake and this creates a pleasant panorama.

At this point of time, it is vital for the Comunidade of Maina to educate the Gaunkars, the youth and the women about the immense ecological benefits awaiting them, if in a spirit of togetherness, they regenerate the Mainatollem. It is an uphill task but not impossible!!!

Acknowledgment

The authors acknowledges the inputs from Celina Amaral e Cota, Romualdo Fernandes, Paixão Sequeira, and Manuel Rebelo (Portugal).

References

1. Sahyadri khan. Ancient text of Hindu religion written originally in Sanskrit; it contains the legends of migrations of Gauda Saraswat Brahamins to Goa. Chapter 4. (It has been translated in many languages).
2. V.T Gune. Gazetteer of Union Territory of Goa, Daman Diu, ed.1979, pp. 233-234.
3. Tensing Rodrigues. The Transformation of the Gamvkari, Panorama, The Navhind Times.
4. Jagdish Nazareth. Fish Curry and Rice, ed. 1995 The Comunidades, pp. 149.

Adao (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Serviços de abastecimento de água em Goa

Water supply services in Goa

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa

Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Umas das realizações mais emblemáticas, da administração portuguesa, no domínio das obras públicas, foi o abastecimento da água potável às cidades e vilas do território. Suportado inicialmente pelo orçamento do Governo central foi posteriormente custeado pelo Governo provincial e, em alguns casos, pelas autarquias. No espaço de seis anos, quase todo o território dispunha da rede abastecimento de água.

Abstract

One of the most emblematic achievements, in the Portuguese administration, in the field of public works, was the supply of drinking water to cities and towns in the territory. Initially supported by the central government budget, it was later funded by the provincial government and, in some cases, by municipalities. In the space of six years, almost the entire territory had a water supply network.

Introdução

Um dos grandes problemas do território de Goa, na área de equipamentos e serviços na era portuguesa, era o abastecimento de água para as cidades e vilas do território.

Para a resolução deste transtorno, na sequência de diversos estudos, foi lançado o projecto de fornecimento de água à cidade de Pangim, elaborado na Direcção dos Serviços de Obras Públicas, sob a orientação do engenheiro Palma Carlos. Para o efeito o governo da Metrópole dotou o território das verbas necessárias.

Projecto e execução das obras

O projecto contemplava a captação e armazenamento de água, o seu tratamento, transporte para os reservatórios no Altinho e bombagem para a rede da cidade de Pangim.

Para a captação de água foi escolhido o rio Candiapar – um afluente do rio Zuari, próximo da localidade de Opa, no concelho de Pondá.

As obras tiveram o seu início em 1955 e foram adjudicadas à empresa portuguesa Luso Dana Cª, com a construção do primeiro reservatório, com capacidade para 100 metros cúbicos, e a construção da rede da tubagem para o transporte da água.

Passados uns meses, o Ministro de Ultramar reuniu o Conselho Técnico do Fomento do Ultramar para apreciar o projecto de abastecimento de água a outras

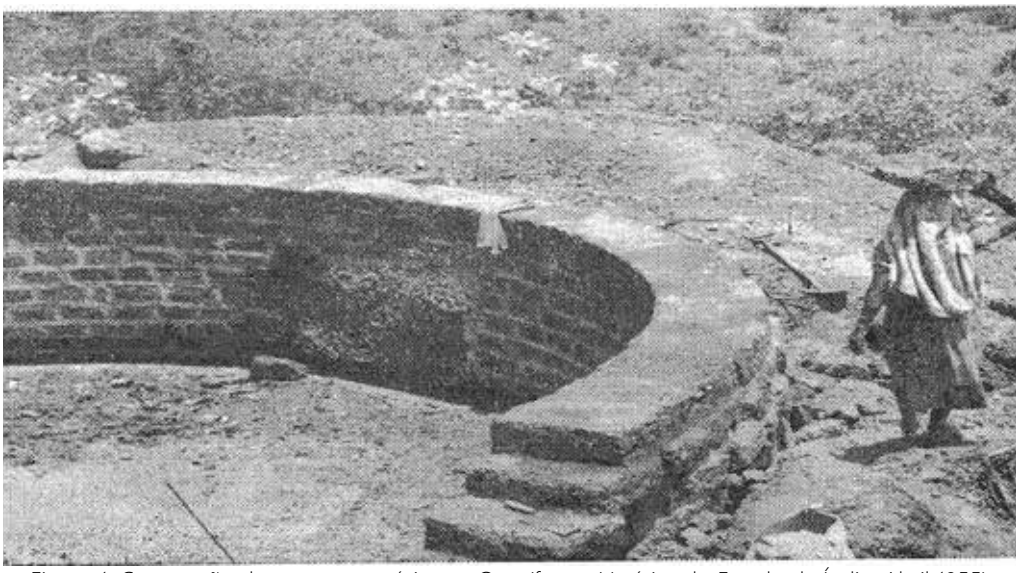


Figura 1. Construção de um reservatório em Opa (fonte: Notícias do Estado da Índia, Abril 1955)

contrair no Banco Nacional Ultramarino, em Goa, um empréstimo destinado ao abastecimento de água à cidade de Margão.

Neste contexto, entre 1959 e 1960, foram executadas, pelas verbas dos Serviços de Abastecimento de Água, a obra de extensão da rede de distribuição de Margão até Navelim, que orçou 392 000$00, e a da rede da

localidades, nomeadamente à cidade de Vasco de Gama e ao porto de Mormugão − estas tiveram início em meados de 1955 − ao aeroporto de Dabolim e a vila de Pondá. Estas obras seriam na continuação das que se encontravam em execução para o abastecimento de água à Cidade de Goa e as povoações que ficam ao longo de percurso até a capital, utilizando as mesmas captações no rio Candiapar.

A conduta de Mormugão teria uma extensão de cerca de 40 quilómetros. Posteriormente, numa fase seguinte, estava prevista uma derivação, para servir as cidades de Margão e Mapuça.

O Conselho pronunciou-se no sentido de ser aprovado o projecto que foi homologado de imediato.

Esta obra, que estava incluída no Plano de Fomento Nacional do Estado da Índia no sector de abastecimento de águas e saneamento, excedeu as previsões do plano pelo que houve necessidade de promover o reforço da respectiva dotação.

Depois de alguns meses de trabalhos num ritmo acelerado a população da cidade de Goa e todas as localidades ao longo do percurso de Opa até a capital viram, com grande regozijo, a água a chegar as torneiras das suas casas.

Recordo a alegria que sentimos quando foi ligado o contador de água e minutos depois tomei o meu primeiro banho de chuveiro.

No seguimento da execução do projecto, o Decreto nº 4099 publicado no Diário do Governo n.º 33/1957, Série I de 1957-02-11, autorizou o Estado da Índia a Cidade de Goa até a praia de Gaspar Dias, no valor de 47 800$00.

Além destas obras foram executadas pelos mesmos Serviços cerca de 500 ramais de ligação domiciliária e elaborados os projectos para a construção de depósitos e redes no Aeroporto e Alto de Chicalim.

Através das verbas do Estado foram executadas as obras da instalação da rede de distribuição da Velha Cidade de Goa e a da Vila de Pondá até ao Destacamento de Engenharia da Índia.

No decorrer de 1960, a obra da extensão da rede da cidade de Vasco da Gama ao planalto de Mormugão no valor de 130 900$00 e a da Cidade de Goa até ao Dispensário da Virgem Peregrina, no montante de 70 260$00 estiveram ao encargo do Governo local.

Por conta das Obras Públicas do Estado da Índia foi ainda executada a obra de melhoria de abastecimento de água a Diu.

Figura 2. Obras de colocação da tubagem numa rua de Pangim (fonte: Notícias do Estado da Índia, Outubro 1955)

Figura 3. Rio Candiapar - captação de água
(fonte: JoeGoa UK).

A distribuição da água potável contou também com a participação das entidades autárquicas locais, como foi o caso da Câmara Municipal de Sanguém, que financiou a 1ª fase da obra de abastecimento de água a aquela vila, no valor de 236 900$00, que foi inaugurada em 21 de Julho de 1960. Nessa mesma data deram início as obras da segunda fase que incluíam os trabalhos de reserva e estabelecimento da rede domiciliária e que ficaram concluídas no decorrer de 1961.

Ainda em 1960 foram elaborados os projectos para as obras de abastecimento de água à Vila de Perném, Valpoi, Chauri (Canácona). Mercês e Planalto de Bambolim.

Todos estes projectos estavam em fase de acabamento. Estavam já elaborados os projectos e dotações com verbas do Estado, para serem iniciadas ainda em 1961, pelas Obras Públicas, os trabalhos do reforço do caudal do abastecimento da cidade de Diu no valor de 907 90000 e outra de abastecimento do Posto de Polém.

Em fase de estudo estavam as obras de abastecimento de água às vilas de Sanquelim e Curchorém, e a povoação de Calangute.

Para que os Serviços de Abastecimento de água funcionassem duma forma eficaz, sem quebras e para acudir as avarias foram adquiridas quantidades significativas de materiais: tubagens e acessórios de reserva no valor de 131.541$00; tubagens e acessórios para ramais de ligação no valor de 249.382$00; tubagens e acessórios para ampliação das redes no valor de 334.966$00; acessórios, sobressalentes e ferramentas para as máquinas das estações de elevação e tratamento no valor de 207.659$00. Para satisfazer novos pedidos de ligação a rede de distribuição de água e para substituição em caso de avarias, foram adquiridos contadores no valor de 239.489$00.

A qualidade de água e o serviço de distribuição e abastecimento era muito boa, sem cortes ou interrupções, o que é muito frequente nos tempos que correm.

É deveras caricato, para não dizer dramático para as populações, que em pleno século vinte e um, num território onde a pluviosidade nas monções chega a ser quase sempre diluviana, haja falta de água e cortes prolongados no abastecimento de água.

Figura 4. Marco fontenário em Sanguém
(fonte: A Jornada Continua...Imprensa Nacional, Goa 1960).

Bibliografia

- A Jornada Continua… Imprensa Nacional, Goa, 1960.
- Notícias do Estado da Índia, Boletim Quinzenal da Repartição Central de Estatística e Informação, 15/09/1955.
- O Século – Suplemento, 09 Dezembro 1960, Lisboa.

A ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE GOA E A SUA IMPORTÂNCIA PARA A HISTÓRIA DA MEDICINA PORTUGUESA

THE GOA MEDICAL SCHOOL AND ITS IMPORTANCE FOR THE HISTORY OF PORTUGUESE MEDICINE

José Filipe Monteiro

Editor Associado e Fundador da Casa de Goa, Portugal

Associate Editor and Founder of Casa de Goa, Portugal

Resumo

Neste ensaio, o autor expõe várias controvérsias que estiveram associadas a pós-criação da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa: desde a demora na legalização pelo Governo Central de Lisboa, a importância que os licenciados por esta Escola tiveram nos cuidados de saúde das colónias, ao não reconhecimento da licenciatura para o exercício da profissão na Metrópole.

É também feita uma síntese da vida e obra de alguns dos médicos oriundos da EMC que viram o seu trabalho reconhecido nas mais variadas esferas da sociedade portuguesa bem como nos serviços de saúde das colónias.

Abstract

In this essay, the author discloses several controversies that were associated with the post-creation of the Medical School of Nova Goa: since the delay in legalization by the Central Government of Lisbon, the importance that the graduates of this School had in the health care of the populations of colonies to the lack of recognition of the degree for the exercise of the profession in the Metropolis.

The paper also unveils the life and work of some of the doctors from EMC who saw their labour recognized in the most varied spheres of Portuguese society as well as in the health services of the colonies.

Preâmbulo

No número anterior da Revista da Casa de Goa (II Série Nº 6 – Set-Out 2020) descrevemos os contratempos e as adversidades que estiveram associadas à criação da Escola Médico-Cirúrgica (EMC) de Nova Goa[1] .

Neste número iremos analisar o percurso da escola,

Preamble

In the previous issue of Revista da Casa de Goa (II Series N°6 – Sep-Oct 2020) we described the setbacks and adversities that were associated with the creation of the Goa Medical School (GMC) of Nova Goa[1].

In this issue we will analyze the route of the school, from the perspective of the government of the

na perspectiva do governo da metrópole, a relevância dos licenciados desta escola na saúde das populações das colónias portuguesas de Africa, Asia e Oceânia na opinião dos próprios médicos e das autoridades portuguesas e, por fim, a relevância que alguns destes médicos tiveram nas mais variadas esferas da sociedade portuguesa de Portugal continental.

metropolis, the relevance of the graduates of this school in the health of the populations of the Portuguese colonies of Africa, Asia and Oceania, in the opinion of the doctors and the Portuguese authorities and, finally, the relevance that some of these doctors had in the most varied spheres of Portuguese society in mainland Portugal.

Pós-criação da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa

A criação da EMC de Goa com a publicação da Portaria de 5 de Novembro de 1842, pelo Conde das Antas, 89º Governador da Índia e reconhecido formalmente cinco anos depois (1847) pelo Conselho Ultramarino, no reinado de Sua majestade D. Maria II estava inserido no objectivo de criar nas colónias quadros superiores na área da saúde, formados

Post-creation of Goa Medical School (GMC) of Nova Goa

The creation of GMC of Goa with the publication of the Ordinance of 5 November 1842, by Conde das Antas, 89th Governor of India and formally recognized five years later (1847) by the Overseas Council, in the reign of Her Majesty D. Maria II, was included in the objective of creating, in the colonies, senior staff in the health area, trained locally under the guidance of

Figura 1. Fachada principal da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa (cortesia: Óscar de Noronha).

localmente sob a orientação das autoridades centrais de Lisboa.

No entanto, à excepção da Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, criada pelo Decreto de 29/12/1836 e extinta pelo Decreto de 11 de Novembro de 1910 (formou 240 médicos nesse período)[2], nenhuma outra escola, exceptuado a EMC de Nova Goa, chegou a ser criada.

A atitude do governo da metrópole perante os licenciados da EMC é algo dúbia. E a primeira manifestação desta desconfiança constata-se que foram necessários cinco anos, quando os primeiros médicos da EMC já tinham terminado o percurso académico, para que o governo da Metrópole reconhecesse a instituição e o grau académico por ela conferido.

Qual a razão desta demora?

A distância entre o Governo do reino e o da colónia pode explicar a delonga?

Convém recordar que a comunicação marítima se fazia pela Rota do Cabo (o canal de Suez foi inaugurado em 1869) e a telegrafia foi instalada em Portugal Continental em 1855 e, só muitos anos mais tarde se fez a ligação com o Estado da Índia.

Ou seria a procrastinação cromossómica dos governantes portugueses? Ou ainda, porque duvidavam da qualidade do ensino ministrado pela recém-criada EMC de Nova Goa?

O que quer que fosse que estivesse na origem da demora, o certo é que o governo da metrópole se interessou progressivamente pela melhoria global da instituição e do ensino nela ministrado .

Assim, através de vários decretos, foi regulamentado o ciclo de estudos preparatórios para ingresso na EMC. Faziam parte deste ciclo as seguintes cadeiras: incorporado na Academia matemática, as cadeiras de física, química e história natural (decreto de dezembro de 1853), latim e latinidade (decreto de 1865), filosofia racional e moral, 1º ano de matemática lecionada na Escola matemática e Militar e língua inglesa (decreto de 1871)[3]. Em termos comparativos, quando as Reais Escolas de Cirurgia de Lisboa e Porto foram fundadas, por alvará de 25 de junho de 1825, os requisitos para admissão ao primeiro ano destas escolas médicas eram apenas a comprovação de que o candidato tinha mais

Figura 2. Campus da Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa (cortesia: Óscar de Noronha).

the central authorities of Lisbon.

However, with the exception of the Medical-Surgical School of Funchal, created by Decree of 12/29/1836 and extinguished by Decree of 11 November 1910 (trained 240 doctors in that period)[2], no other school, except GMC of Nova Goa, was founded.

The attitude of the central (Lisbon) government towards GMC graduates is somewhat dubious. And the first sign of this distrust is that it took five years, for the central government to recognize the institution and the academic degree conferred by it. At that time, the first GMC doctors had already finished their academic graduation.

What was the reason for this delay?

Can the distance between the government of the kingdom and that of the colony explain the delay?

It is worth recall that maritime connection was carried out via the Cape Route (the Suez Canal was opened in 1869) and telegraphy was installed in mainland Portugal in 1855 and, only many years later, was accomplished the connection with the State of India.

Or is it the chromosomal procrastination of Portuguese government officials? Or yet, the doubt about the quality of the education given by the newly created GMC of Nova Goa?

Whatever the cause of the delay, the fact is that the central government assumed a gradual concern in the global improvement of the institution and learning provided by it[3].

de 14 anos e conhecimentos em língua latina e lógica .

Pelo decreto de 11 de outubro de 1865 foi elaborado um novo regulamento e plano de estudos – idêntico ao das escolas médico-cirúrgicas de Lisboa e Porto, decretado em 29 de Dezembro de 1836. O curso foi elevado a cinco anos, dividido em nove cadeiras e o corpo catedrático composto por sete lentes, "escolhidos de entre os distintos" (decretos de 11 de Outubro de 1865 e 2 de dezembro de 1869)[3].

Em relação ao ensino prático para além da ampliação da área clínica foram criados laboratórios de física e química, um museu para elucidar as lições de história natural e matéria médica, criação de um jardim botânico e aquisição de peças anatómicas, instrumentos e aparelhos cirúrgicos e obstétricos[3].

Em súmula, com a melhoria progressiva promovida pela metrópole a EMC de Nova Goa nada tinha a temer em confronto com as melhores escolas das possessões estrangeiras, bem como com as do reino.

Serviço de Saúde no Ultramar e os Médicos formados pela EMC

Em meados do século dezanove, o governo português regulamenta e cria, através de vários decretos, os serviços de saúde nas suas possessões ultramarinas.

Assim, o decreto de 14 de Setembro de 1844, justifica a necessidade de serviços de saúde e estabelece um organigrama para os mesmos[4]. Na subsequência, através de diversos outros decretos, reformulam-se os mesmos com o intuito de criar escolas médicas em cada uma das capitais das províncias ultramarinas (Decreto de 1845)[5].

A excepção da EMC de Nova Goa e por um curto período a do Funchal, as outras escolas ficaram circunscritas a um processo de intenção.

Volvidos quatro anos, após o reconhecimento pela Governo de sua Majestade (Decreto de 11 de janeiro de 1847) da EMC, o Decreto-lei de 11 de Dezembro de 1851 abria aos médicos desta Escola, os serviços sanitários de Moçambique, Timor e Solor (ilha Indonésia que foi colónia portuguesa) .

O Decreto de 2 Dezembro de 1868 garantia aos diplomados da EMC 2/3 de lugares de facultativos de 2.ª classe de todo o ultramar português, de tal

Thus, in this connection, through several decrees, the cycle of preparatory studies for joining EMC was regulated. The following subjects were part of this syllabus: incorporated in the Mathematical Academy, physics, chemistry and natural history (decree of December 1853), Latin and Latinity (decree of 1865), rational and moral philosophy, 1st year of mathematics taught in Mathematical and Military School and English language (decree of 1871)3. In comparative terms, when the Royal Schools of Surgery in Lisbon and Porto were founded, by a license dated June 25, 1825, the requirements for admission to the first year of medical schools were just a proof that the candidate was over 14 years old and had a knowledge of Latin and logic[4].

By the decree of 11 October 1865, a new regulation and study plan was drawn up - identical to that of the medical and surgical schools of Lisbon and Porto, decreed on 29 December 1836. The course was extended to five years, divided into nine areas of training, and the university body made up of seven lenses, chosen "from among the best ones" (decrees of 11 October 1865 and 2 December 1869)[3].

In relation to practical teaching, in addition to expanding the clinical area, physics and chemistry laboratories were created, a museum to elucidate the lessons of natural history and medical matters, the creation of a botanical garden and the acquisition of anatomical pieces, surgical and obstetric instruments and devices[3].

In essence, with the progressive improvement promoted by the central government, the GMC of Nova Goa had nothing to fear in comparison with the best schools of other foreign colonies or of the continental Portugal.

Overseas Health Service and GMC trained doctors

In the mid-nineteenth century, the Portuguese government, through various decrees, had a legal framework for health services in their overseas possessions.

Thus, the decree of 14 September 1844, justifies the need for health services and establishes an organization chart for them[5]. Subsequently, through

modo que em 1881, dos 67 facultativos em serviço no Ultramar, 43 eram licenciados pela Escola Médico-Cirúrgica de Nova Goa[6].

Tendo em consideração toda a controvérsia que envolveu a criação e pós- formação da EMC, como entender:

1. A razão de ser desta abertura do Governo Português dos licenciados pela EMC para os serviços de saúde das colónias, nomeadamente em Africa?
2. E qual a justificação para a não progressão na carreira – os licenciados pela EMC não podiam atingir, no activo, o grau de facultativos da 1º classe (só eram promovidos a primeira classe por ocasião da reforma)[3] e não podiam exercer a sua profissão na Metrópole sem antes prestarem provas públicas nas faculdades de Medicina de Portugal Continental (Lisboa, Porto ou Coimbra)

A resposta à primeira pergunta, pelo menos parcialmente, pode ser encontrada nesta afirmação de Dr. João Stuart Fonseca Torrie, Chefe de Serviço de Saúde do Estado da Índia em 4/04/1881:

"Portugal poderá fornecer facultativos de que as colónias necessitam? Não, de nenhum modo. Para os 4.000.000 habitantes que povoam o continente são precisos 1000 facultativos. Ora como o número máximo de facultativos que as Escolas do Reino habilitam não passa de 20, só em 50 anos haverá os 1000 facultativos que são precisos. Se o Reino não tem facultativos para si, como poderá tê-los para todo o Ultramar?"

Ou ainda nesta reflexão e análise de Rafael António Pereira, primeiro goês a chefiar os Serviços de Saúde da Índia Oitocentista em 30 de Outubro de 1889 :

"É intuitiva a necessidade de garantir às províncias ultramarinas de assistência médica, base fundamental da sua conservação, bem-estar e progredimento… não podendo para esse fim contar-se com as escolas do reino, impunha-se a existência de uma outra escola pela qual se apure nas colónias um pessoal que preveja de pronto e sem interrupção a tais necessidades.

A sede desta escola não pode deixar de ser a Índia, uma vez que não há outra possessão portuguesa em que a perspicácia da inteligência, a sagacidade do espírito, a tendência dos seus habitantes, possuam melhor

several other decrees, they were reformulated in order to create medical schools in each of the capitals of the overseas provinces (Decree of 1845)[5].

Except for GMC in Nova Goa and for a short period for the one in Funchal, the other schools were limited to an intention to establish a process.

Four years after the recognition by the Government of Her Majesty (Decree of 11 January 1847) of GMC, the Decree-Law of 11 December 1851 opened the health services of Mozambique, Timor and Solor (island of Indonesia that was a Portuguese colony) to the doctors of this School.

In the aftermath, the Decree of 2nd. December 1868, guaranteed GMC graduates 2/3 of 2nd class optional job vacancies from all over the Portuguese overseas health services, so that, in 1881, 43 out of the 67 physicians in overseas health services were licensed by the Medical School of Nova Goa[6].

Considering all the controversy that involved the creation and post-formation of GMC, how to realise:

1. The openness of the health services of the colonies, namely in Africa, by the Portuguese Government regarding the GMC graduates?
2. On the other side how to justify the impossibility of career progression for GMC graduates beyond the level of optional 1st class (they were only promoted to first class upon retirement)[3] and not allowing to practice their profession in the Metropolis, without approval of public tests in the medical schools of mainland Portugal (Lisbon, Porto or Coimbra)?

The answer to the first question, at least partially, can be found in this statement by Dr. João Stuart Fonseca Torrie, Head of Health Service of the State of India on 4/04/1881:

"Can Portugal provide health services that the colonies need? No, not at all. 1,000 facultative are needed for the 4,000,000 inhabitants that populate the continent. However, as the maximum number of graduates that the faculties in the Kingdom Schools qualify is not more than 20, only in 50 years will there be the 1000 physicians that are needed. If the Kingdom does not have enough doctors for itself, how can it provide them for all the overseas colonies?"

Or in this reflection and analysis by Rafael António

colheita de elementos susceptíveis de aproveitamento nas ciências.

A índole paciente destes povos dá esperança do desprendimento necessário para o exercício da profissão médica nas colónias.

O índio leva a vantagem da resistência às influências daqueles inóspitos climas a que se adapta muito melhor que o Europeu."

Seria só a escassez dos médicos metropolitanos, ou remunerações financeiras pouco aliciantes para enfrentar climas inóspitos a razão última da ausência dos facultativos metropolitanos?

No que diz respeito à segunda questão, isto é a discriminação a que eram sujeitos os licenciados pela EMC, em tese, pode haver duas leituras:

Maledicência arrivista

Apesar de todos os melhoramentos emanados do próprio governo central, quer na exigência curricular aos candidatos à EMC quer do próprio currículo académico, da qualidade dos lentes que lecionavam na escola e da melhoria das instalações e da aquisição do material, a instituição e a sua qualidade eram destratadas publicamente por aqueles que, ao invés, deviam empenhar-se na afirmação da Escola.

Foi o caso de Eduardo de Freitas e Almeida, o último físico-mor (o cargo seria substituído, em 1868, pelo de chefe dos serviços de saúde), que chegou à Índia em 1854. Desde o início, a sua postura resume-se a criticar e vituperar tudo o que o rodeia, dos habitantes, a quem chama de "imundos por natureza" à própria Escola Médica que vem dirigir; as instalações, a qualidade do ensino, a escassez dos professores, a multiplicidade de funções que exerce, aos alunos a quem qualifica de "larvas habilitadas com carta de impunidade", ao contrário dos seus antecessores, que nunca deixavam de elogiar as qualidades e os méritos dos locais[7].

Os reparos e a maledicência não se cingiam a alguns responsáveis de saúde no território. Numa clara atitude de deselegância deontológica, o Dr. José d'Oliveira Serrão d'Azevedo dos Serviços de Saúde de Moçambique afirmava, referindo aos licenciados pela EMC de Nova Goa "A avaliar pelos seus filhos, não está de modo algum à altura do que deve ser uma

Pereira, first Goan to head the Health Services of India, on 19th century on October 30, 1889[7]:

"There is an intuitive need to guarantee medical assistance to the overseas provinces, a fundamental basis for their conservation, well-being and progress… since the schools of the kingdom cannot be counted on for that purpose, the government is compelled to establish the existence of another school in the colonies with a staff that should provide, promptly and without interruption, to such needs.

The headquarters of this school cannot fail to be the Portuguese India, since there is no other Portuguese possession in which the perceptiveness of intelligence, the wit of the spirit, the tendency of its inhabitants, have a better harvest of elements that can be used in the sciences.

The patient nature of these peoples gives hope of the detachment necessary for the exercise of the medical profession in the colonies.

The Indian takes advantage of resistance to the influences of those inhospitable climate much better than his European counterpart."

Is it just the scarcity of metropolitan doctors, or unattractive financial compensation to face harsh climates, the ultimate reason for the absence of metropolitan physicians?

Regarding the second issue, that is, the discrimination that GMC graduates were subject to, in theory, there may be two readings:

Backbiting trimmer

Despite all the improvements emanating from the central government, whether in the curricular requirement for GMC candidates or in the other specific areas like the academic curriculum itself, the quality of the lenses that taught at school, the improvement of facilities and the acquisition of material, the truth is that the institution and its quality were publicly abhorred by those who, instead, should commit and engage themselves to assert the School.

This was the case of Eduardo de Freitas e Almeida, the last major physicist (the position would be replaced, in 1868, by that of the head of Health Services), who arrived in India in 1854. From the beginning, his

Escola de Medicina». Concedendo que nem sempre das escolas do reino saiam bons médicos, acrescentava que "nunca me constou também que elas tivessem lançado na circulação exemplares tão extraordinários como alguns que eu conheço, oriundos da escola indiana"[8].

Para C. Bastos, estas diatribes devem ser lidas num cenário em que as condições financeiras para os médicos metropolitanos trabalharem nos climas inóspitos das colónias eram pouco atractivas8. A detração e a calúnia em relação à EMC e aos facultativos aí formados tinha por objectivo a extinção desta instituição que resultaria na falta de clínicos nas colónias africanas, e, desse modo, obrigaria o governo metropolitano a proporcionar uma compensação financeira mais atractiva para os médicos metropolitanos exercerem o oficio naqueles territórios. No limite não passava de uma maledicência para fins próprios.

Subalternidade e hierarquias

Para Cristiana Bastos, no seu artigo "Doctors for the empire: The medical school of Goa and its narratives"5, o procedimento do governo português no que diz respeito à prestação de cuidados de saúde das populações das colónias, enquadra-se na sua política imperial de subalternidades. Neste conceito, introduzido por António Francesco Gramsci, filósofo italiano marxista, subalternidade implicava hegemonia cultural do colonizador que excluía e afastava das instituições socioeconómicas da sociedade determinados grupos que não tinham nenhuma voz na política colonial[9].

Para a antropóloga Professora Cristiana Bastos, a subalternização das colónias não era homogénea, pois havia uma estratificação nos povos das colónias. No topo da pirâmide estavam os naturais da metrópole e, a seguir uma estratificação das colónias até à base do poliedro.

Neste contexto doutrinário, esta estruturação da sociedade nas colónias deveria incluir todos os sectores e actividades, o que não se verificava de facto. No caso de Goa, em relação ao ensino secundário, o decreto de 31 de Março de 1873, que reformou a instrução pública no Ultramar, determinava que os

stance was summarized to criticize and reproach everything that surrounded him, from the inhabitants, whom he names "unclean by nature" to the Medical School he had come to serve as a dean; the facilities, the quality of teaching, the scarcity of teachers, the multiplicity of functions that he exercises, to the students whom he describes as "qualified larvae with a licence of impunity", unlike his predecessors, who never failed to praise the qualities and merits of the natives[7].

Repairs and slander were not limited to some health officials in the territory of Goa. In a clear attitude of deontological inelegance, Dr. José d'Oliveira Serrão d'Azevedo from the Health Services Mozambique, stated, referring to GMC graduates from Nova Goa "Assessing by your children, you are by no means at the level that should be a School of Medicine ». Granting that good doctors do not always come from schools in the kingdom, he added that "I never noticed that they had released such extraordinary specimens into the circulation as some I know, coming from the Indian school"[8].

For C. Bastos, these vituperations should be read in a scenario where the financial conditions for metropolitan doctors to work in the harsh climates of the colonies were unattractive[8]. The detraction and slander in relation to GMC and the graduates trained there was aimed at the extinction of this institution which would result in the lack of clinicians in African colonies and, thus, would oblige the central government to provide more attractive financial compensation for mainland Portugal doctors to practice in those territories. At the limit, it was nothing more than backbiting for own purposes.

Subalternity and hierarchies

For Cristiana Bastos, in her essay "Doctors for the empire: The medical school of Goa and its narratives"[5], the procedure of the Portuguese government with regard to the provision of health care to the populations of the colonies, fits into its policy of imperial subalternity. In this concept, introduced by António Francesco Gramsci, an Italian Marxist philosopher, subalternity implied cultural hegemony of the colonizer that excluded and

estudos feitos nos liceus da 2ª classe (Liceu de Nova Goa), deveriam ser levados em conta aos alunos que pretendessem completar o curso nos liceus da 1ª classe (Metropolitanos), sem obrigação de repetir os exames.

Por outro lado, a progressão na carreira que estava vedada aos médicos licenciados pela EMC de Nova Goa era concedida aos farmacêuticos a quem era concedida a promoção a 1ª classe.

Como diria George Orwell, escritor inglês nascido na Índia "Todos os animais são iguais, mas uns são mais iguais do que outros".

Este apartheid em relação aos licenciados pela EMC de nova Goa era, na opinião do Dr. Sócrates da Costa, desumano e imoral.

Este ilustre facultativo, na defesa dos médicos ultramarinos afirma: "Se a EMC de Nova Goa é deficiente, o que parece impossível: reforme-se, melhore-se, concedendo-se-lhe, à proporção, prerrogativas iguais às exigências.

Se é má de todo, se nada se pode tirar dali que seja bom como deve ser, feche-se.

Mas acabe-se, uma vez por todas, com exclusões e privilégios iníquos e vexatórios, com tão odiosa distinção, que ofende todas as leis da humanidade, da razão, da moral e da justiça"[3].

Contributo dos Médicos da EMC na Metrópole e nos Quadros de Saúde das Colónias

Não obstante as contrariedades e dificuldades enfrentadas durante e após a criação de EMC, muitos dos que trilharam o caminho do conhecimento nos bancos desta escola viram o seu contributo ser reconhecido e distinguido quer pelas populações quer pelas mais altas instâncias da sociedade.

Nesta narrativa, iremos descrever sucintamente o percurso de alguns médicos que se formaram na EMC de Nova Goa e o seu percurso académico e profissional. Grandes vultos da Medicina, que nasceram em Goa, como Alfredo da Costa, Gama Pinto e Aires de Sousa, entre outros, não serão referidos, dado que fizeram a sua formação médica nas escolas do continente.

Médicos da EMC na Metrópole

Agostinho Vicente Lourenço. Natural de Margão,

removed from the socioeconomic institutions of society certain groups that had no voice in colonial politics[9].

For the anthropologist, Professor Cristiana Bastos, the subordination of the colonies was not homogeneous, as there was stratification among the peoples of the colonies. At the top of the pyramid were the natives of the metropolis, and then a stratification of the colonies to the base of the polyhedron.

In this doctrinal context, this structuring of society in the colonies should include all sectors and activities. However, this was not the case. In Goa, in relation to secondary education, the decree of March 31, 1873, which reorganised public overseas schooling, disposed that the studies carried out in the 2nd grade high schools (Liceu de Nova Goa), should be taken into account to students wishing to complete the course at the 1st grade high schools (Metropolitans), with no requirement to repeat the exams.

On the other hand, the career progression, that was forbidden to doctors graduated in GMC in Nova Goa, was granted to pharmacists, who were endowed with the promotion to 1st class.

Quoting George Orwell, an English writer born in India, "All animals are equal, but some are more equal than others".

This apartheid in relation to GMC licensees from Nova Goa was, in the opinion of Dr. Aleixo Justiniano Sócrates da Costa, himself a graduate of GMC and belonging to the cadres of Cape Verde Public Health, "inhuman and immoral".

This renowned physician, in defence of overseas doctors, argues: "If the GMC of Nova Goa is deficient, what seems impossible: reinforce, improve, granting herself, in proportion, prerogatives equal to the requirements.

If it is not at all worthwhile, if nothing that can be taken is good, as it should be, then, close it.

But do away, once and for all, with wicked and vexatious exclusions and privileges, with such an odious distinction, that offends all the laws of humanity, reason, morals and justice"[3].

GMC Doctors in the Metropolis and Colony Health Boards

Despite the setbacks and difficulties faced during

onde nasceu em 1826, pertenceu ao primeiro grupo dos licenciados da EMC em 1846. No ano seguinte, em 1847 foi nomeado lente substituto desta escola e um ano após (1848) chega a Lisboa como bolseiro e, ainda nessa qualidade, em 1849 à Cidade Luz. Faz o doutoramento em Ciências pela Universidade de Paris (1853) onde colabora com iminentes vultos da Química como Adolphe Wurtz, Justus von Liebig e Robert Wilhelm Bunsen.

É o primeiro investigador a obter álcool dietilénico. Como corolário do seu trabalho na área da Química é convidado pela Faculdade de Medicina de Lyon para reger a cadeira de Química e Toxicologia.

Em 1861 é convidado para Regente da cadeira de Química Orgânica e director da Escola Politécnica de Lisboa.

Para além do valioso contributo na investigação e ensino da Química, publica, entre 1865 – 67, um estudo das nascentes das águas minerais de Lisboa, Chaves e Vizela[10] .

Francisco Luís Gomes, nasceu em Navelim em 1829, licenciou-se na EMC em 1850 e nesse mesmo ano foi nomeado Lente substituto auxiliar.

Em 1861 é eleito para Deputado às Cortes pela Índia Portuguesa. Para além da actividade política, conquanto, a sua formação fosse em Medicina, dedica-se à Economia sobre a qual escreve vários ensaios:

Figura 3. Agostinho Vicente Lourenço e placa toponímica numa rua de Lisboa.

"Essay sur l'economie politique dans ses rapport avec le droit et la morale", "De la question du cotton en Anglaterre et dans la possesion portugaise de Afrique

and after the creation of GMC, many of those who followed the path of knowledge in the banks of this school saw their contribution being recognized and distinguished both by the populations and by the highest levels of society.

In this narrative, we will briefly describe the path of some doctors who graduated from GMC in Nova Goa and their academic and professional career. Great figures of Medicine, such as Alfredo da Costa, Gama Pinto and Aires de Sousa, among others, although born in Goa, will not be mentioned in this manuscript, since they did their medical training in schools in mainland Portugal.

Agostinho Vicente Lourenço. *Born in Margão in 1826, he belonged to the first group of GMC graduates in 1846. In the following year, 1847, he was appointed substitute lens for this school and a year later (1848) he arrived in Lisbon as a scholarship holder and, still in that capacity, in 1849 to the City of Lights. He obtained a PhD in Sciences from the University of Paris (1853) where he worked with well-known personalities in the field of Chemistry such as Adolphe Wurtz, Justus von Liebig and Robert Wilhelm Bunsen.*

He was the first researcher to obtain diethyl alcohol. As a corollary of his work in the field of Chemistry, he was invited by the Faculty of Medicine of Lyon (France) to head the chair of Chemistry and Toxicology.

In 1861 he was invited to be the Regent of the chair of Organic Chemistry and director of the Polytechnic School of Lisbon.

In addition to his valuable contribution to the research and teaching of Chemistry, he published, between 1865-67, a study of the mineral springs of Lisbon, Chaves and Vizela[10].

Francisco Luís Gomes *was born in Navelim in 1829, graduated from GMC in 1850 and in that same year he was appointed auxiliary substitute lens.*

In 1861 he was elected as Deputy to the Cortes (National Assembly) by Portuguese India. In addition to political activity, although his training was in Medicine, he dedicates himself to Economics, writing several essays: "Essay sur l'economie politique dans ses rapport avec le droit et la morale", "De la question du cotton in Anglaterre and in the Portuguese possesion of Afrique Ocidentalle", "The Freedom of

Ocidentalle", "A Liberdade da Terra" e "Economia Rural da Índia Portuguesa".

Os seus escritos sobre economia são muito apreciados por filósofos e economistas como John Stuart Mill, Michael Chevalier e Lamartine.

Em 1869, como reconhecimento do seu trabalho, a Universidade de Louvain (Bélgica) concede-lhe o Doutoramento Honoris Causa.

Como Historiador e biógrafo escreve o famoso romance "Os Brâmanes" a biografia "Le Marquis de Pombal, Esquisse de sa vie Publique" e "Os Brigadeiros Henrique Carlos Henriques e Joaquim Xavier Henriques"

É agraciado pelo governo português com a Ordem Militar de Cristo[11].

Indalêcio Pascoal **Froilano de Mello**, nasceu em Benaulim. Em 1919, aos 23 anos, concluiu o curso de Medicina pela EMC, tendo sido, de imediato,

the Earth"and "Rural Economy of Portuguese India".

His studies and papers on economics are highly appreciated by philosophers and economists like John Stuart Mill, Michael Chevalier and Lamartine.

In 1869, in recognition of his work, the University of Louvain (Belgium) awarded him the Doctorate Honoris Causa.

As a historian and biographer, he writes the famous novel "Os Brâmanes", the biography "Le Marquis de Pombal, Esquisse de sa vie Publique" and "Os Brigadeiros Henrique Carlos Henriques and Joaquim Xavier Henriques"

He was awarded, by the Portuguese government, with the Military Order of Christ[11].

***Indalêncio Pascoal Froilano de Mello** was born in Benaulim in 1919. He graduated at GMC when he was 23 and was immediately selected as an auxiliary substitute lens.*

Figura 4. Estátua de Francisco Luís Gomes em Panjim e placa toponímica numa avenida em Lisboa.

nomeado Lente substituto auxiliar.

No seu percurso académico foi designado (1913/14) como Professor Assistente na Universidade de Sorbonne-Paris e em 1921, Professor Itinerante da Universidade do Porto.

Entre 1922-23 fez uma Pós-graduação no Instituto Kaiser Willhelm em Berlim e Instituto Max Planck na Alemanhã. Entre 1927-1947, foi Director da EMC.

Ao longo da sua carreira como cientista, Froilano de Mello foi responsável pela descoberta de protozoários, parasitas e micróbios que hoje são conhecidos por nome latinos batizados pelo próprio. Representou Portugal em vários congressos e publicou em revistas internacionais, entre outros, artigos sobre parasitologia e lepra. Foi membro de várias sociedades científicas nacionais e internacionais.

Foi Prefeito de Pangim entre 1938–1945 e, entre 1945-49 membro do Parlamento português em representação do Estado Português da Índia onde foi um acérrimo defensor contra a discriminação do Acto Colonial de 1930.

Escreveu "A la Veille du Centenaire" (1941) e "O Cântico da Vida na Poesia Tagoreana" (1946).

Foi condecorado pelo Estado Português com a Grande Oficial da Ordem de Avis e Comendador da ordem de São Tiago e, pelo Estado de S. Paulo como Comendador da Ordem de Benemerência de São Paulo[12].

Na chefia de serviço de saúde: em Goa e outras colónias portuguesas

Foram vários os médicos formados na EMC que exerceram função de Chefe de Serviço no antigo Estado Português da Índia, casos de Miguel Caetano Dias, José Maria da Costa Álvares e Francisco António Wolfango da Silva para além dos já citados Rafael Pereira e Froilano de Melo.

Em Macau, Lúcio Augusto da Silva e José A Felipe Morais de Palha; na Guiné, Aristides Bernardo de Sousa e Zeferino Lobo; em S. Tomé e Príncipe, Bernardo Francisco Bruto da Costa; em Timor, José Francisco de Sales Luís e, em Cabo Verde, António Caetano Xavier de Faria.

In his academic career he was appointed (1913/14) as Assistant Professor at the University of Sorbonne-Paris and in 1921 Itinerant Professor at the University of Porto

Between 1922-23 he did a postgraduate course at the Kaiser Willhelm Institute in Berlin and Max Planck Institute in Germany. Between 1927-1947, he was Director of GMC.

Throughout his career as a scientist, Froilano de Mello was responsible for the discovery of protozoa, parasites and microbes that today are known by Latin names baptized by himself. He represented Portugal in several congresses and published in international magazines, among others, articles on parasitology and leprosy. He was a member of several national and international scientific societies.

He was mayor of Panjim between 1938–1945 and, between 1945-49 member of the Portuguese Parliament representing the Portuguese State of India where he was a staunch advocate against the discrimination of the 1930 Colonial Act.

He wrote "A la Veille du Centenaire" (1941) and "The Song of Life in Tagorean Poetry" (1946).

He was awarded, by the Portuguese State, with the Grand Officer of the Order of Avis and Commander of the Order of São Tiago and, for the State of São Paulo with Commander of the Order of Benemerence of São Paulo[12].

Heads of departments in Goa and other Portuguese colonies

There were several doctors trained at GMC who served as Head of Departments in the former Portuguese State of India, as was the cases with Miguel Caetano Dias, José Maria da Costa Álvares and Francisco António Wolfango da Silva in addition to already mentioned Rafael Pereira and Froilano de Melo.

In Macau, Lúcio Augusto da Silva and José A Felipe Morais de Palha; in Guinea, Aristides Bernardo de Sousa and Zeferino Lobo; in S. Tomé and Príncipe, Bernardo Francisco Bruto de Costa; in Timor, José Francisco de Sales Luís and Cape Verde, António Caetano Xavier de Faria.

Regarding the doctors trained by GMC in Nova

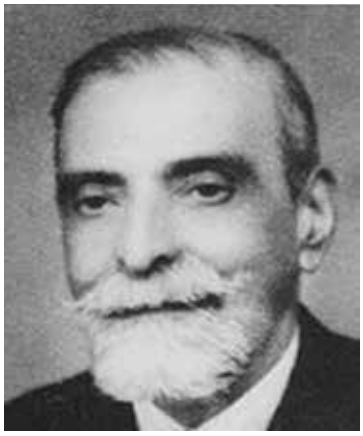


Figura 5. Froilano de Mello e um dos seus inúmeros opúsculos médicos.

A propósito dos médicos formados pela EMC de Nova Goa a "Illustração Portugueza" uma revista semanal editada pelo jornal O Século, escrevia em 1914 "Em tempos que já lá vão, quando os sertões de Africa eram o cemitério dos europeus, foram os médicos por Goa o mais poderoso elemento de propaganda do glorioso nome português, e ainda hoje, as Africas, portuguesa e alemã e o vasto império da India Britânica, abrem os seus braços aos filhos daquela escola, a decana das escolas medicas Coloniais"[8].

Conclusão

Independente de muito que se tem escrito e analisado sobre a criação e pós criação da EMC de Nova Goa, e a apreciação, por vezes muito subjectiva, sobre a qualidade do ensino e dos médicos formados por esta instituição os factos falam muito mais alto.

Na memória das populações e na comunidade científica médica, o contributo humano e científico dos filhos desta insigne instituição ficará para sempre gravado como uma valiosa achega para o bem-estar das populações.

Polémicas e controvérsias não retiram, nem jamais irão retirar, o mérito da EMC e dos médicos por si formados.

Citando Jesus Cristo numa das suas parábolas "Não se atiram pedras em árvores que não dão frutos".

Goa, "Illustração Portugueza", a weekly magazine edited by the newspaper "O Século", wrote in 1914 "In times gone by, when the back lands of Africa were the cemetery of Europeans, the doctors from Goa were the most powerful element of propaganda of the glorious Portuguese name, and even today, the Africa's, Portuguese and German and the vast empire of British India, open their arms to the sons of that school, the dean of the Colonial medical schools"[8].

Conclusion

Regardless of much that has been written and analysed about the creation and post creation of the GMC of Nova Goa, and the judgement, sometimes very subjective, about the quality of teaching and doctors trained by this institution, the facts speak much louder.

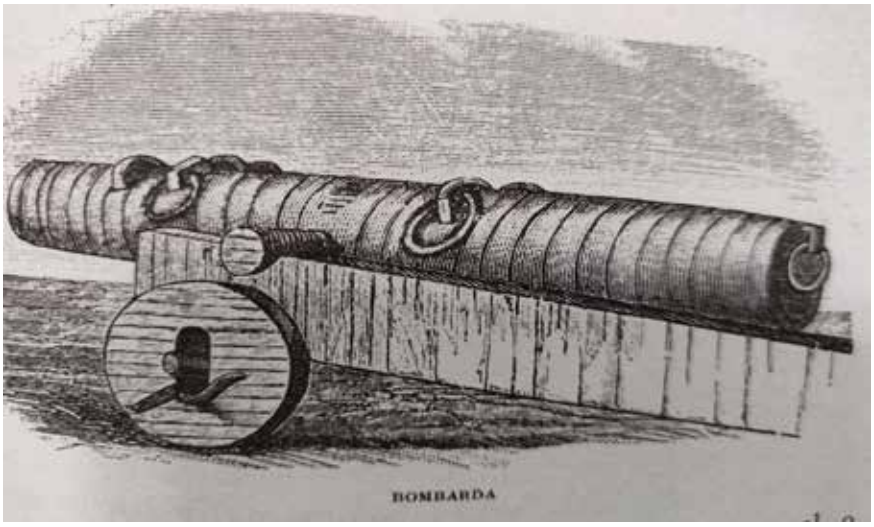
In the memory of the populations and in the medical scientific community, the human and scientific contribution of the offspring of this remarkable institution will be forever recorded as a valuable contribution to the well-being of the communities.

Bickering and controversies do not detract, nor will they ever remove, the merit of GMC and the doctors trained by it.

Quoting Jesus Christ in one of his parables "Stones are not thrown in trees that do not bear fruit".

Bibliografia | References

1. Revista da Casa de Goa. II Série – Número 6 – Set/Out 2020. pp 10-19
2. Escola Médico-cirúrgica de Funchal – Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira. www.abm.madeira.gov.pt
3. Sócrates da Costa A J. Os Médicos Ultramarinos – Mais Brado a favor dos facultativos. Lisboa Typografia Universal 1880
4. Motta, Eduardo Augusto. Bosquejo histórico da Escola Médico-cirúrgica de Lisboa. Lisboa. Imprensa de J. G. de Sousa Neves 1878.
5. Bastos C. Doctors for the empire: The medical school of Goa and its narratives. December 2001. Identities 8(4):517-548 DOI: 10.1080/1070289X.2001.9962707
6. Escola Médico-Cirúrgica de Goa – A bem da nação. https://abemdanacao.blogs.sapo.pt/266857.html
7. Bastos C. O ensino da medicina na Índia colonial portuguesa: fundação e primeiras décadas da Escola Médico-cirúrgica de Nova Goa. https://doi.org/10.1590/S0104-59702004000400002
8. Bastos C. Medicina, império e processos locais em Goa, século XIX. Análise Social, vol. XLII (182), 2007, 99-122
9. António Gramsci. www.pt.wikipedia.org
10. Agostinho Vicente Lourenço. www. cvc.instituto-comoes.pt
11. Correia LA. Francisco Luís Gomes 1829-1869: A select reader. Editor Goa, India 2011.
12. Froilano de Mello. www.pt.wikipedia.org



Bombarda (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

A ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE GOA NO MEU ÁLBUM DE FAMÍLIA

THE ESCOLA MÉDICO-CIRÚRGICA DE GOA IN MY FAMILY ALBUM

Ivo Álvares Furtado

Professor Catedrático de Medicina | Núcleo da História de Medicina da Ordem dos Médicos, Portugal (notas biográficas no fim)

Full Professor of Medicine | History of Medicine section of the Portuguese Medical Association, Portugal (biographical notes at the end)

À memória de meu pai,
Joaquim Ligório Sales da Piedade Álvares Furtado

Resumo

O autor cumpre neste artigo o desejo de dar corpo à apresentação de uma visão distanciada no tempo e simultaneamente próxima, pelas particularidades do seu posicionamento privilegiado, familiar, académico e profissional, destacando o importante papel dos Portugueses no Ensino Médico de vanguarda ministrado na Escola Médico-Cirúrgica de Goa, e a sua íntima relação com as realizações científicas e assistenciais da Medicina no Portugal Contemporâneo. Chama à atenção para a identidade e o orgulho de ser Goês, numa visão serena e conciliatória de um passado assumido com orgulho, e a certeza de um futuro promissor para as novas gerações, tendo em conta a realidade do presente.

Abstract

In this article The author fulfills the desire to embody the presentation of a vision distant in time and simultaneously close, due to the particularities of his privileged, family, academic and professional positioning, highlighting the important role of the Portuguese in the avant-garde Medical Teaching given at the Escola Médico- Cirúrgica de Goa, and its close relationship with the scientific and assistance achievements of Medicine in Contemporary Portugal. It draws attention to the identity and pride of being Goan, in a serene and conciliatory vision of a proudly assumed past, and the certainty of a promising future for the new generations, taking into account the reality of the present.

Quando me convidaram a escrever um artigo sobre Goa, desde logo surgiram em mim um turbilhão de ideias, que foram sedimentando e dando corpo ao sentimento de necessidade de expressar um dos grandes objetivos de uma viagem que fiz em Dezembro de 2016 a Goa, centrada numa visita aos locais do meu "Álbum de Família", onde está reservado um espaço de especial carinho à "Escola Médico-Cirúrgica de Goa", onde se formaram em Medicina os meus pais, na já longínqua década de 40 do século XX.

A vida tem muitos caminhos, que se entrecruzam num amplo emaranhado, onde quando menos esperamos temos uma surpresa, encontramos um Amigo, confrontamos presencialmente com a sua obra, que nos é próxima através de familiares

Figura 1. Perspectiva de uma das alas do 1º piso da Escola Médico-Cirúrgica (actual Goa Medical College), por ocasião da minha visita, em Dezembro de 2016.

(neste caso os meus pais), de um nosso próprio mestre, da observação do legado perpetuado nos locais por onde passamos e que ainda hoje possa existir para os visitantes da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Goa; da repercussão do Saber para o avanço da Medicina Portuguesa atual, entre muitos outros acréscimos ao nosso conhecimento, assim tenhamos a mente aberta e uma vontade insaciável de apender, que nos incentiva a continuar a viver em plenitude!

Tudo isto foi acontecendo ao longo do meu percurso de vida… e hoje surge a oportunidade de vos contar esta história.

Lembrar a Escola Médico-Cirúrgica de Goa, é desde logo prestar tributo à afirmação da mais antiga Instituição de Ensino da Medicina Ocidental no Oriente, ligada a Portugal.

Em meados da década de 40, vivia-se o pós-2ª guerra mundial, com o fervilhar da promessa inglesa de independência da Colónia Britânica da Índia e a repercussão expectante do desenrolar dos acontecimentos em Goa, onde Portugal mantinha uma pequena força militar expedicionária.

A Escola Médica de Goa não ficou alheia aos acontecimentos, com sentimentos distintos e até contraditórios em relação a um desfecho que mais tarde ou mais cedo seria inevitável, de desvinculação Administrativa de Portugal.

Faltou em minha opinião, à época, uma visão abrangente, que permitisse desenvolver os ganhos das boas relações interculturais, que era fundamental promover e valorizar, e aonde a Escola Médico-Cirúrgica de Goa sempre teve um papel crucial e preponderante.

Lembrar a Escola Médico-Cirúrgica de Goa, dessa época é recordar grandes nomes da Medicina e da Cirurgia que à data prestavam o seu contributo ao Ensino Médico na Escola, de que sobressaem, entre outros, os nomes dos Lentes, Indalêncio Froilano de Melo, Domingos Roque de Sousa (meu tio-avô, o tio "Dominguito", como carinhosamente o meu pai lhe chamava), e José Batista de Sousa.

Recordar Domingos de Sousa, é desde logo reviver o Ensino Clínico da Medicina numa época em que grassavam a Tuberculose, a Malária e em que a Lepra era um problema major; com a parceria de colaboração do eminente cientista, investigador e docente, à altura Director da Escola Médica, o Lente Indalêncio Froilano de Melo, quando foi implementado o ensino detalhado dos mecanismos destas doenças, no sentido de sensibilizar os alunos de medicina para a futura prática eficaz no controlo das mesmas 2.

Após 40 anos dedicados ao Ensino, em 1945, o "Mestre", Professor Domingos de Sousa proferiu a sua "Última Lição", registada pela imprensa local (O Heraldo), sob o título "Uma Lição Memorável". Faleceu em 1968. Sequência de Figuras de 2a a 2e.

A Figura 3 mostra no centro o Ilustre Professor da Escola Médico-Cirúrgica de Goa, insigne nome de Ciência, e baluarte da Democracia Portuguesa, Professor Dr. Froilano de Melo, que por força da defesa intransigente dos seus ideais, manteve

ASSINATURA

HERALDO

DIARIO DA MANHÃ

DIRECTOR
INACIO DE SA—Médico

FUNDADOR
ANTONIO MARIA DA CUNHA

Figura 2a. Publicação da última lição do Professor Dr. Domingos Roque de Sousa no Jornal Heraldo.

durante algum tempo a independência possível em relação ao regime totalitário de Portugal do período denominado do "Estado Novo", mas acabou por ter de emigrar para o Brasil, em 1951, onde veio a falecer em S. Paulo por neoplasia pulmonar, aos 68 anos.

Figura 3. Alunos da Escola Médica de Goa com os seus Lentes, ao tempo em que o Professor Dr. Froilano de Melo era Director (data provável de 1946). Minha mãe na 1ª fila de pé no centro, imediatamente atrás do Professor Dr. Froilano de Melo. Meu pai de óculos de lentes espessas, também ao centro, na 4ª fila da rectaguarda.

Lembrar o Dr. José Baptista de Sousa, é ter bem presente os ensinamentos do insigne professor de cirurgia, médico militar então recém-chegado da "Metrópole" trazendo consigo o que viria a constituir um impulso relevante ao ensino da cirurgia da época, em Goa. É também recordar os tempos em que meu pai, também médico formado pela Escola Médico-Cirúrgica de Goa, com ele privou como colega médico militar do Batalhão de Cavalaria das tropas expedicionárias da então denominada Índia Portuguesa. Batista de Sousa trouxe técnicas inovadoras de cirurgia corretiva ortopédica do "pé boto"3, implementou cuidados especiais aos queimados, entre outras intervenções cirúrgicas, que realizava, tanto a militares como a civis e que das mesmas pudessem precisar. É ao mesmo tempo recordar um homem dotado de uma vertente humanista e de generosidade na ação desenvolvida, que lhe granjeou o cognome de "engenheiro humano". É também apreciar homem corajoso e muito sensível às questões da pobreza, tendo-se destacado no seu percurso profissional pela sua ousadia na inclusão entre as causas de morte "a fome", contrariando as diretrizes da hierarquia do regime vigente. Esta sua determinação que confrontava o regime totalitário vigente em Portugal da época, teria sido factor determinante para a sua "requisição", para prestar serviço em Goa.

Numa nova incursão ao meu álbum de família, encontrei a fotografia de final do curso de Medicina de 1949/1950 (Figura 4), ano da formatura de minha mãe, Maria da Conceição da Piedade Colaço, a "miss Colaço", uma das duas únicas representantes raras do género feminino, desse ano, à época…. fazendo-nos desde logo pensar como as coisas mudaram desde então, quando hoje em qualquer Faculdade de Medicina existe uma supremacia numérica do género feminino, de 60% a 80%.

Já como Capitão Médico Batista de Sousa regressou à "metrópole", onde prosseguiu a carreira de Medicina Militar no Hospital Militar Principal.

O orgulho de ser natural de Goa, era reprimido pela subalternização do ensino ministrado pela Escola Médica e que era motivo de contestação velada de alguns dos seus docentes, a única que era admitida como possível pela polícia política do antigo regime (PIDE).

Quando em 1968 aguardava a minha candidatura ao Curso de Medicina na Faculdade de Medicina de Lisboa, os meus pais estavam nessa altura a "repetir o curso" como diziam, e a preparar a defesa das respetivas teses de licenciatura em Medicina na Universidade do Porto. Então conversávamos muito sobre as suas experiências de vida e que, a partir do momento em que tive consciência, me serviram de guia e exemplo para a minha conduta formativa. Em particular no momento de escolha de opção do meu futuro profissional, foi determinante e fundamental, a partilha comigo, dos seus percursos de vida e da formação que tiveram na Escola Médico-Cirúrgica de Goa, onde se orgulhavam de ter estudado e adquirido as qualificações necessárias para se destacarem nas Faculdades "Metropolitanas".

Assim entrei na Faculdade de Medicina de Lisboa em 1969 e licenciei-me em 1975.

Uma lição memorável

Anteontem ao meio dia o sr. dr. Domingos Roque de Sousa, distinto professor do 4.º grupo por substituição, da Escola Médico-Cirurgica de Nova Goa, deu a sua última lição, no salão da Bibliotéca, repleto de senhoras, corpos docentes e discentes da Escola, inúmeros médicos, seus ex-alunos.

Na assistência viam-se os srs dr. Braga Paixão, ilustrado Director Geral do Ensino, Presidente e Desembargadores da Relação, dr. Luis Alvares, presidente da Ordem dos Médicos, e muitas individualidades de destaque.

Raras vezes este salão se teria enchido a ponto de extravazar.

O sr. dr. Roque de Sousa versou com mestria o palpitante tema clinico em que, mais uma vez, pôs à prova a sua erudição; a longa prática de medicina, o seu saber e proficiência.

Reboam frenéticas palmas pelo salão às suas últimas palavras.

O sr. prof. dr. Pacheco de Figueiredo, Director da Escola Médica, leu a Portaria de louvor que, sob sua proposta, S. Ex.ª o Governador Geral acabava de enviar, portaria que, apanhada de ouvido, aqui damos em resumo:

V/ página seguinte

zia; são Aleixo Caetano de Sousa (1869, Moçambique), Filomeno da Piedade e Sá (1893, Guiné), Cosme Valério Dalgado (1892 Angola), Belarmino Lobo (1882, Timor) Luis Caetano de Santana Alvares (1891, Guiné), e outros que nas campanhas coloniais da última metade do século findo operam prodígios e são condecorados, louvados e citados.

Recordar o Passado... é evocar as qualidades e as virtudes de tantos e tantos clínicos, modestos obreiros do Bem, que ao próximo dedicaram o melhor do seu talento e do seu coração. E' a admirável intuição de José Inácio de Loiola, Caetano do Rosário Faria e Heráclito Gomes; é a terapêutica e a tradição imaculada do velho Pedro Joaquim Peregrino da Costa; invulgar cultura de Octaviano Moniz, Anastásio Godinho e Caetano Francisco de Menezes.

Recordar o Passado... é ter um pensamento para os Mestres que com dedicação e carinho serviram esta casa. E' a educação humanista do físico-mór Moacho, o fundador da Escola, de Fonseca Torrie, Costa Alvares, José Ribeiro e Wolfango da Silva; é a organização clínica de António José de Gama, Roberto Frias e Pinto Cordeiro; é a fina dialéctica de Rafael Pereira; é a docência de João Henrique Fialho; é a perícia cirúrgica e obstetrica de Miguel Caetano Dias, Viriato Pinto e Rocha Pinto; é a bela galeria de lentes substitutos ordinários, os quais tendo feito a sua educação médica na Escola de Goa pelo seu talento e sabor se impuseram à consideração dos seus pares formados na Metrópole: António Caetano do Rosário Afonso Dantas, Joaquim Lourenço de Araújo, Ventura Pascoal Rodrigues e Caetano Faria.

Recordar o Passado... é gravar em letras de outro nos anais desta Escola os nomes de dois discípulos, que são duas maiores glórias do País: Agostinho Vicente Lourenço e Francisco Luis Gomes.

.....

V/ página seguinte

tes desta escola: Confesso-me cativado e confundido pela sua distinta presença, por esta prova de boa camaradagem e deferência neste momento solene da minha vida em que deixo esta casa depois de mais de quarenta anos de serviço.

Se o vosso gesto me honra sobremaneira ele faz-vos também muita honra, porque amparar a velhice de um colega modesto e obscuro, revela sentimentos elevados, sentimentos de almas nobres.

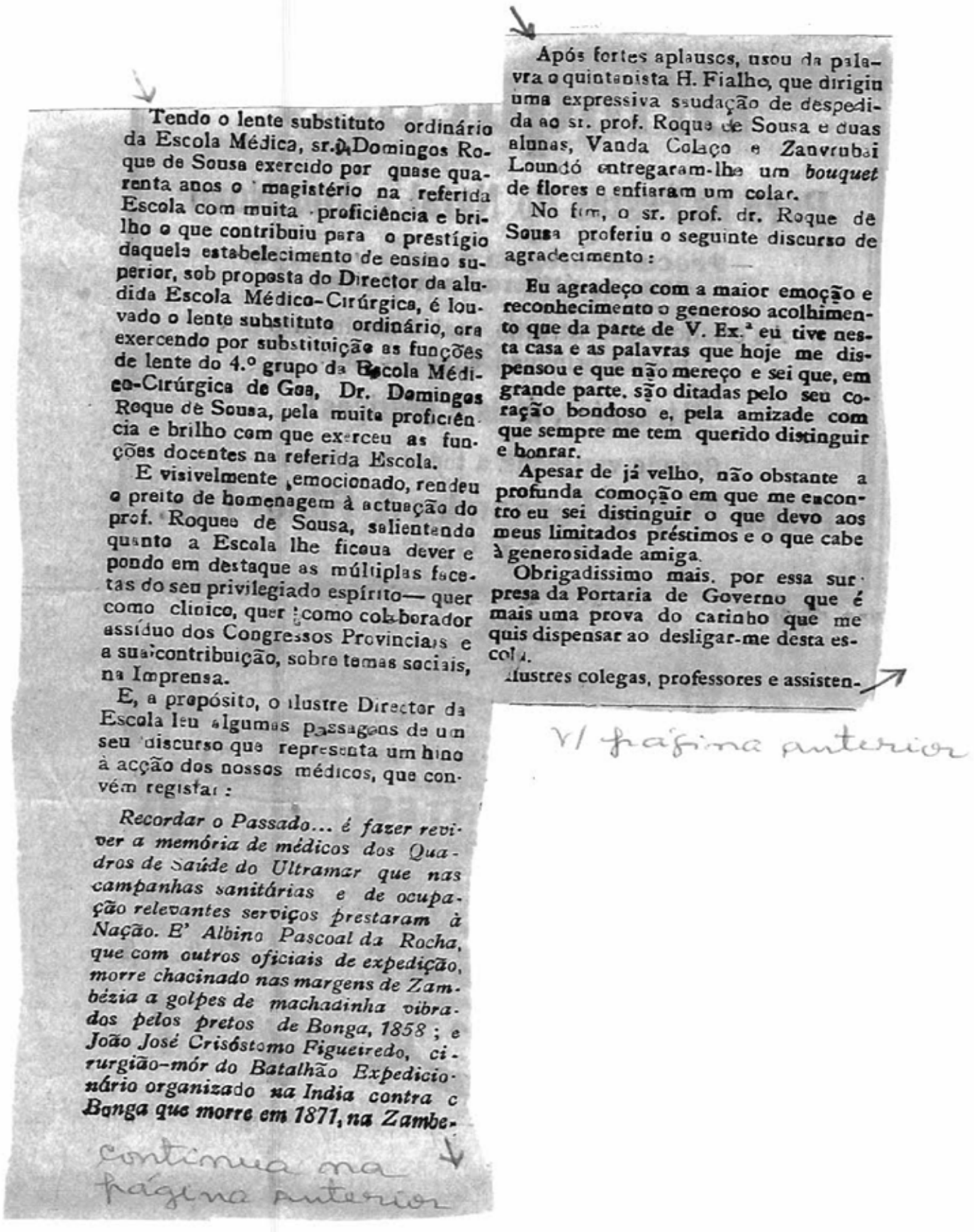
Aos outros colegas, que sem serem colegas no magistério, autorizaram com a sua presença a minha lição, bem entendido, para alunos e que me acompanharam tantas vezes nas lides profissionais o meu profundo reconhecimento pelo subido prazer e honra que me deram, vindos ainda de distâncias.

As Ex.mas damas e cavalheiros que sem serem colegas, me quiseram distinguir com a sua honrosa presença, duas vezes obrigado por esta deferência tão cativante, e em especial ao Ex.mo Sr. Dr. Braga Paixão, ilustre director Geral do Ensino, ao Ex.mo Sr. Dr. Presidente da Relação, ilustres Desembargadores e magistrados e tantas pessoas

(Continua na 5.ª pagina)

Ver à frente

Figura 2b. "Uma Lição Memorável" do Mestre, conforme reporta esta publicação do Heraldo.



Tendo o lente substituto ordinário da Escola Médica, sr. Dr. Domingos Roque de Sousa exercido por quase quarenta anos o magistério na referida Escola com muita proficiência e brilho o que contribuiu para o prestígio daquele estabelecimento de ensino superior, sob proposta do Director da aludida Escola Médico-Cirúrgica, é louvado o lente substituto ordinário, ora exercendo por substituição as funções de lente do 4.º grupo da Escola Médico-Cirúrgica de Goa, Dr. Domingos Roque de Sousa, pela muita proficiência e brilho com que exerceu as funções docentes na referida Escola.

E visivelmente emocionado, rendeu o preito de homenagem à actuação do prof. Roquee de Sousa, salientando quanto a Escola lhe ficoua dever e pondo em destaque as múltiplas facetas do seu privilegiado espírito— quer como clinico, quer como colaborador assíduo dos Congressos Provinciais e a sua contribuição, sobre temas sociais, na Imprensa.

E, a propósito, o ilustre Director da Escola leu algumas passagens de um seu discurso que representa um hino à acção dos nossos médicos, que convém registar:

Recordar o Passado... é fazer reviver a memória de médicos dos Quadros de Saúde do Ultramar que nas campanhas sanitárias e de ocupação relevantes serviços prestaram à Nação. E' Albino Pascoal da Rocha, que com outros oficiais de expedição, morre chacinado nas margens de Zambézia a golpes de machadinha vibrados pelos pretos de Bonga, 1858; e João José Crisóstomo Figueiredo, cirurgião-mór do Batalhão Expedicionário organizado na India contra o Bonga que morre em 1871, na Zambe-

Continua na página anterior

Após fortes aplausos, usou da palavra o quintanista H. Fialho, que dirigiu uma expressiva saudação de despedida ao sr. prof. Roque de Sousa e duas alunas, Vanda Colaço e Zanvrubai Loundó entregaram-lhe um *bouquet* de flores e enfiaram um colar.

No fim, o sr. prof. dr. Roque de Sousa proferiu o seguinte discurso de agradecimento:

Eu agradeço com a maior emoção e reconhecimento o generoso acolhimento que da parte de V. Ex.ª eu tive nesta casa e as palavras que hoje me dispensou e que não mereço e sei que, em grande parte, são ditadas pelo seu coração bondoso e, pela amizade com que sempre me tem querido distinguir e honrar.

Apesar de já velho, não obstante a profunda comoção em que me encontro eu sei distinguir o que devo aos meus limitados préstimos e o que cabe à generosidade amiga.

Obrigadissimo mais, por essa surpresa da Portaria de Governo que é mais uma prova do carinho que me quis dispensar ao desligar-me desta escola.

Ilustres colegas, professores e assisten-

V/ página anterior

Figura 2c. "Uma Lição Memorável" (continuação).

5.ª página

22 de Dezembro de 1954

Uma lição memoravel

(Continuado da 1.ª página)

de distinção que me confundem neste momento.

Aos meus queridos alunos do quarto e quinto anos e a todos os estudantes desta Escola muitissimo agradecido.

As vossas palmas, as vossas flores, me dão novo alento para a minha vida em franco declinio, e me fazem rejuvenescer

Tenho quarenta e cinco anos de formatura e destes quarenta e um de magistério nesta Escola.

E' doloroso o momento de despedida.

Despeço-me de todos os colegas com muitas saudades e levo as mais gratas recordações da boa camaradagem em que sempre vivemos. Faço os meus mais ardentes votos para que o senhor Director desta Escola que com aprumo e superior critério dirige os seus destinos, continue a prestigiá-la cada vez mais. Ao meu profundo reconhecimento, hoje que estou pràticamente desligado do serviço, presto a minha homenagem ao professor erudito, mestre proficiente e clinico distinto. Aos colegas que nesta casa trabalharam afanosamente os meus votos para que continuem numa escala crecente a se afirmarem pelo seu talento que têm de sobejo e pelo seu trabalho para que esta Escola, que é da nossa terra, fique cada vez mais acreditada e valorizada.

Dos estudantes me despeço com enternecidas saudades.

Eles foram a razão de eu ser lente por tantos anos, e faço os melhores votos para que com o seu estudo e trabalho persistente, única maneira de se triunfar a sério no campo médico, procurem ser úteis à humanidade sofredora e honrem a nossa Escola dentro e fora do país como tantas gerações o fizeram. Aos meus alunos do 5.º e 4.º ano levo-os no meu coração.

E a todos, sem me esquecer do pessoal das duas secretarias, bom, dedicado leal e sempre atencioso, digo comovidamente adeus.

Embora desligado de serviço os laços de saudade que me prendem a esta casa e em especial ao sr. Director da Escola e a todos os colegas deste estabelecimento, serão imperduráveis e sempre cheios de gratas recordações.

Deixo os umbrais desta casa em que me formei e trabalhei com pesar, sim, mas ao mesmo tempo com duas notas mais consoladoras ao meu coração:

Pela primeira eu só tenho que agradecer a Deus porque me conservou com vida e válido para eu poder exercer o magistério durante mais de quarenta anos, facto que pela primeira vez se dá nos anais desta Escola.

A segunda é a nota duplamente grata e honrosa para quem vai deixar esta Escola de gloriosas tradições, quase todos os professores desta Escola, à excepção de um só, todos os assistentes me deram a honra de terem sido meus alunos no Curso médico, fortuna rara de que poucos poderão orgulhar-se.

Eu reconheço que do brilho intelectual que eles têm e dos seus largos conhecimentos e triuntos, nada me é devido mas eu sou como um pai analfabeto que se orgulha e se envaidece de ter filhos letrados, reais valores da sociedade.

E' este o meu caso, e é por isto mesmo que os meus votos pelas felicidades de todos os colegas que deixo são duplamente ardentes e sinceros.

A todos digo comovidamente adeus e muito e muito obrigado.

Por esta prova de carinhosa simpatia que será o melhor bálsamo para as agruras da minhaevlhice.

Todo o Corpo docente abraçou o prof. dr. Roque de Sousa bem como as pessoas amigas aí presentes.

Desta maneira, o sr. prof. dr. Domingos Roque de Sousa dá por finda a sua carreira docente, mas, por felicidade, não saiu como valetudinário, porque ainda hoje exerce a sua actividade de clínico com mesmo vigor e maior dose de experiência e maior tempo ao seu dispor.

Felicitamos cordialmente o sr. prof. dr. Roque de Sousa, desejando-lhe longa vida e muitas felicidades.

Figura 2d. Ainda "Uma Lição Memorável".

DR. DOMINGOS ROQUE DE SOUSA

Temos a satisfação de transcrever do mensário «O Médico» (Agosto de 1968) que se publica em Goa, continuando a predominar nas suas páginas a língua portuguesa e transcrevendo em todos os seus números artigos publicados no nosso semanário:

No transe difícil que Goa atravessa, amachucando o espírito, o desaparecimento de homens que, marcando embora uma época brilhante já ultrapassada, continuavam a projectar a sua sombra amiga e acolhedora, enche a alma daquela funda tristeza que se sente quando se vê por terra um roble secular, carcomido de tronco, mas de raízes firmes no solo, a meio da longa e pedregosa estrada quase nua de arvoredo, a oferecer o abrigo da sua copa frondosa ao viandante estafado da penosa jornada.

É este sentir amargo que nos punge o espírito ante a dolorosa realidade que se nos depara: o inopinado decesso do Mestre e Amigo, que procurou incutir em nós sábias lições médicas, que a desatenção da juventude, dada ao *dolce far niente*, não as fixou como devia, e nos envolveu de afecto, mais acentuado nos últimos tempos, que no cadinho do nosso espírito se transfundiu em quente admiração pela sua veneranda pessoa.

Na pléiade gloriosa de mestres da Clínica Médica, que honraram a cátedra, iluminando as inteligências e lhes dando directrizes seguras para trilhar com firmeza o duro caminho da profissão médica, tendo sido ao mesmo tempo valores marcantes na sociedade goesa, pelo seu alto contributo à causa pública, avulta a personalidade inconfundível do Dr. Domingos Roque de Sousa.

A sua figura pesada, de passo vagaroso e gesto reservado, de rosto largo e vincado onde cintilavam dois olhos penetrantes que pareciam perscrutar o interior das almas, albergava uma inteligência viva e versátil, servida por uma expressão clara e convincente que simplificava os assuntos mais abstrusos, tornando as suas lições em rico manancial que satisfazia os cérebros mais exigentes, cuja dialéctica se quebrava de encontro à rocha do seu vasto e prático saber.

Se como professor da Clínica Médica, na gloriosa e lamentada Escola Médica de Goa, preparou sòlidamente toda uma legião de alunos, nos quais ainda ecoa a voz do Mestre a ensinar-lhes a cumprir com ciência e consciência o seu dever profissional, como clínico e consulente não há lar onde ele não tenha trazido, em momentos de angústia, a sua palavra autorizada que se derramava em conforto que levanta e prescrição que acerta.

Era o protótipo de João Semana, que, chuva ou sol, tempestade ou canícula, lá vai, corpo moído de cansaço, cérebro munido de ciência, alma cheia de amor, a salvar corpos e almas.

Mas a sua multíface personalidade se desdobrou em outras actividades sociais, de modo a dar o seu valioso concurso para o levantamento da terra, ventilando na Imprensa e nos conselhos com proficiência e pragmatismo, os mais intrincados problemas da administração pública, apontando soluções viáveis tendentes ao progresso do País, e penetrando também no perigoso campo da polémica religiosa, dominado por espíritos fulgurantes, com o seu alto saber, alta ironia e alta intransigência...

Foi já a enterrar o Dr. Dominguito, envolto no sudário de lágrimas sentidas dos que o traziam no coração.

Mas a sua memória perdurará enquanto houver almas gratas que lhe devem a graça da ciência e da vida.

JOSÉ RANGEL

Figura 2e. Notícia do falecimento do Professor, Mestre e Amigo, Dr. Domingos Roque de Sousa.

Figura 3. Alunos da Escola Médica de Goa com os seus Lentes, ao tempo em que o Professor Dr. Froilano de Melo era Director (data provável de 1946). Minha mãe na 1ª fila de pé no centro, imediatamente atrás do Professor Dr. Froilano de Melo. Meu pai de óculos de lentes espessas, também ao centro, na 4ª fila da rectaguarda.

No início da minha Especialidade de Estomatologia (entre 1881 e 1987), tive o privilégio de privar, aprender e colaborar com o Professor Doutor António Maria Baptista Fernandes, que é considerado o Fundador da Especialidade da Cirurgia Plástica em Portugal, e que foi um antigo discípulo de Batista de Sousa após o seu regresso e colocação no Hospital Militar Principal, entre 1951 e 1961. No final da década de 50 do século XX, Baptista Fernandes aprendeu com Batista de Sousa as bases cirúrgicas que consigo levou para Inglaterra onde se especializou em Londres, em Cirurgia Plástica e Maxilo-Facial, no Serviço do Professor Archibald McIndoe. Eu integrava o Serviço dirigido pelo Professor Baptista Fernandes, quando criou no seu Serviço a Unidade de Queimados, quiçá na sequência dos ensinamentos de Batista de Sousa. Em 2016, quando visitei em Pangim o Edifício da antiga Escola Médico-Cirúrgica de Goa, tive uma agradável surpresa de encontrar o elo de ligação entre ambos, na sala de "Reanimação de queimados" por ele tão acarinhada (Figura 5).

O Dr. José Batista de Sousa atingiu a patente de Coronel e passou à reserva em 1964, mantendo a sua actividade cirúrgica até próximo da sua morte, em 1967, por "doença incurável", aos 63 anos.

Este artigo pretende ser a lembrança viva de um passado que deixou um valioso legado com repercussão no progresso da medicina portuguesa actual!

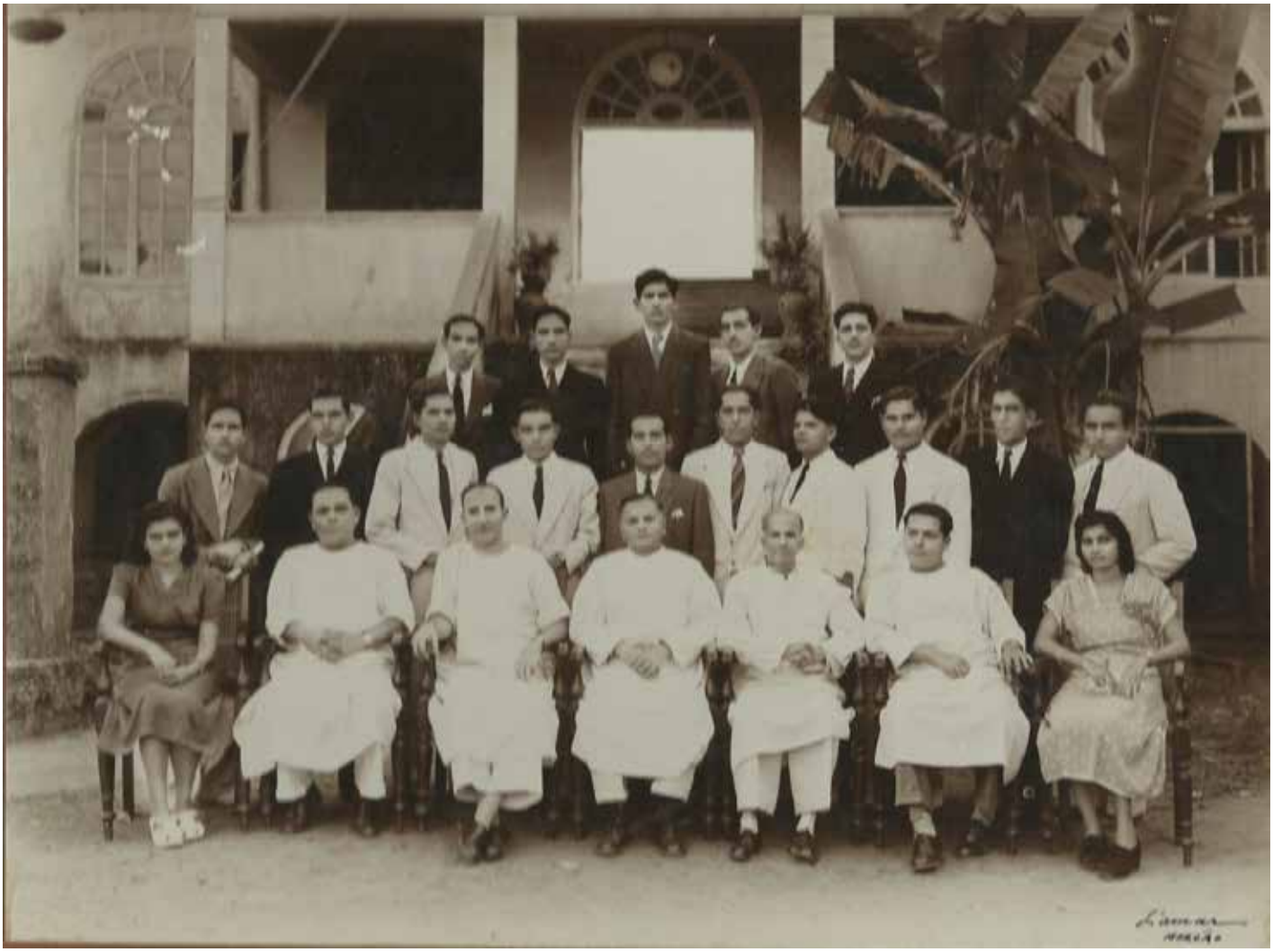


Figura 4. Fotografia de final do curso de Medicina de 1949/1950. Na 1ª fila, a começar da esquerda da figura e por ordem, estão sentados a aluna Maria Colaço (minha mãe), os mestres, R. Fernandes, José Batista de Sousa, Pacheco de Figueiredo (à data Director da Escola Médica de Gôa), S. Rodrigues e JF Rêgo, e ainda a aluna C. Lobo.

Figura 5. Sala de Reanimação de Queimados, ainda hoje uma presença histórica do Ensino Médico de vanguarda ministrado na Escola Médico-Cirúrgica de Goa.

Notas Biográficas | Biographical Notes

Ivo Álvares Furtado é Médico Estomatologista, Professor Catedrático de Medicina (Anatomia), Presidente da Faculdade de Ciências da Vida da Universidade da Madeira e Presidente da Sociedade Anatómica Portuguesa. Foi membro do núcleo da História de Medicina da Ordem dos Médicos.

Ivo Álvares Furtado *is a Stomatologist, Full Professor of Medicine (Anatomy), President of the Faculdade de Ciências da Vida of the Universidade da Madeira, and President of the Portuguese Society of Anatomy. He was a member of the History of Medicine section of the Portuguese Medical Association (Ordem dos Médicos).*

Referências

1. Bastos, C. O ensino da medicina na Índia colonial portuguesa: fundação e primeiras décadas da Escola Médico-cirúrgica de Nova Goa. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-59702004000400002&script=sci_arttext&tlng=es, acesso em 6/6/2020.
2. Santos, António Manuel Nunes dos; Auretta, Christopher Damien. Leprosy in portuguese India: an interaction between public health policy and national politics. https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/31308/1/7-%20sementes%20da%20ci%c3%aancia.pdf?ln=pt-pt, acesso em 6/6/ 2020.
3. Câmara Municipal de Lisboa. Toponímia de Lisboa. Doutor Baptista de Sousa, o engenheiro humano numa rua de Benfica.2014/02/28. https://toponimialisboa.wordpress.com/2014/02/28/doutor-baptista-de-sousa-o-engenheiro-humano-numa-rua-de-benfica/, acesso em 5/6/2020.

Brahmane Gentia (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Acharya dharmananda damodar kosambi

(1876-1947)

Francisco da Purificação Monteiro

Sócio Fundador da Casa de Goa

Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Acharya Kosambi foi um proeminente estudioso de Budismo e linguista, fluente em várias línguas, nomeadamente marata, sânscrito, páli, inglês, russo e birmanês. Foi leitor e investigador nas universidades de Calcutá, Oxford e Leningrado. Autor de uma das mais populares biografias do Buda, Bhagwan Buddha, escrita em marata e posteriormente traduzida para inglês e outras línguas indianas.

Abstract

Acharya Kosambi was a prominent Buddhist scholar and linguist, fluent in several languages, namely Marathi, Sanskrit, Pali, English, Russian and Burmese. He was a reader and researcher at the universities of Calcutta, Oxford, and Leningrad. Author of one of the most popular Bhagwan Buddha biography, written in Marathi and later translated into English and other Indian languages.

Dados biográficos

Acharya Dharmananda Damodar Kosambi, sétimo filho do casal Damodar e Anandibai, nasceu a 9 de Outubro de 1876, na aldeia de Sancoale, concelho de Mormugão, distrito de Goa, antigo Estado da Índia.

Oriundo duma família de parcos recursos, passou a sua infância e adolescência ajudando os pais nas plantações de coqueiros na sua aldeia natal; como consequência a sua escolaridade não passou da frequência de um trimestre escolar.

Seguindo os costumes da época casou muito novo, quando apenas tinha 16 anos. Apesar das dificuldades não se desanimou, tornando-se um autodidata através da leitura de livros em marata.

Na rota do Budismo

Um artigo sobre a vida de Gautama Buddha foi determinante na procura de ensinamentos de Buda. Com este desígnio segue para Puna (Maharastra), para se aconselhar com o orientalista e estudioso da língua sânscrita Dr. R. G. Bhandorkar, que por sua vez o aconselha a ir a Benares para estudar sânscrito dado que o conhecimento desta língua o iria ajudar muito no estudo da língua Páli – antiga língua indiana litúrgica, utilizada na escola Teravada do Budismo (próxima da falada pelo Buda) e pertencente ao tronco linguístico indo-europeu.

Kosambi depois de uma longa e cansativa marcha a pé chega a Ujjain em Varanasi onde inicia o estudo da

Figura 1. Acharya Dharmananda Damodar Kosambi.

gramática da língua sânscrita e os textos sagrados. O seu objectivo de estudar o budismo através da língua Páli, que já estava praticamente em extinção, leva-o a Nepal, Calcutá e por último a Shri Lanka (antigo Ceilão). Neste país é admitido na Universidade Vidyodaya que era dirigida pelo conhecido estudioso de Páli e budismo, Sumangallacharya.

Em apenas três anos torna-se mestre em língua Páli e em todas obras sagradas do Budismo, compiladas em três Pitakas, que em sânscrito significam "As Três Secções das Escrituras Budistas": a Sutra-Pitaka (Sermões), a Vinaya-Pitaka (Preceitos da Fraternidade Budista) e a Abhidarma-Pitaka (comentários aos outros dois pitakas). Como já dominava perfeitamente o sânscrito, especializou-se em Visuddi Magga (Vishuddhi Marga em sânscrito), que é uma compilação de todos os ensinamentos de Buda, editada no século V por Buddhaghoshain.

Converteu-se ao budismo, tendo recebido a iniciação através do seu grande Guru, e assumiu o nome de Dharmananda. De seguida foi para a Birmânia (Myanmar) onde fez estudos comparativos dos textos budistas na língua birmanesa. Aí conheceu um monge budista alemão, com quem aprendeu a língua inglesa.

O seu desejo de consagrar a sua vida ao estudo e propagação do Budismo leva-o a Barodá onde, com uma bolsa de 50 rupias mensais, se dedica a investigação e ensino desta religião. Por último acaba por fixar a sua residência em Bombaim.

Percurso académico

Nessa altura (1901), estava naquela grande cidade o Dr. James Wood da Universidade de Harvard que estava à procura de um estudioso em sânscrito, Ardhamagadhi (língua indo-ariana utlizada em alguns textos budistas e jainistas) e Páli.

O currículo de Kosambi leva-o a Harvard para ajudar a traduzir e editar Vishuddhi Marga para a língua inglesa que completa com sucesso. Aproveitou a sua estadia naquela cidade universitária para estudar a língua russa e os ensinamentos de Marx.

Em 1929 foi convidado a ensinar Páli na Universidade de S. Petersburgo (na altura Leningrado).

Ao fim de sete (7) anos regressa a Índia já como mestre em língua Páli bem como nas línguas Singalesas e Birmanesa.

Na altura a luta pela independência da Índia estava no seu auge. Por influência de Gandhi foi nomeado para assistente livre (sem remuneração) na Universidade de Gujarat.

Os seus profundos conhecimentos de Páli ajudaram a conseguir um cargo como leitor na Universidade de Calcutá; esta situação permitiu-lhe trazer para viver junto de si a mulher e o filho Manik; em 1907 nasceu o seu filho Damodar que viria a doutorar-se e ser conhecido como matemático, historiador e também estudioso de Sânscrito.

O chamamento da liberdade era grande por isso começou a recrutar voluntários para a marcha do sal – Salt Satyagrha, onde ele próprio participou, por um período de seis anos.

O estatuto de Goa como colónia portuguesa também era motivo da sua preocupação e ele quis iniciar o movimento de libertação da sua terra natal, tal como

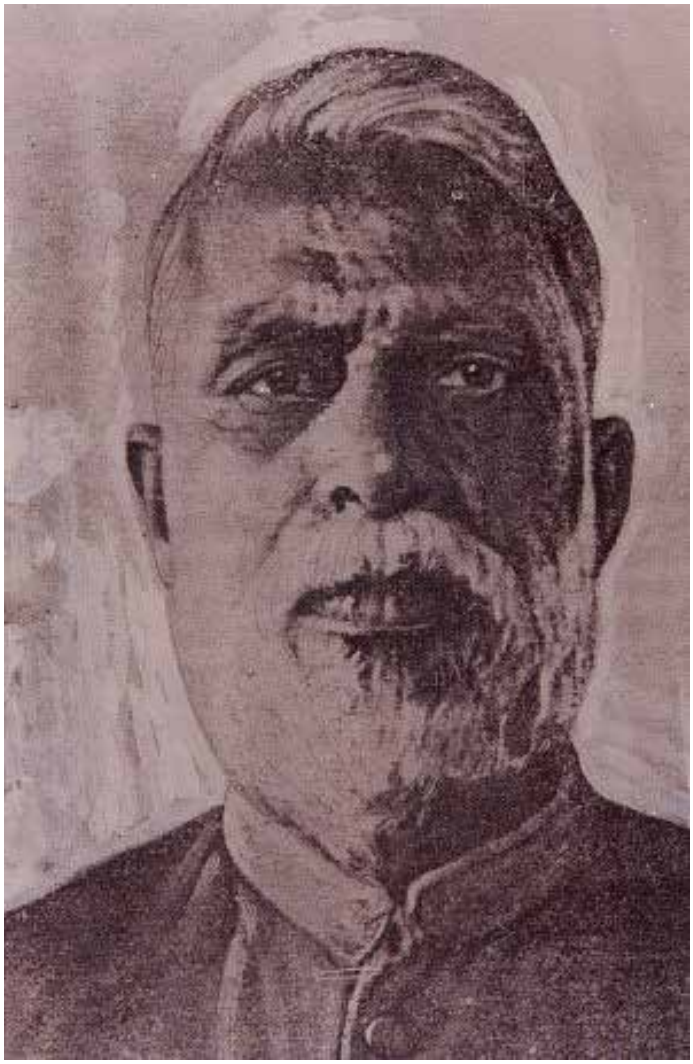


Figura 2. Acharya Kosambi (fonte: Kamat.com)

Gandhi fizera em relação a Índia Inglesa, mas a sua idade avançada e o seu débil estado de saúde não permitiram a concretização deste seu desejo.

Entre a espiritualidade e política

A longa associação com estas duas religiões (budismo e jainismo) deixaram nele profundas marcas que o levam à renúncia do mundo material e ao encontro do caminho da libertação espiritual.

No entanto, Gandhi aconselhou-o a não levar por diante o seu propósito, que acaba por aceitar. Funda então a "Bahujanavihara", uma casa abrigo para monges budistas em Bombaim, que passou a receber pessoas oriundas de todas as partes do mundo.

Veio a falecer em Sevagram (Wardha) a 24 de Junho de 1947, no seguimento de um autoimposto jejum (sallekhanna – código de conduta ética voluntária do Jainismo).

Súmula

Kosambi oriundo de uma família de fracos recursos económicos – iniciou os estudos aos 23 anos − foi um seguidor dos ensinamentos de Buda e apóstolo de não violência (Ahimsa). A sua obra "Bhagavan Buddha" biografia de Buda, foi escrita originalmente em marata e posteriormente traduzida para inglês e em todas as línguas indianas pela Central Sahitya Academy de Nova Delhi.

As suas pesquisas e traduções de obras Budistas continuaram e contribuíram para uma maior divulgação do Budismo, que anteriormente só era conhecido pelas traduções e interpretações de autores ocidentais; as suas interpretações, que chocavam os tradicionalistas budistas e jainistas, eram puramente indianas baseadas nos seus conhecimentos de Sânscrito e Páli.

É também autor de 11 livros sobre o Budismo e Jainismo. A sua autobiografia em marata, intitulada "Nivedan" apresenta retratos da vida social nos finais de século XIX em Goa.

Bibliografia

- Eminent Goans, Goa Cultural & Social Centre
- Goa – Terra Indo-Portuguesa – Rodrigo Wolfgango Robusto, 1953
- Goa Research Institute for Development. SuperGoa, 2004
- Goa Yesterday – Today – Tomorrow, A. D. Furtado, 1981

Rosário António de Figueiredo

um valor da nossa comunidade

Rosário António de Figueiredo:

A man of worth from our community

Mário Viegas

Foi diretor, cofundador e/ou redator das revistas | *Past director, co-founder, and/or editor of magazines*

Elo (Lourenço Marques), Voz da Zambezia (Quelimane), and Ecos do Oriente (Lisboa)

Resumo

Rosário de Figueiredo, o nosso visado de hoje, começou aos 18 anos, a jogar futebol nos juniores do Clube Desportivo Indo-Português de Lourenço Marques. Daqui transitou para outras coletividades quando fora da capital. Contemporâneo de craques como Armando Coelho, Júlio Cernadas Pereira (Juca), Mário Wilson (Corina), seus companheiros na época, quer no futebol, quer na escola, Rosário destacou-se sempre pelo sua atuação e comportamento.

Abstract

Rosário de Figueiredo, started at the age of 18, playing soccer in the juniors of the Clube Desportivo Indo-Português de Lourenço Marques. From here he moved to other collectivities when outside the capital city. Contemporary of stars like Armando Coelho, Júlio Cernadas Pereira (Juca), Mário Wilson (Corina), his colleagues at the time, both in soccer and at school, Rosário always stood out for his performance and behavior.

No rasto dos descendentes dos goeses que triunfaram na diáspora em várias atividades, deparamos com mais um craque de futebol que brilhou no desporto moçambicano, hoje com 90 anos de idade, vivendo presentemente confinado na linha do Estoril, em Carcavelos. Solicitamos então os bons ofícios de amigo comum, Alberto Rodrigues, residente em Cascais, outro craque que já foi retratado nesta Revista e acolheu a iniciativa com entusiasmo.

Rosário de Figueiredo, o nosso visado de hoje, começou a interessar pela prática do futebol na escola primária Correia da Silva, em Lourenço Marques, ao ver colegas mais velhos brincarem com a redondinha. A prática efetiva, digamos oficial, começou aos 18 anos, em 1946, nos juniores do Clube Desportivo Indo-Português. Nesse mesmo ano, três juniores - Rosarinho, Serafim Fernandes (falecido) e Fernando Vaz (mais tarde médico-cirurgião e Ministro da Saúde do Governo da Frelimo), felizmente vivendo ainda em Moçambique - subiram à 1ª categoria, que nessa época se designava por "Honras". Recorde-se que era nessa época treinador do Indo o saudoso Jordão Joia, que tinha sido guarda-redes, no Sporting Clube de Portugal e, posteriormente, no Sporting Clube de Lourenço Marques, abraçando a carreira de treinador de futebol, depois de deixar de jogar.

No Indo, Rosarinho ainda jogou futebol de salão (futsal), modalidade pela qual também jogou na

Figura 1. Rosário António de Figueiredo.

seleção da vizinha Vila de João Belo (Xai-Xai). Mas sendo funcionário dos Caminhos de Ferro, Rosarinho poderia eventualmente ser transferido para outras localidades de Moçambique. Acabou colocado na cidade da Beira, e, com o bichinho do desporto a morder-lhe as entranhas, inscreveu-se e começou a jogar noutra coletividade da nossa comunidade - C.R.I. P. (Clube Recreativo Indo Português) -, onde também jogou futebol de salão, e, paralelamente, praticou atletismo pelo Clube Ferroviário da Beira.

Conquistou o Campeonato da 2ª divisão pelo Indo de LM (1953), uma Taça da Cidade da Beira pelo CRIP, outra pelos "locomotivas" da Beira e bastantes medalhas e referências na imprensa pelas suas atuações e comportamento.

Nesta atividade, ocorreram-lhe naturalmente vários episódios, dos quais registamos dois bastante relevantes na época:

Na órbita de velhos e negativos procedimentos, que manchavam a sã convivência entre pessoas na sociedade desse tempo em Moçambique, procedimentos já esquecidos por muitos, ocorreu quando a seleção de futebol da Beira foi convidada para jogar na Rodésia, em Salisbury. Jogar nos territórios vizinhos de língua inglesa, onde se praticava o apartheid, causavam igualmente perturbação nos dirigentes de Moçambique, que eram contagiados por esse clima. Bastantes optavam por excluir da seleção todo aquele que não fosse o chamado branco. Pairou então um grande embaraço entre pessoas afetas à modalidade. Rosarinho e Nicolau, ambos do C.R.I.P, eram de ascendência goesa, e talvez fossem impedidos de integrar a seleção. Contudo, provavelmente porque sabiam que os dois eram peças marcantes da seleção, moveram-se influencias, e eles acabaram por fazer parte do grupo e foram os primeiros designados não brancos a jogar contra os "brancos" na Rodésia. Tempos para esquecer.

Outra página a recordar é a daquela forte rivalidade entre naturais da Colónia e os da chamada Metrópole. Todos os anos, estas seleções defrontavam-se com tal entusiasmo, fúria e tenacidade, engrossando cada vez mais a rivalidades entre os dois contendores, que as autoridades viram-se obrigadas suspender as suas pugnas. Acrescente-se que a seleção dos Naturais em que Rosarinho integrou venceu por 4-2ª a da Metrópole, para felicidade dos moçambicanos.

Na avalanche dos anos 50 (séc. XX), craques de Moçambique triunfam com relativa facilidade na Metrópole. Armando Coelho, Júlio Cernadas Pereira (Juca), Mário Wilson (Corina), seus companheiros na época, quer no futebol, quer na escola fizeram-lhe várias aproximações na tentativa de o aliciarem para vir jogar futebol para Portugal, quer na Académica, no Sporting ou no Benfica. Rosarinho não pensou duas vezes. Achava que tinha a vida estabilizada, em Lourenço Marques, e, também, porque não tinha grande espírito aventureiro, jamais pensou em trocar o certo pelo incerto.

Outra faceta da sua vida reside nas viagens. Conhecer outras comunidades, outros costumes, outro modo de vida integra o seu currículo. Em excursões para fora da cidade de Lourenço Marques, já esteve na Ilha de Moçambique, em Quelimane, Inhambane, Porto Amélia e, naturalmente, Beira, onde viveu muitos anos.

Em licença graciosa, passou pela ilha de S. Tomé, e aqui, conta, depois duns dias no mar, soube-lhe bem desembarcar em terra firme, na companhia de dois

Figura 2. Campeões (1953), pelo Clube Desportivo Indo-Português (cortesia de Augusto Rodrigues).

amigos, Santana e Bruto da Costa, e ir para o interior, ver e sentir o cheiro da vegetação, dos arbustos, das árvores, e das roças enchendo-lhes a alma. Só que. acrescenta, quando olharam para os relógios, o navio levantava ferro, mexia-se, com a intensão de continuar a sua rota. Aflitos e incomodados, o tripulante da lancha acelerou-a, com vento forte e ondas alterosas fustigando os cascos e os rostos, e lá se aproximaram da embarcação e conseguiram trepar a escada e saltar para bordo. Uf! Que alívio. Posto o pé na Europa, visitou as cidades de Barcelona e Madrid, a sua simetria e as suas cores, entre outras, e os palácios de sultão, em Marrocos e Melila.

Sobre Goa, "infelizmente ainda não tive a oportunidade de visitar a terra dos meus antepassados, mas enquanto há vida, há esperança, e assim espero ter ainda oportunidade de lá ir um dia".

E agora, como passa os seus dias, ele que foi um desportista dinâmico? «Os 90 anos já pesam bastante. A genica e a vontade de circular já não são muito grandes, pelo que a minha nova companheira dos passeios é uma bengala e não só, pois ainda preciso do apoio dos meus queridos filha e genro. Em casa é a televisão, a leitura e conversando pelo telefone com os velhos amigos, os meus principais entretenimentos.»

Enveredando pela culinária, "quer queiramos, quer não, os pratos da nossa juventude permanecem bem presentes nas nossas recordações, e sempre que posso, e ainda que não tenham o genuíno sabor de outrora, o frango à piripiri, semelhante ao "à cafreal" continua a ser o meu prato favorito, e evidentemente acompanhado com batatas fritas e muita salada. E claro não se pode olvidar o caril de camarão, sanás, e todas as outras iguarias goesas, tão presentes na nossa juventude, que mato saudades, sempre que posso".

Agora, nas suas preferências clubísticas em Portugal, «talvez pelos moçambicanos que nele se impuseram, o que sempre nos deixou muito vaidosos, só podia ser do glorioso Benfica!

Rosário António de Figueiredo nasceu em Lourenço Marques a 16 de outubro de 1928. Era casado com Virgínia Gonçalves (falecida), pais de Carlos Eduardo (falecido) e Maria Eduarda Gonçalves Figueiredo, casada com Carlos Manuel Carvalho Martins.

Demography will change the Goa of the 21st century

A demografia irá mudar a Goa do século XXI

Brian de Souza

Former journalist of Reader's Digest, Goa (biographical notes at the end)

Ex-jornalista do Reader's Digest, Goa (notas biográficas no fim)

Abstract

Goa's migration patterns are changing the landscape of India's smallest state with a rich history of its own. Today's Goans must lay the ground for making this state a unique microcosm of India within a framework of democracy, liberty and equal opportunity.

Resumo

Os padrões de migração estão a mudar a paisagem social de Goa, o mais pequeno estado da União Indiana, com uma história rica e própria. Os goeses de hoje, devem edificar as fundações para tornar este estado num microcosmo singular, alicerçado em democracia, liberdade e igualdade de oportunidades.

My family was a part of Goa's first outward migration in the late 19th century when Goans, mainly Christians, moved to Portuguese and British colonies taking up jobs such as clerks, accountants, bankers, casual workers, cooks, ship hands, tailors; and the more educated, taking up mid-level and senior government jobs. Those early migrants travelled on dhows, braving the waves and the elements, tapping opportunities in colonial Africa.

In time, their descendants as well as others made a mark in government and were part of the freedom struggle of those countries. Examples include Pio Gama Pinto and Fitz D'Souza, in Kenya; Aquino Bragança in Mozambique; Sita Valles in Angola; and so on. Goans also established themselves in Zanzibar, Malawi, Tanzania and Uganda.

These Goans' variegated stories were explored in many books, including Margaret Frenz's Community, Memory, and Migration in a Globalizing World: The Goan Experience. 1890-1980 (Oxford University Press), in which the author described these "subaltern elites" as playing a key role in the administrative set ups of both the British and Portuguese Empires.

In 1971, political strife in Africa resulted in many returning to Goa in the aftermath of Idi Amin's Asian pogrom; many chose to migrate to the UK, and further west, and some down under to Australia. It was around this time that the Gulf opened up to semi-skilled and skilled workers, and Goa's second outward migration began. In the decades that followed, Gulf remittances saw transformational changes in Goa's villages - modern houses, some almost garish - and some would say inflation too began to spike. While the first migration produced the Afrikanders who compared their pensions, the second produced the Gulfees who now had more money to splurge than landed gentry. Many from the

Gulf also chose to migrate onwards to Canada, even New Zealand.

Now a third migration is in progress as Goans whose forbears were born in Portuguese India look to acquiring a Portuguese passport to set foot in the EU. Many have gone and despite the tumult of Brexit, some may still go and in time take their families too. What does this mean for the state they leave behind? A friend tells me his neighbourhood has several shuttered bungalows where the folks have gone to the UK.

All of Goa's three outward migrations have largely had a common driver – a quest for a better life and opportunity. The first migration took place when both India and Africa were European colonies, so the ideas of freedom and liberty that took root in India cast their influence on the Africa political landscape as well.

Unlike colonial migrations, where people considered returning to Goa, and to their ancestral homes, those choosing to migrate today may never return to Goa, or if they do, they would prefer to spend time between their adoptive and ancestral countries.

Migrations have changed the face of societies the world over. Look no further than modern EU. And over a hundred years ago, Goa saw its people migrating to other parts of the subcontinent, in search of new opportunities.

Today's migrants into Goa come from all over India. In fact, the sheer numbers at rail stations leaving the state when Covid struck was unbelievable, some would say a revelation that so many were here. These are tapping new opportunities in a developing Goa that needs large scale labour as also filling in for those who migrated or are now doing well in new jobs. They include waiters, drivers, caregivers, building and highway construction workers, and so on. No longer is Konkani alone heard in the bylines and ruas, but Hindi, Oriya, Bengali and a spattering of north-east tongues as well.

There is also migration into Goa with those well-to-do from the cities – writers, artists, business folk – who want to escape congested and polluted cities setting up their tent here. Some have even got into the business of restoring old Goan traditional homes, that will sell for not less than at least a crore of rupees.

For old timers, this change is not something they would have imagined during their growing up years. But migration brings tangible changes that cannot be wished away. Writing in the 1950s, the English author Graham Greene said the rest of India was waiting to flow into Goa once barriers were removed. One may be tempted to believe that his prediction takes hold ever more with every passing day.

Yet for Goa, this also means opportunities to work shoulder to shoulder with other Indians, learn new languages and assimilate even more the ways of our countrymen. It works the other way too. Those who have been here for a while use the word patrão as if they always knew the word; they enunciate the word Ok with typical Goan patois.

In 2021, Goa will celebrate the 60th anniversary of the end of foreign rule. What would we want this state to be? Can the people vote decisively for a government that preserves its unique character seen in her music, art forms, cuisine, and so on? In the 21st century, the word goenkarponn has come sharply into focus and is debated in the media. Who better than Goans to give it the right meaning both in mind and spirit? Above all, it's up to Goans of all backgrounds to fight to preserve Goa's stunning natural beauty.

As the plane begins its descent into Dabolim airport, a window seat gives you an awesome view of hills, mangroves, placid rivers with the wake of a ferry cutting through sky-reflected seas. The barges tethered at river banks undulate to the waves from the Arabian Sea that once brought in many a traveller. It's a scene that never ceases to amaze me. It's worth preserving.

Biographical Notes | *Notas Biográficas*

Brian de Souza began his journalistic career with Reader's Digest. He is now in automotive corporate communications, and writes occasionally for newspapers in India.

Brian de Souza *iniciou a sua carreira jornalística na Reader's Digest e atualmente trabalha na área de comunicações corporativas no sector automóvel, escrevendo ocasionalmente para jornais na Índia.*

Pausas de leitura

Reading breaks

José Manuel M. Fernandes

Natural de Pangim, cresceu em Moçambique, colaborou na revista "Elo" (Lourenço Marques) e foi co-fundador e director-adjunto da revista "Ecos do Oriente" (Lisboa), Portugal.

Born in Pangim, he grew up in Mozambique, wrote for the magazine "Elo" (Lourenço Marques) and was co-founder and assistant director of the magazine "Ecos do Oriente" (Lisbon), Portugal.

Resumo

Houve goeses, ou seus descendentes, que na diáspora renegavam as suas raízes. Em boa hora Valentino Viegas, no capítulo "Identidade de Goa" do seu livro "Raízes da Minha Terra", aludiu a essa realidade. Em Portugal e em Moçambique, por exemplo, o autor do texto assistiu a alguns desses comportamentos.

Abstract

There were Goans, or their descendants, who in the Diaspora denied their roots. At the right time Valentino Viegas, in the chapter "Identity of Goa" of his book "Raízes da Minha Terra", addresses this issue. In Portugal and Mozambique, for example, the author was a witness of some of these behaviors.

Apraz-me ler no silêncio. De madrugada. Ao enrubescerem as primeiras claridades no horizonte, numa pausa de leitura, saio e acolho a frescura do bafejo matutino, passeio o olhar pelo verde da folhagem do arvoredo, da relva orvalhada onde saltitam melros e, quando chego ao fundo da rua, numa nesga entre dois prédios, demoro a ver o Tejo a abraçar o mar. Mas hoje chove. Fico à janela. Lá fora tudo me parece envolto numa letargia imensa, a rua está deserta, as árvores têm as ramagens pendentes num abandono melancólico, apenas a chuva, madraça, cai como leves fios de linha. Regresso à leitura.

Estou a reler o livro "Raízes da Minha Terra"[1]. À parte o título que o preferia "Terra das Minhas Raízes", porque as raízes não são da terra, são nossas, o livro merece uma releitura cuidada pela riqueza do conteúdo. Normalmente leio mais do que uma vez, obras de bons autores; porque ao fazê-lo, não me aligeiro atrás da narrativa, procuro o que por vezes existe subtilmente abscôndito entre as palavras ou frases, observo os detalhes dos cenários, analiso o carácter dos personagens ao pormenor, procuro aperceber-me do estado de espírito dos escritores ao redigirem determinado período ou capítulo.

No caso de Valentino Viegas, acresce o ensejo de poder comentar as suas obras, directa e livremente, dada a amizade que preservamos desde o segundo quarto de século passado, bem como de apreciar o seu estilo descomplicado quando alude a factos históricos. Valentino não é, essencialmente, romancista. É um historiador nato. A sua insigne pena inclina-se para a História, busca ocorrências, datas, factos documentados.

No seu livro que estou a reler, tenho o marcador no capítulo "Identidade de Goa". Interessou-me, sobremaneira, a referência a alguns indivíduos de

estirpe goesa que na diáspora não se sentiam goeses, o que de facto aconteceu. Em Moçambique, por exemplo, na então cidade de Lourenço Marques, tive amigos que se afirmavam moçambicanos de naturalidade, portugueses de nacionalidade, mas goeses de origem. Tal asserção nunca me incomodou porque estava correcta. Outros, no entanto, rejeitavam as raízes. Presenciei, na adolescência, um desses casos numa festa de aniversário onde se projectou um filme sobre Goa, bem delineado, exibindo cidades e aldeias, monumentos, mercados e feiras, paisagens, vivências. Terminada a projecção perguntei a um dos presentes o que achara do filme. Respondeu-me com o maior desapreço: "não me interessou de modo algum, Goa não me diz nada". Referi-me à ascendência, tentei que argumentasse a sua afirmação. Evitou o diálogo, apartou-se exclamando com intrínseca ironia: "sou moçambicano!".

Para entender tal desamor pela procedência, a partir desse dia passei a observar ao pormenor, in situ, as alterações que vinham acontecendo nas tradições que os nossos pais e avós trouxeram de Goa. A juventude a que pertenci, no contacto diário com amigos, colegas e vizinhos doutras identidades, iam adquirindo novos gostos, novos hábitos. Também era evidente o distanciar de certos costumes tradicionais nossos, como a divisão por castas, diferenças raciais e religiosas, casamentos arranjados e dotes, a elevada importância atribuída aos empregos dos antepassados.

Isso, contudo, não era motivo bastante para o corte do cordão umbilical. Existiram outros factores: a natural dilecção pelo lugar onde se nasce ou se vive durante muitos anos; a falta de contacto com as raízes (progenitores que não levaram os filhos a conhecer a terra de origem, nem estimularam tal desejo); ausência, em colóquios familiares, de referências à genealogia, às casas ancestrais, aos costumes, à história, à literatura, à música, às lendas e aos mitos, ao que há de belo (e de menos belo) em Goa. O desapego à progénie não se notava nos jovens nascidos ou crescidos em Moçambique que tiveram preparação mais cuidada no contacto com a goanidade.

Mais tarde, segui de perto o indivíduo que me disse ser moçambicano. Era funcionário público. Vivia à sombra dos benefícios do sistema colonial e o seu contacto com o meio indígena era, apenas, com serventes e criados. Não leu Rui de Noronha, José Craveirinha, Bernardo Honwana, nunca ouviu músicas de Fany Mpfumo, não apreciou quadros de Malangatana, nem sabia quem era. Ouviu falar do Eusébio só quando se tornou famoso, em Portugal. Dizia-se moçambicano, mas a cultura, os costumes, as dificuldades e anseios dos moçambicanos genuínos passavam-lhe ao lado.

Sei que não é fácil vivermos muitos anos numa terra sem acharmos que a ela pertencemos. Também eu senti isso. Amei e ainda sonho com Moçambique, com os bons amigos que lá deixei, com as praias de areias brancas, paradisíacas, com os batuques que assisti, no mato, nas noites cálidas sob o inolvidável luar tropical, com a linda cidade das acácias e jacarandás onde cresci, com os lugares onde passei os melhores anos da minha vida. Mas, por isso, não rejeitei as minhas raízes.

Decorreu mais de meio século sobre o episódio em que um jovem goês me afirmou que Goa não lhe dizia nada. Vi-o na baixa de Lisboa, no Rossio. Sorridente, veio do outro lado da rua com o abraço aberto e fechou-o com palmadas nas minhas costas (foi no tempo pré-pandémico). Ia perguntar-lhe se ainda era moçambicano mas não foi necessário. Afirmou-se como goês-lisboeta ao dizer-me: "casei-me cá… a nossa identidade está a diluir-se noutras identidades".

Acho que tinha razão. Há tempos telefonei a alguns amigos goeses para lhes perguntar se algum filho ou filha tinha cônjuge goês. Soube de dois, apenas. Mais tarde perguntei aos netos desses amigos o que sabiam sobre a goanidade. Todos se referiram à gastronomia. Alguns adicionaram danças e cantares. Enfim, pensei, valham-nos o mandó e o dekni, o sarapatel e a bebinca!

Volto à janela, escancaro-a. A chuva, madraça, vai caindo como ténues fios de linha. Na rua passa uma idosa protegida pelo guarda-chuva, viseira e máscara. Vai apressada, persegue-a o medo da pandemia.

Referência

1. Valentino Viegas. Raízes da Minha Terra. Ed. Lisboa: Obnósis, 2018 (ISBN: 9789898920041)

De goa a bombaim: uma viagem de equívocos

A journey from goa to bombay gone awry

António Gomes

Cardiologista, Escritor e Poeta, EUA (notas biográficas no fim)

Cardiologist, Novelist, and Poet, USA (biographical notes at the end)

Resumo

A 1 de Setembro de 1955, a Índia encerrou o seu consulado em Goa, e iniciou simultaneamente um bloqueio económico a este território. O bloqueio incluía a suspensão do tráfego marítimo e ferroviário para Bombaim (agora Mumbai). As viagens de Goa a Bombaim e vice-versa tornaram-se um pesadelo.

Em 1956, eu era aluno do ensino médio na St. Thomas High School em Aldona, e tínhamos de deslocar a Bombaim para fazer o exame de certificação da escola secundária (SSC), que, na altura, não era lecionado em Goa. Ir a Bombaim, implicava viajar a pé, de autocarro e de canoa até Polém e Majali e, por fim, fazer um percurso de navio do porto indiano de Karwar. Tudo isso levava pelo menos 48 horas para cobrir uma distância de apenas 300 milhas. Nossa turma era composta por cerca de 30 alunos. Partimos, com a nossa bagagem (baús de metal), por volta das cinco da manhã, num camião fretado até a fronteira. Era suposto irmos acompanhados pelo Padre Pinto, Reitor do Liceu St. Thomas. Por razões desconhecidas, não lhe foi autorizado fazer a viagem. Esta história descreve a minha saga quando assumi a responsabilidade de liderar os meus colegas e os conduzir com segurança a Bombaim.

Summary

On the 1st of September 1955, India shut its consular office in Goa, and exercised economic blockade of Portuguese Goa. The consequences of the economic blockade also included suspension of steamer and railway traffic to Bombay (now Mumbai) and travel from Goa to Bombay and vice-versa became a nightmare.

In 1956, we, high school students of St. Thomas High School in Aldona, had to go to Bombay to sit for the Secondary School Certificate examination (SSC), which was then, not administered in Goa. To go to Bombay involved travel by foot, bus, and canoe to Polem and Majali, and ultimately a ship ride from the Indian port of Karwar. All of this would take at least 48 hours to cover a distance of barely 300 miles. Our class consisted of about 30 students and we set out with our metal trunks of those days at about five in the morning in a chartered Caminhão to the frontier. We were accompanied by Father Pinto, the Principal of St. Thomas High School. For unclear reasons he was refused permission to accompany us to Bombay. This story describes my saga as I assumed responsibility for my colleagues and steer them safely to Bombay.

Em 27 de fevereiro de 1950, o Governo da Índia solicitou ao governo português a abertura de negociações sobre o futuro das Wcolónias portuguesas na Índia. Em resposta, Portugal afirmou que seu território no subcontinente indiano não era uma colónia, mas parte integrante de Portugal e, como tal, a transferência da soberania não era negociável; e acrescentou, que a Índia não tinha direitos sobre este território, uma vez que a República da Índia não tinha identidade política na época em que Goa ficou sob o domínio português, não tinha identidade política. Perante a recusa do Governo português aos subsequentes aide-mémoires a este respeito, o Governo indiano, a 11 de Junho de 1953, retirou a sua missão diplomática de Lisboa.

Em 15 de agosto de 1955, 3.000-5.000 activistas civis, desarmados (satyagrahis), tentaram entrar em Goa em seis locais e foram violentamente expulsos por policias portugueses, que resultaram em muitas mortes. Este acontecimento desencadeou, na opinião pública indiana, um repúdio contra a presença dos portugueses em Goa e, a 1 de Setembro de 1955, a Índia encerrou o seu consulado em Goa, e exerceu bloqueio económico a Goa portuguesa. O bloqueio econômico também incluía a suspensão do tráfego marítimo e ferroviário para Bombaim (atual Mumbai). Como consequência, as viagens de Goa a Bombaim e vice-versa tornaram-se um pesadelo.

Em 1956, nós, alunos do ensino médio da St. Thomas High School em Aldona, tínhamos de deslocar a Bombaim para fazer o exame de certificação da escola secundária (SSC), que nessa altura não se realizava em Goa. O percurso para essa deslocação a Bombaim, era feito a pé, de autocarro, e de canoa até Polém e Majali e, por fim, uma viagem de navio do porto indiano de Karwar até Bombaim. Tudo isso levava pelo menos 48 horas, para cobrir uma distância de apenas 300 milhas. Nossa turma era composta por cerca de 30 alunos e partíamos com nossos baús, na altura, de metal, por volta das cinco da manhã num caminhão fretado até a fronteira.

Fomos acompanhados pelo Padre Pinto, Reitor da Escola Secundária St. Thomas. Já era tarde

On 27 February 1950, the Government of India had asked the Portuguese government to open negotiations about the future of Portuguese colonies in India. Portugal asserted that its territory on the Indian subcontinent was not a colony but part of metropolitan Portugal and hence its transfer was non-negotiable; and that India had no rights to this territory since the Republic of India did not exist at the time when Goa came under Portuguese rule. When the Portuguese Government refused to respond to subsequent aide-mémoires in this regard, the Indian government, on 11 June 1953, withdrew its diplomatic mission from Lisbon. On 15 August 1955, 3000-5000 unarmed Indian activists (satyagrahis) attempted to enter Goa at six locations and were violently repulsed by Portuguese police officers, resulting in many deaths. The news of the firing built public opinion in India against the presence of the Portuguese in Goa, and on the 1st of September 1955, India shut its consul office in Goa, and exercised economic blockade of Portuguese Goa. The consequences of the economic blockade also included suspension of steamer and railway traffic to Bombay (now Mumbai) and travel from Goa to Bombay and vice-versa became a nightmare.

In 1956, we, high school students of St. Thomas High School in Aldona, had to go to Bombay to sit for the Secondary School Certificate examination (SSC), which was then, not administered in Goa. To go to Bombay involved travel by foot, bus, and canoe to Polem and Majali, and ultimately a ship ride from the Indian port of Karwar. All of this would take at least 48 hours to cover a distance of barely 300 miles. Our class consisted of about 30 students and we set out with our metal trunks of those days at about five in the morning in a chartered Caminhão to the frontier. We were accompanied by Father Pinto, the Principal of St. Thomas High School. We arrived at the Indian Immigration cum Customs office in the afternoon. It consisted of a long shed with tables on which were strewn amidst all the clothes: jackfruits, mangoes, pickles and chutneys, and a rare bottle of Portuguese Maciera or Jonny Walker, which was readily confiscated, and an occasional cluster of gold ornaments hidden amidst all the clothes, or stitched into a pocket or in the trunk itself. The anxiety and nervousness of the travelers was palpable on their

quando chegamos a repartição da Imigração e Alfândega Indiana. Era um barracão com mesas nas quais estavam espalhadas por entre roupas: jacas, mangas, picles e chutneys, e uma rara garrafa de Macieira portuguesa ou Johnny Walker, que foi prontamente confiscada, e um conjunto de ornamentos de ouro escondido no meio todas as roupas, ou costuradas no bolso ou no próprio porta-malas. A ansiedade e o nervosismo dos viajantes eram visíveis em seus rostos e na postura corporal, excepto, talvez, naqueles que tinham bebericado algumas cervejas num bar do lado português da fronteira. Depois de um exame minucioso de cada baú, e de carimbos nos documentos, estávamos prontos para prosseguir a nossa viagem por volta das seis da tarde.

No entanto, tínhamos observado que um dos oficiais fazia muitas perguntas ao Padre Pinto, na sequência das quais tinha sido levado a uma sala à porta fechada.

O padre Pinto providenciara para que um homem, que ele conhecia na cidade portuária de Karwar, reservasse as nossas passagens para a viagem de navio a Bombaim. Porém, ao sair da sala acompanhado por um policia, seu rosto revelava uma certa ansiedade, um presságio do que estava por vir.

Aconteceu algo totalmente inesperado: as autoridades indianas recusaram a entrada do Padre Pinto na Índia apesar das alegações e do facto de ele estar a acompanhar uma turma de alunos que, de outro modo, teriam de se auto tutelar. A este respeito, a desconsideração e a intolerância dos funcionários da imigração indiana em relação à travessia de Goiás para a Índia, era um facto bem conhecido. Obviamente, o Padre Pinto era persona non grata por razões pouco esclarecedoras para nós. O que estaria na mente das autoridades indianas? Será que este padre de 60 e poucos anos estaria a planear uma revolução em Bombaim? Quando o Padre Pinto nos deu a notícia odiosa, foi devastador! Não havia nada que pudéssemos fazer a não ser continuar nossa viagem sem uma pessoa mais velha, pois a maioria de nós mal tinha os 15 anos. Se tivéssemos desistido, teríamos de esperar

faces and body posture except perhaps on those who had a couple of beers in a bar at the Portuguese side of the frontier. After a thorough examination of each and every trunk, and our identity cards stamped, we were ready to proceed on our journey at about six in the evening. However, we had noticed one of the officers asking Father Pinto a whole lot of questions, after which he was escorted to a room, and the door shut. Father Pinto had made arrangements for a man he knew in the port town of Karwar to reserve our tickets for the steamer trip to Bombay. However, when he walked out of the room accompanied by a police officer, his face divulged a certain anxiety, an omen of things to come.

An entirely unexpected event occurred: the Indian authorities refused Father Pinto entry into India despite the pleadings, and the fact that he was chaperoning a whole class of students, who otherwise would have to fend for themselves. In this regard the inconsideration and harassment of the Indian immigration officials towards the Goans crossing into India was a well-known fact. Obviously, Father Pinto was persona non-gratis for unclear reasons to us. What were the Indian authorities thinking? Was this 60-something year old priest going to start a revolution in Bombay? When Father Pinto gave us the bad news, it was devastating. There was nothing we could do but continue on our journey without an elder, and most of us were barely 15 years old. If we turned back, we would have to wait for another year to take the exam.

Summarily, Fr. Pinto appointed me the leader; not unexpectedly however, since I spoke English fluently, unlike the rest of the village boys having lived and schooled in Bombay from the age of 9 to 13, and besides, I was the Captain of the entire student body of the School. Nonetheless, this obviously was a tall task which placed a whole lot of responsibility on my shoulders. He told me to seek a Mr. Fernandes, who would be waiting in a tea shop at the ferry crossing in Karwar. After we walked to the bus stand and took a bus, then several canoes across a river and another bus, jolliness and a sense of adventure wiped out from our faces and replaced by anxiety and uncertainty, we finally arrived at Karwar at about 8 at night. With so much of responsibility on my shoulders I kept on wondering what I would do if I couldn't locate Mr.

mais um ano para fazer o exame.

De imediato, o padre Pinto encarregou-me de ser o líder do grupo; na razão de ser a minha fluência no inglês, dado que ao contrário dos outros jovens adolescentes eu tinha estudado em Bombaim dos 9 aos 13 anos de idade e, além disso, eu era o capitão de todo o corpo discente da escola. Obviamente, era uma tarefa difícil que colocava uma grande responsabilidade sobre meus ombros. Orientou-me no sentido de eu procurar um Sr. Fernandes, que estaria numa casa de chá, perto da travessia da balsa em Karwar. Depois de uma caminhada de autocarro e uma travessia do rio em canoas o nosso espírito de aventura foi substituído por ansiedade e incerteza. Finalmente, por volta das 8 da noite, chegamos a Karwar. A responsabilidade que me tinha sido atribuída levou-me a questionar o que faria se não conseguisse localizar o Sr. Fernandes?

Com um colega, fui de imediato a sua procura. Não o encontramos na casa de chá, mas depois de algumas interpelações, finalmente localizei-o ao lado de uma farmácia próxima. Fiquei incrédulo quando ele nos informou que todos os bilhetes estavam esgotados. Achei que ele estava a gracejar, na galhofa comigo após uma bebida alcoólica ilícita? Mas ele não estava! Fiquei com raiva e ao mesmo tempo desanimado, mas não disse nada. Era sua responsabilidade reservar as passagens; o homem, obviamente, não era responsável!

"E agora, o que fazemos agora?" Perguntei-lhe

"Arrisque!", disse ele. "Vou colocá-los numa canoa para irem até ao barco e, quando embarcarem no navio, que estava atracado a várias centenas de metros da linha da costa, você terá que simplesmente implorar ao capitão para deixá-los ficar."

"E se ele se recusar a nos deixar ficar?"

"Vamos pensar em algo", disse ele. Eu não fiz mais perguntas. Eu não queria imaginar a alternativa. Ele acompanhou-nos até um albergue com beliches e colchões no chão, onde dormimos naquela noite depois de uma refeição, assaz indigesta, de arroz, dhal e picles de ambli.

Não dormi a noite inteira pensando nas consequências da nossa aventura sem bilhetes do barco e nas incessantes picadas dos percevejos.

Fernandes. I, together with a colleague, immediately went looking for him. We didn't find him at the tea shop but after a lot of inquiries, I finally located him by the side of a pharmacy nearby. I was struck dumb when he told us that all the tickets were sold out. I thought he was joking, pulling my leg after a jolly drink of illicit liquor? But he wasn't! I became angry and at the same time despondent, but said nothing. It was his responsibility to reserve the tickets; the man was obviously not trustworthy!

"What do we do now?" I asked.

"Take a chance," he said. "I will put you're all in a canoe, and when your board the ship that was docked several hundred feet from the shore line, you will have to simply beg the Captain to let you stay."

"And what happens if he refuses to let us stay?"

"We'll think of something," he said. I didn't ask any more questions. I didn't want to consider the alternative. He escorted us to a hostel with bunk beds and mattresses on the floor where we slept that night after a meager meal of rice, dhal and ambli pickle that I couldn't stomach. I didn't sleep the entire night thinking of the outcome of our ticketless adventure and the incessant bites from the bed-bugs. The next morning hundreds of students with their teachers and parents got into half-a-dozen or so boats, we amongst them, and docked by the side of the colossal steamer for Bombay. We boarded the ship at about 10 in the morning with no problems. I was surprised that nobody asked for our tickets, and thought that we were scot free. But within 15 minutes or so, I saw the ticket collector approach. I was drenched in sweat. I explained our situation and requested that the ticket collector take me to the Captain.

When I told the Captain, a burly sort of man with a fierce twirling moustache, all that had transpired with our Principal etc. and that we had no tickets but would pay our fare, the Captain exploded.

"Who permitted you to board the ship without tickets?" he yelled.

"Nobody asked for our tickets when we boarded," I said. "I'm sorry Sir, but we had no choice."

"There is no place on this ship. It is overcrowded! You and your classmates will have to disembark," he said.

Na manhã seguinte, embarcamos conjuntamente com centenas de alunos com os seus professores e pais em meia dúzia de barcos, que atracaram ao lado do barco para Bombaim. Embarcamos no navio por volta das 10 da manhã sem problemas. Fiquei surpreso ao constatar que ninguém nos pedira os bilhetes e pensei que estávamos totalmente livres. Mas em cerca de 15 minutos, vi o cobrador se aproximando. Eu estava encharcado de suor! Expliquei a nossa situação e pedi ao cobrador que me levasse ao Capitão.

Quando expliquei ao comandante, um homem corpulento com um bigode farto e encurvado, tudo o que tinha acontecido com nosso diretor, que não tínhamos bilhetes, mas que iríamos pagar as nossas passagens… o capitão explodiu.

"Quem permitiu que você embarcasse no navio sem passagens?" vociferou bem alto.

"Quando embarcamos, ninguém pediu os bilhetes", repliquei. "Sinto muito, senhor, mas não tínhamos escolha."

"Não há lugar neste navio. Está superlotado! Você e seus colegas terão que desembarcar", disse ele.

"Mas senhor, eu imploro, por misericórdia," respondi, com lágrimas nos olhos. "Viemos desde Goa. Somos apenas alunos a viajar sozinhos, sem um tutor. Vamos sentar no andar inferior ou confinados num canto. Por favor, senhor, eu imploro, por favor, reconsidere." Sem responder, virou as costas e retirou-se.

"Senhor, como iremos a Bombaim e comparecer aos exames?" Interroguei-o.

"Isso não é problema meu," argumentou e foi para a sua cabine.

Obviamente, não era uma tarefa fácil desembarcar, pois o navio não estava atracado no porto, mas permanecia ancorado a centenas de metros de distância. Porém, havia algumas canoas que transportavam ainda alguns passageiros, e eles podiam enviar-nos de volta numa delas.

Mantive-me perto da cabine do capitão, roendo as unhas em lágrimas, rezando por um milagre.

Pensei em implorar de novo e bati suavemente na porta da cabana.

Não houve qualquer resposta!

Desci a escada e transmiti as más notícias aos

"But Sir, I beg you for mercy," I said, tears welling in my eyes. "We have come all the way from Goa. We are only students travelling all by ourselves without an elder. We will sit on the lower deck floor or just stand in one corner. Please, Sir, I beg of you, please, reconsider." He just walked away.

"Sir, how will we go to Bombay to answer the exams?" I said.

"That is not my problem," he snapped and went into his cabin.

Obviously, it was no easy task to disembark, since the ship was not docked on the port but remained anchored hundreds of feet away. But there were still a couple of canoes arriving with passengers, and they could send us back in one of those. I just stood there near the Captain's cabin teary biting my nails, praying for a miracle. I thought I would plead again, and knocked on the cabin door gently. There was no response. I went down the ladder, and relayed the bad news to my colleagues. "What do we do now?" I said. Nobody had any suggestions. I was devastated; so were the other students. I leaned against the wall on the lower deck, hungry and thirsty, and about to faint. I sat on the floor, held my head in the palm of my hands, and prayed to St. Anthony.

After about 20 minutes or so, I decided to give another try. Did I have a choice? I climbed the stairs and knocked on the Captain's cabin with determination. He opened the door and came out.

"You again?" he said. "I thought you had already left the ship."

"Sir, please, you can't send us back. Please show some compassion. Think of us as your children."

He stood there in silence, staring at me as if he was struck by a lightning rod. I waited without demonstrating any emotion.

"Ok," he said, finally without making eye contact. "You're can stay. Not a word to anybody! Or I'll kick you off the ship."

"No Sir," I give you my word."

"Go get the money."

I don't know what came over him. Perhaps the word 'compassion' or 'his children' struck a chord or perhaps all this was a show he was staging? Perhaps, my patron saint, St. Anthony had come to my rescue.

meus colegas. "O que fazemos agora?" Questionei? Ninguém deu sugestões.

Eu estava devastado; os outros alunos também.

Encostei-me na parede do convés inferior, com fome e sede, e prestes a desmaiar. Sentei-me no chão, segurei a cabeça na palma das mãos e orei a Santo António.

Após cerca de 20 minutos ou mais, decidi tentar novamente. Teria porventura outra alternativa?

Subi as escadas e bati na porta da cabine do capitão com determinação. Ele abriu a porta e exclamou.

"Você novamente?" "Presumi que já tivesse saído do navio."

"Senhor, por favor, não nos envie de volta. Por favor, mostre alguma compaixão! Pense em nós como seus filhos."

Ele ficou parado em silêncio, olhando para mim como se tivesse sido atingido por um por um raio! Esperei sem demonstrar nenhuma emoção.

"Ok," disse ele, sem qualquer contacto visual.

"Vocês podem ficar. Nem uma palavra a ninguém! Ou eu vou correr consigo para fora do navio".

"Não, senhor", dou-lhe a minha palavra.

"Vá buscar o dinheiro."

Não sei o porquê da mudança da sua atitude. Talvez a palavra "compaixão" ou "seus filhos" tenha tocado o íntimo do seu ser ou será que tudo isto não passava de uma encenação?

Quiçá o meu santo padroeiro, Santo António, tinha vindo em meu socorro.

"Mais coisas são operadas pela oração do que este mundo sonha", disse o poeta Lord Tennyson.

Corri imediatamente em triunfo, peguei no dinheiro e entreguei tudo ao capitão. "Obrigado, Senhor!" agradeci, e saí a correr.

Não me incomodou nem um pouco saber se ele guardou dinheiro para si, o que tenho certeza que ele fez!

Eu continuava ansioso e nervoso, até que ouvi as sirenes do navio explodirem ao longe, anunciando nossa partida para Bombaim. Eu caí de joelhos e orei. De repente, fiquei com fome e com um apetite arrebatador, que saciei com o delicioso arroz e caril de peixe com picles de ambli servidos a bordo do navio.

"More things are wrought by prayer than this world dreams off," said the poet, Lord Tennyson.

I immediately ran down in triumph and collected the money and handed it all to the Captain. "Thank you, Sir!" I said, and left on the double. It did not bother me in the least if he pocketed the money, which I'm sure he did. I was still anxious and nervous until I heard the sirens of the ship blast into the far off distance announcing our departure to Bombay. I fell on my knees and prayed. Suddenly, I found myself hungry with a ravishing appetite, which I satisfied with the delicious rice and fish curry with ambli pickle served on board the ship.

Notas Biográficas | *Biographical Notes*

Antonio Gomes, também conhecido como Anthony Gomes, MD, FACC, FAHA, é Professor de Medicina (Cardiologia), Diretor e Consultor Sénior dos Serviços de Consultoria de Eletrofisiologia Cardíaca no Mount Sinai Medical Center e da Icahn School of Medicine em Mount Sinai, Nova York. É autor de mais de 150 artigos científicos em medicina cardiovascular e vários livros, incluindo: Signal Averaged Electrocardiography: Basic Concepts, Methods and Applications, Heart Rhythm Disorders: History, Mechanisms and Management Perspectives, Visions from Grymes Hill (coletânea de poemas), Mirrored Reflections (coletânea de poemas), and The Sting of Peppercorns (novela), Nas Garras do Destino (novela), assim como ensaios em Humanidades.

Antonio Gomes, *aka, Anthony Gomes, MD, FACC, FAHA, is a Professor of Medicine (Cardiology), Director and Senior Consultant, Cardiac Electrophysiology Consultative Services at the Mount Sinai Medical Center and the Icahn School of Medicine at Mount Sinai, New York. He has authored more than 150 scientific articles in Cardiovascular medicine and several books including: Signal Averaged Electrocardiography: Basic Concepts, Methods and Applications, Heart Rhythm Disorders: History, Mechanisms and Management Perspectives, Visions from Grymes Hill (a collection of poems), Mirrored Reflections (a collection of poems), and The Sting of Peppercorns (a novel), Nas Garras do Destino (novel) as well essays in the Humanities.*

Vou fazer anos

I'll celebrate my birthday

Valentino Viegas

Editor Associado e Sócio Fundador da Casa de Goa

Associate Editor and Founder Member of Casa de Goa

Resumo

Neste conto, o autor reflecte sobre a inexorável marcha do tempo, o conflito íntimo, as memórias persistentes e as marcas identitárias.

Abstract

In this story, the author reflects on the inexorable march of time, intimate conflict, long-standing memories and identity markers.

Daqui a uns meses faço anos e estou com vontade de festejá-los rodeado de familiares e amigos. Boa ideia dirão uns, desmiolado e com falta de tino afirmarão, porventura, os mais avisados. Fico a reflectir no assunto com os pensamentos turvados, banhados nas incertezas da dúvida. Na tua idade, não cairia nessa asneira nem por brincadeira, melhor seria se os desfizesse, pois é uma tolice, garantem os versos do poeta João de Deus.

Não é que queira ganhar o gosto de fazer anos e embalar para o perigoso caminho do declive da existência sem retorno, mas por saber que não há voltas a dar, faz-se anos, quer se queira, quer não.

Contudo não desejava fazê-los só por fazer, pretendia analisar os anos da minha vida e descobrir qual ou quais são os mais relevantes, se o próximo, o presente ou os anteriores, mas, sobretudo, deslindar qual deles depositou, no meu ser profundo, as marcas mais perenes da identidade.

Longe de mim cair na ideia disparatada de ser dissecado ou serrado, como acontecia com as pobres e indefesas árvores que, quando os investigadores queriam saber a sua idade, faziam-no cortando o seu tronco a meio para contar os anéis ou medindo os níveis de carbono 14. Prefiro métodos mais modernos, os tais que não provocam danos nas espécies, semelhante ao de datação das árvores com base nos padrões de crescimento.

Pouco me importa saber se a minha memória está guardada e armazenada em todo o cérebro, em determinada localidade específica como o hipocampo, ou na ponta dos dedos dos pés, o que me interessa é recuperar o meu passado em função da importância, do tempo de existência e enquanto influenciador do núcleo central da identidade.

Quando faço apelos espirituais nesse sentido, umas vezes sou bombardeado por milhares de informações, na maioria desinteressantes, mas algumas de manifesta pertinência, todavia sou incapaz de captá-las; outras vezes sinto sensações de tal maneira complexas que me deixam receoso e aturdido a ponto de ter medo de prosseguir nessa linha de chamamento.

Como não sou pessoa talhada para desistir com facilidade, face às dificuldades iniciais, procuro concentrar-me e enfrentar as complicações e os emaranhados das complexas conexões surgidas entre ideias impositivas, que se digladiam, de forma impetuosa, para se posicionarem na dianteira e serem objecto de primazia na triagem.

Para pôr termo a este caos mental, em primeiro lugar, necessito de definir as prioridades para saber ao certo qual o objectivo que pretendo atingir.

Enquanto debato comigo, vitoriosas da luta titânica, imagens da infância avançam a uma velocidade estonteante e sobrepõem-se às demais, como quem afirma estar ali o cerne da resposta à questão identitária.

Olho para elas e fico espantado por me sentir de regresso ao passado, a andar de chinelos de borracha, no Poço do Padeiro, em Pangim, miúdo de cerca de cinco anos, caminhando sorridente pelas redondezas da residência como se fosse o dono do bairro.

Vou à procura de um amigo, aproximo-me da casa e chamo por ele em voz alta e, como ninguém me responde, subo, em passo de corrida, os quatro degraus de acesso à varanda, empurro a porta da entrada, apenas encostada como habitualmente, entro e sigo direitinho ao local onde costumávamos brincar, sem encontrar vivalma.

Desiludido e frustrado, encaminho-me em direcção à rua e, ao tentar executar o apropriado movimento dos lábios, no intuito de imitar o assobio dos mais velhos, por saírem apenas sons esquisitos e desconexos, retiro os berlindes do bolso e, como não divisava miúdos na redondeza, avanço para a base da parte mais lisa do muro, da casa visitada, e pratico a arte de jogar aquelas pequenas bolas de vidro contra a parede. Sinto que ficaria felicíssimo se um dia conseguisse fazê-lo com a perícia do meu vizinho, o tal que andava vaidoso por se ter matriculado, no dia anterior, no primeiro ano do Liceu Nacional Afonso de Albuquerque.

Lembro-me que, quando o desafiava, e ele tinha a paciência para me aturar, dizia-me para colocar o meu berlinde nas proximidades da parede, em qualquer lugar do solo, mas a menos de três metros de distância. Assim que este requisito era satisfeito, examinava com o máximo cuidado a configuração do chão de terra batida, dando especial enfoque à disposição de pedrinhas soltas. Feita esta inspecção preliminar, avançava devagarinho para a parede, avaliava a dureza da sua superfície, ouvindo o som do bater do berlinde contra diversos sítios seleccionados, escolhia o local mais rígido, concentrava-se por breves instantes, fazia os cálculos mentais franzindo o sobrolho, vincava bem os pés ligeiramente afastados do chão, dobrava os joelhos, mais o dianteiro do que o traseiro e, com uma precisão matemática, atirava com a mão direita o seu berlinde contra o lugar escolhido, com a força estritamente necessária, de modo a proporcionar-lhe a velocidade requerida e obrigá-lo a fazer um arco pronunciado antes de cair impulsionado pela força da gravidade. A pancada era de tal ordem que, após a conclusão da trajectória descendente, o berlinde, rodando sobre si, encaminhava-se, devagarinho, em direcção ao meu berlinde até parar a uma distância inferior a um palmo bem estendido da sua mão. Nos jogos a doer, era assim que ele ganhava o berlinde dos adversários.

Quem fez a guerra e participou em acções bélicas, jamais consegue libertar o seu pensamento das cenas mais marcantes e das passagens mais tenebrosos e angustiantes. Ao reviver aqueles momentos inesquecíveis, recorda como o corpo e a alma ficavam impregnados do cheiro da pólvora, as palpitações do coração aumentavam de intensidade, os olhos faiscavam pregados em direcção ao local de onde partiam os tiros do inimigo emboscado, a fome e a sede desapareciam em fracções de segundo, se transpirava por todos os poros, se procurava, a todo o transe, defender a própria vida nem que se tivesse de tirar a vida de outrem, se lutava para encontrar coragem tentando superar o medo sem cair na armadilha do desespero. Naquelas circunstâncias únicas, marcantes e irrepetíveis, desconhecidos de outrora tornavam-se amigos para sempre e faziam silenciosos juramentos de ajuda e protecção mútua, criando o espírito do corpo, selado com gotas de sangue derramado em acções de combate.

Ao querer prosseguir e dar largas ao pensamento, descrevendo os acontecimentos tidos lugar ao longo da minha vida, não só no teatro de operações em Angola, como nos sete anos passados em Moçambique e mais de meio século em Portugal, a criança que está dentro

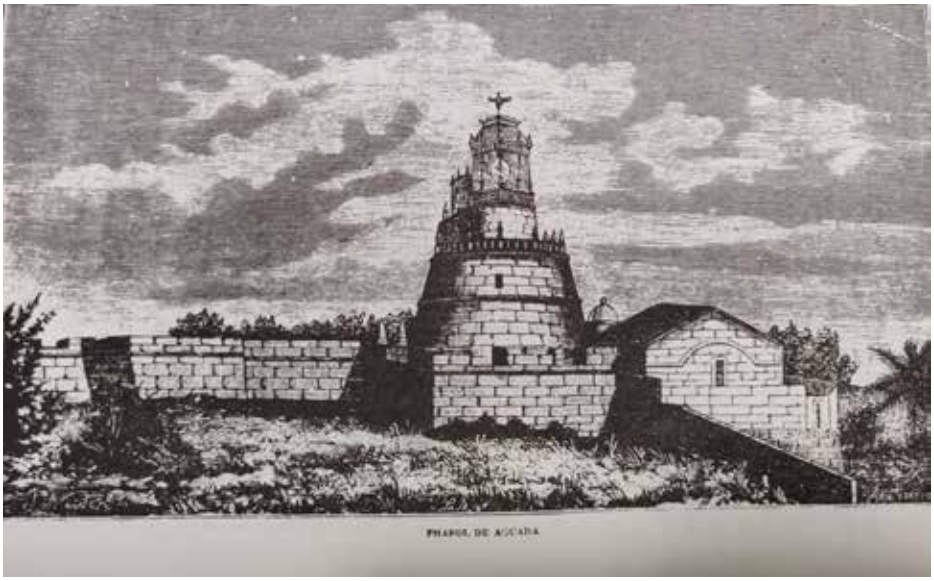
de mim fica furiosa, perde a paciência, sai do seu esconderijo, salta para o exterior, protesta aos gritos com olhos chorosos e gestos condenatórios, afirmando que sou um velho teimoso e ingrato, incapaz de valorizar os marcos decisivos conquistados na flor da idade, ferramentas indispensáveis sem as quais ser-me-ia impossível enfrentar os desafios da vida.

Depois de me massacrar o juízo, com palavras duras e horrendas, ameaças de guerra sem tréguas, jurando transformar até os mais insignificantes passos da minha vida em suplícios insuportáveis, quando repara que estava cabisbaixo e me dava quase por vencido, por estar cansado e não aguentar ouvir mais aquele sermão de impropérios, muda de estratégia e expressa-se em forma de doces sentenças dirigidas ao sentimento.

Por mais que queiras não podes renegar ao passado, olhar só para o presente, como se aquele não tivesse existido, planear o futuro pensando que és livre quando, na verdade, tens a liberdade condicionada, porque tu não és tu, pois na essência és uma simbiose de saberes, sensações e emoções prenhes de vida própria, interligados e indissociáveis. O teu presente foi construído com argamassa da história dos teus antepassados, condicionada pelas dinâmicas da sociedade então envolvente, e o futuro será ditado por aquele passado e pelas circunstâncias do presente.

O que te alimenta e dá forças, para enfrentares o mundo que te rodeia e as contradições da existência humana, não são os conhecimentos adquiridos nos tempos mais recentes ou a vontade férrea de levar a cabo os objectivos delineados para o futuro, são as bases fundamentais adquiridas no passado distante, os princípios e valores incutidos pelos teus pais, familiares, amigos e o suco da sabedoria absorvida dos pensamentos das mentes mais esclarecidas, enquanto eras criança e procuravas abrir os olhos para conhecer os segredos das leis universais. Terás paz e sossego e viverás sem atribulações enquanto tiveres a consciência de que te identificas contigo próprio e não andas ao sabor das ondas, ou te deixas influenciar por terceiros, a ponto de renegar os teus princípios fundamentais, proporcionadores do equilíbrio e estabilidade na vida quotidiana.

A criança, saída de dentro de mim, faz uma pausa e remata: nasceste filho de Goa, esta condição intrínseca faz parte da tua identidade e jamais te abandonará.



Pharol de Aguada (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Goa está a ser desfigurada a olhos vistos

Goa is being systematically destroyed

José Maria Miranda

Gerente Sénior do Bank of India (aposentado) | Ativista social apaixonado por Goa (notas biográficas no fim)

Bank of India's Senior Manager (retired) | Social activist passionate about Goa (biographical notes at the end)

De há umas dezenas de anos para cá, Goa não só tem sido vítima da queda de valores morais, que a nossa consciência nos dita, por termos recebido isso dos nossos antepassados, mas do muito que nos devemos prezar e conservar, por ser a nossa riqueza, o nosso tesouro e a nossa beleza, que temos a obrigação de preservar e transmitir às futuras gerações.

Sempre é verdade que cada qual tem o Governo que merece. Infelizmente, a política na Índia é tão repugnante, que muito poucos com um certo nível intelectual e moral, afoitam a meter-se nessa lama. Como tal, o eleitorado vê-se obrigado a votar em indivíduos corruptos e sem escrúpulo, para evitar eleger um mal maior. Da última vez, em 2017, o eleitorado rejeitou o BJP, partido do Modi e Parrikar e, assim, cedeu ao Congresso 17 assentos contra os 13 do BJP. Contudo, com o apoio de pouco mais de meia dúzia de Membros eleitos para a Assembleia Legislativa, traíram o eleitorado após terem prometido nunca apoiar o BJP, e assim, formaram Governo. E depois seguiu-se um drama. Uns saíram do Congresso e disputaram eleições novamente sob a bandeira do BJP e dez arrebanhados do Congresso entraram em massa no BJP. O Supremo Tribunal, que tem de decidir se essa entrada é válida ou não, talvez leve anos a arrumar o assunto, deixando muito provavelmente os imbecis concluir o mandato.

O problema que hoje Goa enfrenta é bastante sério, pois se antevê um propósito de destruir a

For the last several decades, there have been continuous and systematic attempts at destroying whatever is precious to Goa: its beauty, environment, beaches, hills, trees, fields – everything that is dear and close to the heart of Goans. Goan politicians had already shown earlier their true colours by jumping, like monkeys, from one Party to another, thus bringing about not only disrepute to Goa but destabilizing Governments at the drop of a hat. In 2017, the BJP was rejected and managed to secure only 13 seats, while the Congress got 17. But with Modi in power at the Centre, BJP cobbled a majority with some unscrupulous elements who, even on the previous day, had sworn not to support the BJP and were showering insults on Parrikar. No prizes for guessing how things worked for the BJP not only in Goa but in many other States, where Governments were formed by the Congress or other parties and were dethroned unceremoniously. In Goa, 10 Congressmen later walked into the BJP, while the BJP sacked a few of their original supporters. So, betrayal paid in the same coin. That is how democracy works in India – the world's largest in numbers… Maybe some world democracies should learn some such tricks from India….

But what is unacceptable is the way the BJP is trying to destroy Goa. In the name of development, destruction of fields, hills, heritage houses, forests, wild animal habitats, etc. are planned to help the

Figura 1. Parque Natural de Molém, atualmente sob séria ameaça | *Mollem National Park, currently under serious threat* (courtesy: Omkar Dharwadkar).

riqueza da nossa floresta, o nosso meio ambiente, a nossa fauna e o habitat de animais que vivem na região montanhosa. Tudo para satisfazer os amigos capitalistas industriais do Primeiro Ministro indiano, como Adani, Jindal e outros dessa espécie. Pode acreditar-se que as ferrovias, principalmente o South Western Railway (SWR) estão a planear a expansão, com uma linha ferroviária acrescentada somente para o **TRANSPORTE DO CARVÃO** para as indústrias de aço no Karnataka e Madhya Pradesh, sem qualquer benefício para Goa. O antigo Ministro Chefe de Goa, o falecido Manohar Parrikar, aliás responsável pelos muitos danos que Goa experimentou, rejeitara o pedido de expansão em 2013, sublinhando que isso não traria qualquer beneficio para Goa. O Ministro do Estado para Ferrovias, Suresh Annaddi, falecido

*capitalist supporters of the BJP – Adani and Jindal, friends of PM Modi – who are **IMPORTING COAL** from Australia, unloading at Mormugao Port and transporting it to their steel plants in Karnataka and Madhya Pradesh. Do it, by all means, although coal is now on its way out in the world as being a very dangerous factor responsible for pollution, but surely not through Goa. Don't make Goa a coal hub and a coal corridor. Why can't Karnataka use its own ports for this purpose? A photograph is available of Adani shaking hands with Prime Minister of Queensland, Australia, in the presence of Adani. It is also a known fact that in 2014 Modi used Adani's chartered flights for his election campaign.*

*There are now three major projects cutting through **MOLLEM NATIONAL PARK**, Mahaveer Wild Life*

recentemente, já ameaçara levar esse projeto para qualquer outro Estado, caso Goa não concordasse em aprovar 150 acres de terreno. Mas, infelizmente, Goa tem políticos servis que prezam mais os postos que ocupam e se prontificam a sacrificar a sua terra e a sua gente para satisfazer a ganância dos seus superiores. O próprio Ministro Chefe Pramod Sawant propôs às Ferrovias que invocasse o draconiano Railway Act para expropriar à força os proprietários. O porto utilizado para descarregar o carvão é o de Mormugão, de onde é depois transportado para além fronteiras por via ferroviária, rodoviária ou marítima. Ora, o carvão é prejudicial para a saúde. Em Vasco da Gama, muitos habitantes queixam-se que o soalho e a mobília ficam cobertas de pó de carvão, assim como famílias que vêm a sofrer de problemas pulmonares, provavelmente por aspirarem resíduos de carvão. Mesmo entre as mortes por Covid-19, um bom número ocorreu em Vasco da Gama e Mormugão. Além disso, essa linha adicional de ferrovia obriga à aquisição de terreno que irá também destruir muitas casas, algumas construídas há bem mais de um século. Pessoas idosas, que aliás não saem de casa por causa da pandemia, foram intimadas a comparecer perante o Tesoureiro propositadamente para a aquisição. Esse projecto que é conhecido como **PARQUE NACIONAL DE MOLÉM**, vai danificar o arvoredo com o abate de mais de 50 mil árvores. Todos os rios de Goa foram nacionalizados e são conhecidos por números e não pelo seu nome, assim como as autoestradas. Já não serão conhecidos como Zuari, Mandovi, etc. Tudo isso, sem qualquer benefício para Goa e danificando o modo de vida dos pescadores.

Um outro problema grave é o desvio das águas do **RIO MHADEI**, com o qual Karnataka está a ser beneficiado pelo Governo Central para agradar esse Estado, que tem um bom número de Membros no Parlamento, enquanto Goa só tem três. E esse desvio vai afectar Goa dramaticamente, principalmente no que respeita à água potável.

Todas essas medidas que os Governos, local ou Central, vêm tomando, são contra os interesses de Goa e da sua população. Os goeses, em geral, estão convencidos de que, embora isso seja com conivência de certos goeses desnaturados, na realidade é a

Sanctuary: the expansion of the railway line, with an additional one from Hospet to Vasco da Gama; widening of the national highway, and a power transmission line – all these to allow Goa to become a coal corridor. In 2013, before Modi could come to power, Parrikar had opposed expansion of the railway line, which he had said was meant for coal transportation. But now that Modi is in power and Adani is his friend, things have changed. The present CM has gone a step further and told the Railways to invoke the draconian Railway Act and forcefully take over the land from the owners. Goa has been in the boil for the last two months or more on this issue, with large demonstrations and protests taking place despite Covid-19 restrictions. Over 50,000 trees are scheduled to be felled for the projects. Even the transmission line is needed for powering coaches transporting coal.

*Diversion of waters of the **RIVER MHADEI** is another issue plaguing Goa, where the Centre is favouring Karnataka because of its numbers in Parliament, while Goa being a small State has only three Members. This diversion might eventually give rise to shortage of drinking water in Goa.*

Goans have not lost sight of the fact that whatever is happening in Goa today, though with connivance of some unscrupulous and characterless Goan politicians, is actually happening for want of safeguards which ought to have been discussed and decided when Goa was unceremoniously handed over to India on a platter in 1974, by the then Socialist Government of Portugal, when Mário Soares was the Foreign Minister. Though Goans born before 19 December 1961 were Portuguese citizens, today they are not entitled to dual nationality, which issue ought to have been discussed by the two countries at that time. It became very clear to Goans that Portugal sacrificed the Goan people to safeguard their own reputation which had got tarnished due to its colonial policies. Portugal was anxious to erase that stigma at that time. Incidentally, the Government which signed the Treaty with India belongs to the same Party which rules Portugal now, with António Costa of Goan origin as Prime Minister.

consequência de Portugal ter cedido Goa à India sem quaisquer contrapartidas ou garantias. Portugal achou expedito em 1974 entregar Goa à India, sem salvaguardar os direitos dos goeses, por ter perdido, entretanto, muita popularidade e prestígio devido à sua política colonial. Fez isso com grave prejuízo para os goeses, que nunca se esqueceram dessa traição que veio a sacrificar o futuro dos goeses.

Notas Biográficas | *Biographical Notes*

José Maria Miranda, foi Gerente Sénior do Bank of India (NRI Cell). Mais tarde, foi Gerente da Área de Goa para uma conhecida empresa de câmbio de dinheiro, talvez a mais antiga, com sede em Mumbai. Activista social apaixonado por Goa, tem actuado na imprensa há décadas. Ele não se considera um escritor, mas alguém que fala do coração, com franqueza e ousadia – sem papas na língua – sobre questões relativas a Goa e os Goeses.

José Maria Miranda, *worked as Bank of India's Senior Manager (NRI Cell). Later, he was Goa Area Manager for a reputed and perhaps the oldest, Mumbai-based money exchange company. A social activist passionate about Goa, he has been active in the Press for decades. He does not consider himself a writer but someone who pours his heart out candidly, bluntly and boldly on issues concerning Goa and Goans, never hesitating to call a spade a spade.*

Bananeira (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

Moronn iena mhunn...

Damodar mauzo-hachi lhan kotha

Porque não vem a morte…

Um conto de damodar mauzó

Damodar Mauzó

Contista, romancista, crítico e roteirista da língua concani | Ativista social e cultural, Goa (Notas biográficas no fim)

Short story writer, novelist, critic and scriptwriter in the Konkani language | Social and cultural activist, Goa (Biographical notes at the end)

Devanagarintlem Romi lipiantor ani Portugez bhaxantor korpi

Transliteração do concani em caracteres devanagáricos para romanos e tradução para português – por Óscar de Noronha

Transliteration from Konkani in Devanagari scripto to Roman script and translation into Portuguese – by Óscar de Noronha

Donpar zal'li. Vot samkem dusman zal'le bhaxen angache kuddke kaddtalem. Ponda zomin ani voir vell. Randnicher dovoril'lia dhondsavari soglle jiv hulpatale. Charui vatten rokh'rokh.

Mai ken'na kobar zalo. Jun-ui sompot aila. Pavsachem nanv nam. Dhortori taplea. Udkak haphaplea. Tanen tanelea. Aaxen babddi mollbak dolle laita. Punn mollban ek kup legit dixtti podna. Roddkuri portota ti. Punn golloitli mhollear dollean ek olem dukh legit iena.

Ambe, ponnos, vodd, madd soglle babdde bhavun geleat. Panam zoddleat. Ani zancher asat tim korpun geleat. Ani zhaddam! Moronn iena mhunn jietat. Vhoddlea rukhamchi oxi ghot. Magir tonnanchi and zhompachi khobor kitem vicharta! Tonnan dhortorek ken'na sodil'li. Tea zagear fokot renv dixtti poddta. Ani zhompam? Tanchea zagear distat ubeo boddio.

Xetam ani mollam ekuch distat. Bhãio ekan'ek poddong poddleat. Tollim sukun geleant. Thõicho rebo legit sukun fator zala. Ganvant ravpi moniszat

É meio-dia. O sol, qual inimigo implacável, agride brutalmente a pele. O chão cá abaixo, o céu lá acima, e ardem as criaturas como as brasas do fogão a lenha! De todo o lado, um calor de escaldar.

Já lá foi o mês de maio, e o de junho está quase no fim, porém, não há sinal da monção. O solo quente, seco e mirrado de sede, olha súplice para o céu. Não há uma só nuvem no firmamento. Volve então os olhos queixosos, mas ai, não era capaz de verter uma só lágrima.

As mangueiras, as jaqueiras, as árvores de gralha e as palmeiras – murcharam todas elas, coitadas. Queimaram-se as folhas; as sobreviventes estão crestadas. E as arvoretas! Ora bem, vivem porque não lhes veio a morte…. Se é esse o estado das árvores, nem queira saber o que é da erva e do arbusto! Há muito que a erva se desenraizou, e ora lá se vê só areia. E os arbustos? Encontram-se no seu lugar umas esguias estacas.

As várzeas confundem-se com as hortas. Os poços

ganv soddun pois gelea. Sovnnim sogllim dusrea dexant geleant. Gorvim sogllim morun geleant. Jogun vattavn uril'lea jiv moronnachi vatt polloitat.

Ani oslea vellar, donparchea kaddar ek henvallem aplea pilak borobor ghevn khõi tori veta. Soddsoddit cholta tem! Oslea vellar ani cholpachi mannsuki asa? Tantun henvallem tem! Sogllem ang bhuiek ghasun cholop tachem. Ang samkem lasta astalem. Punn henvalleak tachi jannvik asa-xi disona. Tem pilak samballit fuddem sorot asa. Konnui polloit zalear taka pixant kaddle bogor ravcho na. Punn… asa konn taka polovpak thõi?

Xetantlean, molleantlean, banda voilean tem cholta. Modinch madd dislo mhonntokir tem savllent khinnbhor ravn huskare soddta ani pilak ghevn fuddem cholpak lagta. Khõi veta tem tachem takach khobor asona.

Veta veta taka ek xet lagta. Avoi mhojea! Kedem vhoddlem xet hem. Punn ievzupak vell na ani votant ubem ravpachi mannsuki na. Bandha voilem denvun tem atam merê voilean cholpak lagta. Avoi avoi! Taka pollovpak thõi konnui asto tor tachi kakllut korun sanglem bogor na ravto – 'Henvallea, aslea donparchea koddar kiteak veta tum? Poltoddin pavxi tori mugo? Jiv vochot tuzo. Fattim sor ani hea bandhar io. Sanz meren rav hea vodda kuxik!...' Punn henvallem tem aikupak naxil'lem. Tem ullovnnem monaruch ghenvchem naxil'lem tem. Choddxem zalear vetam vetam sangtem – 'Arê, baba, suseg ghevpak vell konnak asa? Ani veta veta melem mhunn porva konnak asa? Atam moronn iena mhunn…'Hea xetacheo merôi-bi kosol'leat. Fokot renv lagta angak. Hun'hunit renv! Henvalleak iad zata – ek dis chonnekar Juze-lea ghorant undrachea pilak dhorpak mhunn gel'lem tem! Thõi tannem kuxik ravn polloil'lem Juzen ek vhodd matie budkulo ujear dovril'lo. Tantun renv ghal'li. Ti tapt'kir tannem tantunt chonnem votil'le ani magir… choltam choltam ang xirxirl'lem tachem. He hun'hunit renvent apunnui bi tea chonnea bhaxen –

Hush'sh'! Henvallem huskarlem. To polloi bandh. Bandha degeruch ek zhadd asa bibeachem. Savlli tori mellteli matxi. Henvallean chal soddsoddit keli ani tem bandhar pavlem. Nett korun voir choddlem. Rukha ponda gelem. Arê, pil khuim? Arechea! At'tam axil'lem. Akant ailo tacher. Dhanvlem tem bandhar

secaram um por um; e as lagoas ressecaram. Até a sua lama se transformou em pedregulho. Os seres humanos da região safaram-se para terras longínquas. Os pássaros migraram para outros países. Pereceu o gado. Tudo que sobrevive espera a morte.

Nesse sol abrasador do meio-dia, passa por lá uma cobra-d'água levando consigo o seu rebento. Vai em ritmo acelerado. Faria algum sentido sair a essa hora? De mais a mais, é cobra, cuja natureza é de se arrastar pelo chão. Devia-lhe arder o corpo; pelos vistos, a cobra-d'água não se dá conta disso. Vai andando, com os olhos postos no filho. Quem visse essa cena não deixaria de lhe chamar louca. Mas... quem vai reparar nisso?

A cobra-d'água atravessa várzeas, hortas e valados. Deparando com um coqueiro, à sua sombra faz uma breve pausa; suspira e põe-se de novo a caminhar com o filhote. Ela própria não deve saber para onde vai.

A certa altura, encontra uma várzea. Ó minha mãe! Que tamanha que ela é! Mas evitando pensar nisso e de se deter na soleira, desce do valado e percorre os cômoros da várzea. Ó senhora minha! Quem a visse agora, não deixava de lhe dizer com dó: "Cobra-d'água, por que andas à soalheira do meio-dia? Contas pelo menos chegar ao outro lado? Cuidado com a tua vida! Melhor era voltares atrás para este valado. Fica ao pé desta árvore-de-gralha até à tardinha!..." Mas a cobra-d'água não se dispunha a ouvir. Nem tomaria a peito esse conselho. Quando muito, diria de passagem: "Olha, não há tempo para descansar! E que importa que eu morra no caminho? Ora, só porque a morte não vem..."

Essa várzea tem até os cômoros já desmoronados. Só se faz sentir a areia, essa areia quente! Lembra-se de quando, à cata de um rato, entrara na casa do José, vendedor de grão assado. Ficara num canto a observá-lo. O José havia deixado ao lume uma grande panela de barro, em que metera areia. Sobre esta, depois de bem aquecida, vazara grão, e ora... ao caminhar, arrepiou-lhe o corpo, de se imaginar ela própria o grão sobre a areia!

'Ai-ai!' suspirou a cobra-d'água ao ver um valado que, à borda, tinha um anacárdio – árvore de bibó! Ansiando por um pouco de sombra, acelerou o passo

savn. Polloit zalear sokoluch asa tem pil. Voir choddpak zaina zatlem oxem mhonnun henvallean sokol uddki marli. Ab'ba! Hem ozun oxem oggi kiteak poddlam? Angak thond thenkov'n polloi zalear –

Dukhi monan henvallem voir sorlem. Tea pilak ghevn voir choddpa itli legit xokt tachea angant naxil'li. Tea rukha ponda tem boslem. Ievjita ievjita taka ek ek gozal iad zavpak lagli.

Tea pilacho bapui astana henvalleak khãich unnem naxil'lem. Magta tem to haddun ditalo taka. Kitlo mog axil'lo tacho bhurgeancher! Punn… Devachean tem polleunk nozo zalem. Ek dis to khavpak sodunk mhunn bhair gel'lo. Thõi to tanen tanel'lo mhunn udok sodunk laglo. Eka ghora kuxik manneant ek bhann axil'lem. Tanel'lo jiv! Pottbhor udok pit'lom mhunn tannem tokli bandda bhitor ghali. Itlean eka duxtt monxan tache fattir boddi marli. Fatticho manddko moddlo tacho. Tosoch lip-lipot to ghora ailo. Khub upai kelo – punn…

Henvalleak dixil'lem atam apnnei morchem…. Kitem korchem asa jitem ravn? Punn na! Morta astana ghovan taka sangil'lem, hea bhurgeank bore bhaxen voir kadd. Hoi! Hea don bhurgeam khatir mhaka jitem ravunkuch zai. Punn noxibuch futtkem! Donui –

Gim somplo punn pavsuch na. Bhãio sukleo. Tollim attlim. Vokhdak legit udkacho themb na zalo. Oslea vellar torektora korun henvallean pilank poslim. Khasa apunn upaxim ravlem. Punn tankam pottak marli nat. Punn zhõi dhortorekuch udok mellna thõi ti tori khõichean ditli? Udok udok mhonnit ek pil gelem. Urlim dogam. Pil ani avoi. Sogllo ganv rito zalo. Sorop, divodd, soglle gele. Ul'lem tem henvallem. Babddem az na faleam pavs aile bhogor ravcho na mhunn axen ravil'lem. Punn samkench ranv nozo zalem toxem tem uttlem. Santtlim-pottli soglli udovn, pilak ghevn tem bhair sorlem…. Ani atam tem pilui bi taka soddun gel'lem.

Henvalleachea dollean don dukham gol' lim.

'Roddta kiteak go tum, henvallea!' okosmat avaz ailo, maiest avaz. Henvalleak ugddas ailo – aplea ghovacho. Ani tachea dolleantlean anikui don dukham ghollim.

'Oxem roddunaka pollov'ia!'

Henvallean ojapan polloilem. Bandhar tor konnuch na. Ek zhadd legit na. Fokot bibea zhadd soddlear.

e chegou-se ali. Subiu com algum esforço e meteu-se debaixo da árvore. Ó senhor! Onde está o seu filho? Até há pouco estava com ela. Aflita, voa pelo trecho do valado, quando afinal estava mesmo lá em baixo. Julgando que tinha dificuldade em subir, a cobra-d'água saltou, para prestar ajuda. Caramba! Porque está assim inerte? Ela só dá com o caso quando lhe toca com a cara….

Com a morte na alma, subiu de novo ao valado. Não tinha o mínimo de forças para levantar o corpo do filho. Sentou-se debaixo da árvore, a pensar. Passaram-lhe então pela mente um incidente após o outro.

Quando vivia o marido, não faltava nada à cobra-d'água; satisfazia-lhe todas as necessidades. E como adorava ele os filhos! Mas… não era essa a vontade divina. Um dia, o marido teve de sair à busca de alimento. Como tivesse muita sede entrou numa pia anexa a uma casa, à procura de água. Estava lá um caldeirão. Ó que sede de água! Desejando satisfazê-la, meteu a cabeça nessa panela. Entretanto, um malvado quebrou-lhe a coluna vertebral com uma paulada nas costas. Mesmo assim, a cobra-d'água, às escondidas, arrastou-se até à casa. Tentaram de tudo para a salvar, mas...

Ora, a cobra-d'água sentia vontade de morrer... Que tinha mais a fazer na vida? Mas não podia ser! O marido, à beira da morte, havia-lhe aconselhado a tomar conta dos filhos. Por isso, viveria só por amor aos dois. Porém, foi cruel o destino! Ambos –

Já o verão estava no fim, sem que houvesse o menor indício de chuva. Secos os poços e ressequidas as lagoas, nem para mezinha havia sequer uma gota de água. Nessas circunstâncias, a cobra-d'água superou todos obstáculos para cuidar dos filhos. Privou-se a si própria, mas não os filhos. Donde é que lhes arranjaria água dado que à própria terra escasseava? Entretanto, de sede morreu-lhe uma criança; e ficaram elas duas, a mãe e uma outra. Esvaziara-se toda a região. Haviam partido as serpentes, as cobras de rato e todas outras. Ficara só a pobre cobra-d'água, na expectativa de que viesse a chuva sem mais delongas. E só quando não podia mais, abandonou os seus bens, pegou no filho e partiu... E agora, este mesmo filho deixou-a!

Bibea zhadd tor nhoi mu?

'Hoi. Hanvuch to bibo uloitam. Tum roddta kiteak?'

Bhoril'lea dolleamnim henvallean tea rukhak polloilem. Tachem dukh ekdom lhov zal'le bhaxen taka dislem. Ek vhodd suskar soddun henvallean soglli gozal taka sangli. Bibo! Vaitt dislem taka aikun. Punn kortolo kitem? Suskaro soddun to oggich ravlo. Henvallean vicharlem: 'Bibea, tum ektoch hanga asa? Tuka vaz iena?'

'Kitem kortolom? Poili mhojea sangatak vali axil'leo. Zompam axil'lim. Te deger ek kovathoi axil'lo. Punn… punn az hanv hanga ekttoch asam. Dis meztam. Tea kovatheachi iad zali mhonnttokir vaitt dista mhaka. Azun bondde legit ievunk naxil'le taka. Gelo bhavddo!'

'Vichartam mhunn ragar zanv naka, bibea. Tum jieta kiteak?' henvallean vicharlem.

Kãi vell ogi ravn bibean zap dili, 'Mhoje jinnent atam kãi orth na. Hanv boro zannam, faleam ek dis hanv mortolonch. Hanv jietam, henvallea, mhaka moronn iena mhunn jietam –'

Bibo moronn iena mhunn jieta! Ani hanvui moronn iena mhunn jietalem? Na! Hanv jietalem mhojea bhurgeam pasot – punn atam mhozo konn asa? Hanv kiteak jievum?

'Mhaka kolltta. Henvallea, tuje vichar mhaka kollttat. Mhojem aik. Hea sonvsarant zaite jiv asat. Khub zann nirxeleat. Zaite zann apnnalim kortubam, apnnalem kortovio korun meklle zaleat. Punn te mornnacho vichar korinat. Te ogi bosun jietat. Mornnachi vatt polloit. Tuvem morunk favna. Mhojem aik. Hangasan udentek sat att konsar ek tollem asa. Lhan'xench asa. Tum thõi vochun rav. Azun meren thõi konn pavunk na. Ani konnui pavotxem disona. Tum thõi rav. Chol, atam tunvem moronn iena mhunn tori jievunk zai.'

Henvallem uttlem. Bibeak polloun tache dolle bhorun aile.

'Henvallea, mhojem ek kam' korxit?'

'Sang, bibea, tum sangta tem aikotam hanv. Sang, hanv hangach ravum?'

'Na, henvallea, hanga ravlear tum jievchem na. Tuvem vochumkuch zai. Punn voch'chem fuddem mhojem ek kam kor…' bibeacho avaz katortalo. 'Mhoino zalo, mhoje sori konnuch jiv ievunk na. Az tum ailam. Upkar korun mhojea angar ekuch favt

A cobra-d'água derramou duas lágrimas.

'Porquê choras, cobra-d'água querida?' – de repente, ouviu ela uma voz, afectuosa, que lhe fez lembrar a do marido – e logo rolaram mais duas lágrimas.

'Por amor de Deus, não chores assim!'

A cobra-d'água, cismada, lançou um olhar ao redor. Não estava ninguém no valado; além da árvore de bibó, nem uma planta sequer. Então, seria mesmo o bibó–?

'Sim, sou eu mesmo, o bibó, que te estou a falar. Porque choras?'

Fitando a árvore, com os olhos marejados de lágrimas, e a sentir-se já um tanto aliviada da dor, soltou um grande suspiro e contou-lhe a sua história. Comoveu-se muito o bibó! Mas que podia ele fazer? Suspirou e guardou uns momentos de silêncio. Perguntou-lhe então a cobra-d'água: 'Ó bibó, estás aqui só, não estás? Isso não te aborrece?'

'Que remédio? Dantes, tinha a companhia das trepadeiras e dos arbustos, e ali na borda estava uma palmeirinha. Mas... mas hoje, estou cá sozinho, a contar os dias. Quando me lembro dessa palmeirinha, fico triste! Nem coco verde chegou a dar; entretanto, foi-se embora, coitada!'

'Não leves a mal esta pergunta, bibó!... O que te faz viver?'

Dentro em pouco, respondeu o bibó: 'A minha vida já não faz sentido. Sei muito bem que mais dia, menos dia, hei-de morrer. Estou vivo, cobra-d'água... estou vivo somente porque não vem a morte!...'

O bibó vive porque não lhe vem a morte! Também eu vivia porque não me vinha a morte? Não! Vivia mas era por causa dos meus filhos – e sim, quem tenho eu agora? Porquê viver?

"Entendo. Ó cobra-d'água, já sei o que estás a pensar. Ouve bem! Existem muitas criaturas no mundo. Umas estão desapontadas; outras sentem-se livres por terem já cumprido os seus compromissos, os seus deveres. Estas não pensam na morte; vivem pacatamente, aguardando a sua hora… E tu não deves morrer! Ouve lá! Existe uma lagoa a umas sete ou oito léguas a leste daqui. É pequenina. Vai tu ficar nesse lugar. Ninguém conhece o sítio, e não me parece que chegue lá alguém! Vai lá viver. Pronto, tens de

mekllleponnan bhonv…'

Sor'sor korun henvallem voir choddlem. Tengxer pavlem. Khandar choddlem. Hatacher bhonvlem. Aplem dukh visrun tem khell'lem. Nachlem. Magir sokol denvlem. Bibo khuxalbhorit zalo. Ek favt aplea pilak dollebhor polloun ani bibeacho ontoskoronnpurvek nirop ghevn henvallem udentek thondd korun cholpak laglem.

Tench rokhrokhit vot. Sanjevell zait ailea punn bhuim titlich hun asa. Vell ostontek lokla. Korta korta sanjevell zata. Vot denvta. Na zata. Tambddim kirn'nam dhortorecher pattollttat. Sodam hea vellar voklevori dispi dhortori az hantunnar poddil'lea vaittkara bhaxen dista. Soimek ail'li hi avkalla polloit henvallem fuddem sorta. Tinsanz zata. Rat sorta, fantodd zata. Henvalleak jem ieta. Punn nhid kaddpachi mannsuki na. Nhidlear thõich sust nhid lagli zalear? Poilim tea tollea kodden pav'ia. Aast! Tinnem konnak soddlam?

Porot donpar! Porot rokhrokh! Mat legit suseg ghenastanam henvallem vatt cholta. Donpar sorta. Tillsanz zata ani… Arechea! Tim zhaddam oxim koxim zogleant? Charui vatten sukheo boddio koxim zhaddam ani modinch panchvea pananchim zhaddam koxim? Ojapan henvallem fuddem sorta.

… Hench tem tollem! Tollea degevoilim zhaddam him, mhunn togleant borim! Zanv! Pavlem nimannem kodden. Ab'ba! Ani udok tori kitlem nivoll! Kãi vell ojapbhorit zavn henvallem thõich ubem ravta. Magir ekdom' zagear ievn fuddem sorta. Udka moreant ieta. Tanel'li jib udkak tenkovpak taka iad ieta ghorkarachi. To udok pietnach mel'lo! Bhurgeanchi – udkak vollvollun tanni sonvsar sodil'lo! Ani bibo udok nasun morta – morn'nachi vatt polloita, moronn iena mhunn jieta!

Kallok zata. Rat mond pavlamnim ieta. Henvallem fuddem sorta. Udkant veta. Kitlea disanim tem az udok polloita. Pottbhor pievn gheta. Nachta, khelltta, penvta. Ani dolle jemetat. Henvallem nhidta.

Gasgass! Gasgass! Fanteaparar ho avaz koslo mhunn tokli voir kaddun polloi zalear monxam dixtti poddtat. Bhievn henvallem tokli bhitor ghalta. Portun tokli voir kadd zalear udkacho ghogo vanvta ani tem udok eka truck-hacher ttank'ient poddta. Henvalleak sot'tt zata. Tannem adim polloil'lem xetant pump lavn

viver, pelo menos porque te não vem a morte."

Levantou-se a cobra-d'água; olhou para o bibó e começou a lacrimar.

'Cobra-d'água, queiras fazer-me um favor!'

'Diz, bibó, diz! Estou às ordens. Queres que eu fique aqui mesmo?'

'Não, cobra-d'água. Se ficares aqui, não viverás. Tens de ir mesmo. Mas antes disso, faz-me este favor...' disse o bibó, emocionado. 'Há mais de um mês que não vejo nenhum ser vivo. Hoje vieste tu. Seria um favor se por uma última vez serpeasses, à vontade, sobre o meu corpo…'

A cobra-d'água subiu num instante. Chegou até ao topo, trepando-lhe o ombro e enrolando-se-lhe à mão. E desprezando a sua própria dor, brincou e dançou, antes de descer da árvore. O bibó ficou muito contente. Então, a cobra-d'água volveu um derradeiro olhar ao filho e uma comovente despedida ao bibó, e pôs-se em direcção a leste.

O mesmo impiedoso sol. Chega o final da tarde, mas a terra está quente na mesma. O grande astro, a caminho do ocaso. Chega a tardinha. Põe-se o sol e some-se. Os seus raios vermelhos espalham-se pelo chão. A terra, que sempre a esta hora se apresentava tal qual uma noiva, parece hoje muito enferma. A cobra-d'água volta a andar e sempre a lamentar esse triste estado ambiental. Passa o lusco fusco e vem a noite, e ainda a aurora. Entretanto, a cobra-d'água, sonolenta, não se atreve a repousar: que será dela se inesperadamente cair num sono profundo? Tinha de chegar quanto antes àquela lagoa…. Ó esperança, já algum dia esqueceste alguém?

Mais um meio-dia; e o mesmo calor ardente! A cobra-d'água segue o seu caminho, sem o mínimo de descanso. Passa o meio-dia e vem o crepúsculo… Que é isso? Como secaram assim as plantas! De todos os lados parecem elas uns postes desnudados, e ainda no meio delas, umas plantas viçosas! Espanta-se a cobra-d'água, mas não se deixa ficar por lá.

…. Era esta a tal lagoa! Haviam sobrevivido as plantas, só por estarem à sua margem! Seja como for, a cobra-d'água chegou! E então, que límpida essa água! Fica a cobra d'água a admirá-la por uns momentos. Logo depois, saindo do seu transe, vai até à beira da água. E quando a ia tocar com a

udok uspitat tem! Padda poddum he monis zatichem. Khõichean tankam hi khobor kol'li Dev zanna! Atam hem udok te vhortole. Il'lem il'lem korun somptolem hem udok! Ani… ani… magir –

Udok denvta. Ordhem zata. Thoddem urta. Ani – 'Arê, tem polloiat. Henvallem!' konn tori add'dota.

'Boddi hadd re ti!... Tum oso io…'

Henvallem dolle dhampta. Taka ugddas ieta – ghovacho. Ghovachench moronn apnnakui ietlem mhunn khinnbhor borem dista. Bhurgeancho ugddas ieta – borem zalem, poilim gelim tem! Ani to bibo! Azunui to moronnachi vatt pol'loit astolo! Moronn iena mhunn….

'Ã…'

'Xabass, dhop'keak uddoilem mure!'

sua língua sequiosa, lembrou-se do marido. Morrera precisamente ao beber água!... E dos filhos – haviam deixado o mundo angustiados por falta de água para beber!... E morre o bibó por não haver água – anseia morrer, mas vive só porque lhe não vem a morte.

Escurece. Com passos suaves, vem a noite. A cobra-d'água avança. Mergulha-se na água; há dias que não a via! Bebe até dizer basta; dança, brinca, nada, cai de sono… e dorme.

Splash! Splash! Desperta a cobra-d'água, intrigada com esse som logo à aurora, e vê lá gente! Cheia de medo, afunda rapidamente a cabeça; e quando a retira, vês um jorro de água a encher um camião-tanque. Assusta-se! Em tempos, vira bombear a água duma várzea. Que raio de seres humanos! Só Deus sabe como descobriram essa lagoa! Irão levar esta água e dentro em pouco não haverá mais! E… e… depois –

Baixa o nível da água; reduz-se a metade; e logo resta lá muito pouca… E –

'Ei! Vejam aí, uma cobra-d'água!' grita alguém.

'Traz-me um pau!... Anda cá….'

A cobra-d'água cerra os olhos. Tem saudades do marido e sente-se feliz por saber que vai ter morte igual à dele. Tem saudades também dos filhos – foi bom terem partido antes dela! E aquele bibó! Deve estar ainda a aguardar a morte! Porque não vem a morte….

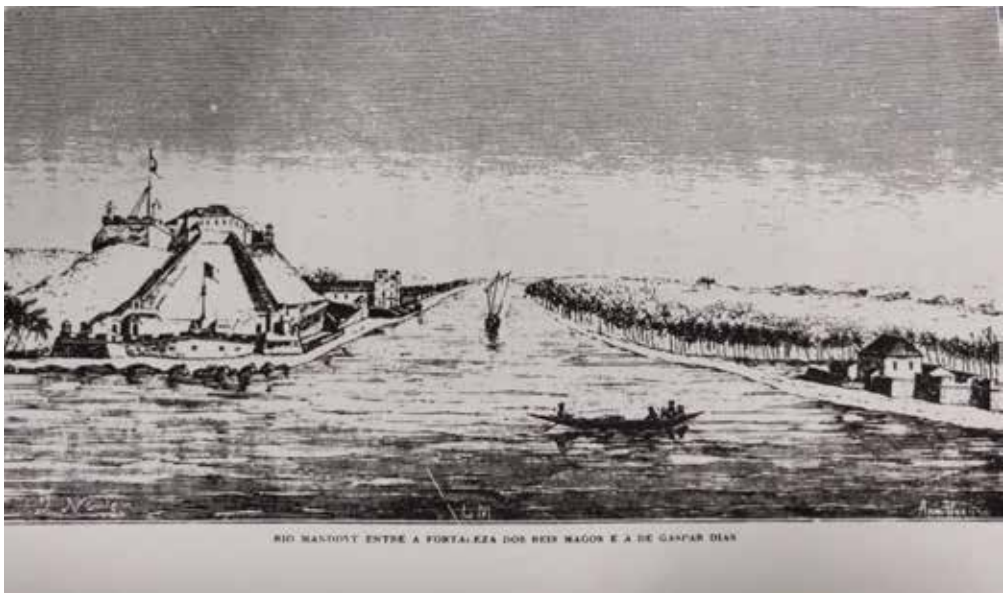
'Ai!'

'Valente! Foi um golpe de mestre!

Biographical Notes | Notas Biográficas

Damodar Mauzo, (b. 1944, Majorda, Goa) is a short story writer, novelist, critic and scriptwriter in the Konkani language. He has authored 18 books, including four novels and six short story collections, some of them available in English translation. His collection Teresa's Man was nominated for the Frank O' Connor International Award (2015) and his Sahitya Akademi Award-winning novel Karmelin translated into fourteen languages. He writes non-fiction in English and published Ink of Dissent (2019). He has written award-winning screenplays and dialogues for Konkani films, and some of his stories have been adapted for national television. Winner of several literary awards, he was president of Akhil Bharatiya Konkani Sahitya Sammelan and of Konkani Bhasha Mandal (Goa). He was a member of the executive board and finance committee of Sahitya Akademi, New Delhi, and a member of jury for many national level literary awards. He is co-curator of the Goa Arts and Literature Festival, founding member of PEN-South India, a writers' collective, and a social and cultural activist, with an important intervention to his credit in the on-going environmental movement in Mollem.

Damodar Mauzo, *(n. 1944, Majordá, Goa) é contista, romancista, crítico e roteirista da língua concani; autor de 18 livros, incluindo quatro romances e seis coletâneas de contos, alguns deles traduzidos em inglês. A coletânea Teresa's Man foi nomeada para o Prémio Internacional Frank O'Connor (2015) e o romance Karmelin, vencedor do Prémio Sahitya Akademi, traduzido em 14 idiomas. Estando acostumado a escrever não-ficção em inglês, veio a publicar Ink of Dissent, no ano de 2019. Foram premiados vários dos seus roteiros e diálogos para filmes em concani e os contos adaptados pela televisão nacional. Vencedor de vários prémios literários, Mauzó foi presidente do Akhil Bharatiya Konkani Sahitya Sammelan e do Konkani Bhasha Mandal (Goa); membro do Conselho Executivo e Comité de Finanças da Sahitya Akademi, Nova Delhi, e membro de júri de muitos prémios literários a nível nacional. É co-curador do Goa Arts and Literature Festival e membro fundador do PEN-South India, um coletivo de escritores. É ativista social e cultural, com intervenção proeminente no recente movimento ambiental de Molém.*



Rio Mandovy (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)

"The Fado in Goa is going to be a revolution!"

- says Goa's famous fadista **Sónia Shirsat**, in a chat with **Óscar de Noronha**, in the first episode of the radio programme Renascença Goa.

"*O Fado em Goa vai ser uma revolução!*"

- diz a conhecida fadista goesa, Sónia Shirsat, em conversa com Óscar de Noronha, no primeiro episódio do programa radiofónico Renascença Goa.

You can listen to the original interview in Portuguese on the YouTube channel of Renascença Goa, by using the following link: https://www.youtube.com/watch?v=MUDFr-

Figure 1. Sónia Shirsat with Óscar de Noronha, in the first episode of Renascença Goa

O.N.: *Let's begin our chat with an incident that occurred in November 2017, that is, two months ago. Sónia, you received the Ustaad Bismillah Khan Yuva Puraskar (national Youth Award) from the Government of India, in the traditional music category which included Mandó, Dulpod, Dekhnni, Konkani Tiatr music and even… the Fado!!!*

S.S.: That's true!!

O.N.: *That's a great achievement, for it was finally Sónia who made sure that the Fado entered the history of India, and it is now registered as part of the Indian traditional music category...*

S.S.: … traditional music of Goa!

O.N.: *Congratulations!!*

S.S.: Thank you!!

O.N.: *It is well known in Goa that you recently launched a very interesting project called 'Fado de Goa'. Could you enlighten us on this?*

S.S.: The project Fado de Goa started in the beginning of 2017 and was a result of another project from the year 2016 called 'Fado in the City' – a series of 10 concerts, at various venues in Goa. The idea was to take the Fado to audiences that had never heard, never attended a concert of Fado. At the 'Fado in the City' concerts we've always had people that neither spoke nor had any family member that spoke Portuguese. And I think this was our winning point of 'Fado in the City'. And from there appeared the second project, 'Fado de Goa'…

O.N.: *And thanks to this new project, 'Fado in the City' could well be rechristened 'Fado in the City and Countryside'!!*

S.S.: Absolutely! 'Fado de Goa' is a different project. These are not concerts but Fado classes. With sponsorship by the Taj Group of Hotels and Resorts we conduct Fado classes. What is interesting is that in Lisbon, which is the land of the Fado, there are no Fado classes, no Fado schools, no Fado teachers. There are Fado singers, obviously, because it is in their blood and soul, and the Fado is in the Lisbon air! But here in Goa, we need classes of Fado… especially the present generation needs it, for they don't have the contact that Goa earlier had… That's because Fado has existed in Goa since the 1800s. We have books that prove that the Fado was already here in the 19th century. Fado was born in Lisbon around the 1830s or 40s, and arrived in Goa as early as the 1890s, or maybe even earlier.

O.N.: *But can we be sure that it was Goans who used to sing the Fado, or was it the Portuguese that lived here?*

S.S.: The Goan people! Because the booklets that I have, which were printed and published here by Tipografia Rangel, in Bastora, have lyrics and notations of the Fado as well as the Mandó. So, it had to be for people that spoke Konkani.

O.N.: *Yes. And just out of curiosity, what were the titles of these fados?*

S.S.: There was one titled "O Órfão" ('The Orphan') and another "Fado" ('The Fado').

O.N.: *You mean, it had the lyrics as well as music notations…*

S.S.: Yes, the lyrics and the music notations! They were booklets for music students to play and sing fado, mandó and other forms.

O.N.: *Interesting!*

S.S.: Yes, indeed! So we know that the fado has been living here for all this time. Thus, it is one of the forms of traditional music of Goa.

O.N.: *And have these fados been performed in Goa? For example, how would it feel to sing "O Órfão" today?*

S.S.: I don't know if they could be performed in our time, as the language has also evolved. We are talking of a time span of 200 years back from now. Even in Portugal the spoken language is way different today. And in the fado, lyrics have evolved, the manner of writing the stanzas as well as performing the fado, has changed. So, while I'm not sure if those fados could be performed today, yes, an attempt could be made to modify those old lyrics. Maybe! Who knows!

O.N.: *Right! One never knows how it will play out… Well, let's talk now about the Fado classes. What fados are the students learning to sing?*

S.S.: In the classes that we have had it was not only

singing that was taught but also theory about the Fado, because there is a misconception in Goa that any song in Portuguese is a fado. Which is not so! So, we had to teach the rules of the fado, its history and origin, famous Fadistas – Maria Severa, Amália... of course – the instruments used in the Fado, the places where fado is sung live, areas of the Fado in Lisbon, like Alfama, Bairro Alto and Mouraria; the various categories of fado, what exactly is traditional fado, and such topics. So, it is theory as well as Fado singing that is taught…. We've already had four groups, the first being in Margão, the second in Panjim, the third in Vasco da Gama and the fourth again in Margão.

O.N.: *So there has been interest...*

S.S.: Yes! And now they've invited us to have a batch in Mapusa plus a second batch in Vasco da Gama.

O.N.: *And what are the age groups?*

S.S.: We've had batches of about 30 students and in Vasco we ended up having 60 students. From school children up to grandparents!! At times, it was such a cute sight!... There were members of the same family, like parents and children, siblings, cousins; we even had a pair comprising a grandfather and his granddaughter… studying together for the final exams. Because there is an exam for all students, written as well as orals.

O.N.: *What is the duration of the course?*

S.S.: The course is of 10 weekly classes. But at times we have needed to postpone due to school exams or feasts, we've had breaks. So considering everything, I would say it takes about 15 weeks. At the end of this, a ceremony is held where the students are presented a certificate. There are no ranks or grades given; the certificates simply say that the student has completed the course held by Fado de Goa. Because in Lisbon itself, there are no formal courses of Fado, and we are

Figure 2. Sónia Shirsat with Orlando de Noronha (Portuguese Guitar) and Carlos Meneses (Fado Guitar)

no authority to grade...

O.N.: *Who else is associated with the project? For sure, you have a team…*

S.S.: Oh, for sure! Absolutely required. The main support comes from the Taj Group of Hotels, who under their Corporate Social Responsibility (CSR) to protect a dying art form have chosen the Fado in Goa... Our team comprises Musician Carlos Manuel Meneses, who is present at all the classes, to accompany the students as they learn. We have an administrator in Marlene Meneses, who coordinates the groups, admissions, communication, etc. We have other musicians, like Orlando de Noronha and Dr Alan Abreu; and we have heads of Fundação Oriente (Goa), Instituto Camões; Spic Macay, which works to protect the classical music of India and are going to include the Fado in that list. So that's our steering committee. We have meetings to decide and steer the project.

O.N.: *So it is really a large-scale project...*

S.S.: Yes, indeed! We hope to discover 100 fadistas in Goa!!

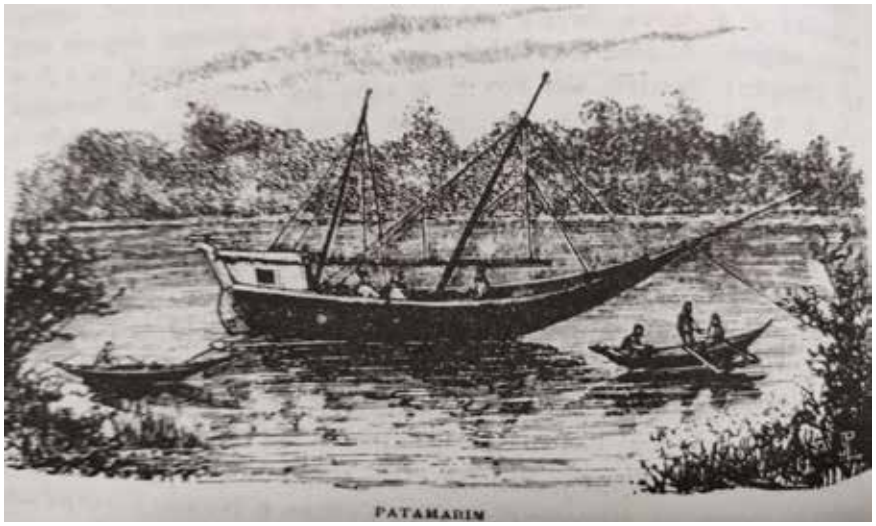
O.N.: *Excellent! And for sure you hold the key to that…. Well, talking of the Fado, you must have musicians, too... What about training musicians?*

S.S.: Yes, we do need to! From among the students of our four batches, after the exams, we've selected students to go to the next level. They are students with potential to sing and who we will train to become fadistas to sing on stage, not merely at parties… and that is where we require musicians. We hope to have a workshop – not finalised when! – of the Portuguese Guitar as well as the Viola de Fado, for sometimes we may sing the fado without the Portuguese Guitar but we can't do without the Viola de Fado! It is easy, because here in Goa we have so many extremely talented musicians who already play the classical guitar, and only need to learn the technique of accompanying the fado. That's all.

O.N.: *Very well! So, we wish Sónia all the best in the project, which doesn't look like a mere project but an adventure with the Fado!...*

S.S.: A revolution!

O.N.: *A revolution, indeed! We wish you all the best in this adventure and revolution!*



Patamarim (In: A. Lopes Mendes, *A India Portuguesa*, Imprensa Nacional, 1886)